

Patricia Noronha de Sá

**No trabalho com a linguagem, interpretações e
construções em psicanálise**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Maria Paula Frota

Rio de Janeiro
Abril 2017



Patricia Noronha de Sá

**NO TRABALHO COM A LINGUAGEM, INTERPRETAÇÕES E
CONSTRUÇÕES
EM PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Maria Paula Frota

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Helena Franco Martins

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Márcia Atália Pietroluongo

UFRJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador

Patricia Noronha de Sá

Graduou-se em Biologia pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 1982, cursou Tradução Inglês/Português no CCE/PUC-Rio em 1999. Membro da Escola Letra Freudiana, participou como membro do Colegiado da Escola de 2011 a 2016 responsável pela Função de Escrita e Publicação da Escola.

Ficha Catalográfica

Sá, Patricia Noronha de

No trabalho com a linguagem, interpretações e construções em psicanálise / Patricia Noronha de Sá ; orientadora: Maria Paula Frota. – 2017.

127 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Clínica. 3. Significante. 4. Construções em análise. 5. Construção do fantasma. 6. Linguística. I. Frota, Maria Paula. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

A minha orientadora Maria Paula Frota.

À FAPERJ e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

Às mulheres de minha vida: Maria Christina, Maisa e Livia, mãe e irmãs, respectivamente, pelo apoio incondicional em todos os momentos de minha vida.

A meu pai que me ensinou a amar os livros.

A meu marido e companheiro cujo apoio e incentivo foram cruciais para a execução desta dissertação.

À psicanalista e amiga, Monica Visco, que colaborou de maneira decisiva, lendo e discutindo comigo esta dissertação.

A Jacques Lacan por ter me dado direção.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

Aos professores que participam da Banca Examinadora.

Resumo

Sá, Patricia Noronha de; Frota, Maria Paula. **No trabalho com a linguagem, interpretações e construções em análise**. Rio de Janeiro, 2017, 127 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação trata da importância do significante em interpretações e construções na clínica psicanalítica, partindo do estudo de fragmentos de casos clínicos de psicanalistas como Freud, Lacan e Jean Allouch. Suas bases concentram-se na maneira como a linguagem é tomada na formulação do inconsciente por Freud e depois por Lacan. No que chama de “retorno a Freud”, Lacan procura recolocar a psicanálise em seu caminho: o da linguagem, relendo os textos que considera canônicos sobre os sonhos, os atos falhos e os chistes. Para realizar o estudo, segui o caminho de Lacan pela linguística com Saussure, Jakobson, Benveniste, Damourette, Pichon e outros linguistas e gramáticos que foram importantes referências em suas formulações. Procurando apreender o Freud lido por Lacan, que determinou suas reformulações na psicanálise, mais especificamente na direção do tratamento psicanalítico, atravessei também textos de Lacan nos quais ele começa discutindo a fala, no campo da linguagem, voltado para a transmissão da psicanálise e para a oposição entre duas concepções de tratamento e a formação do psicanalista. Em seus últimos seminários, acaba por decidir deixar a linguística para os linguistas e cunhar o termo “linguisteria” para falar de que linguagem se trata na psicanálise. A partir de fragmentos de casos clínicos, refleti acerca da relevância de determinados significantes, que aparecem durante os tempos do tratamento psicanalítico nos quais a intervenção do analista faz com que o analisante possa abandonar a fixidez de sentido e empreender o caminho de construção de seu fantasma até a sua travessia. Destaquei alguns conceitos utilizados por Freud (*Wortfuge-Worfugen-Wortfügung*, *Wortklang*, *Entstellung*, *Konstruktion*, *Phantasieren*, dentre outros), com os quais se quis entender a técnica psicanalítica, a partir das interpretações freudianas de sonhos, chistes e atos falhos, e avançar nas elaborações lacanianas na direção do tratamento, interpretação, ato analítico.

Palavras-chave

Psicanálise; linguística; linguística; clínica; significante; interpretação; construções em análise; construção do fantasma; tradução; fragmentos de caso.

Abstract

Sá, Patricia Noronha de; Frota, Maria Paula (Advisor). **Through the work with language, interpretations and constructions in psychoanalysis.** Rio de Janeiro, 2017. 127 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

This thesis studies the role of the signifier in interpretations and constructions in psychoanalytical treatments, taking into consideration the analysis of fragments of clinical cases from psychoanalysts like Freud, Lacan and Jean Allouch, among others. This work is based on the way language was taken by Freud and later by Lacan in the formulation of the concept of the unconscious. In Lacan's "Retour à Freud" he tries to put psychoanalysis back on track, the language path, by rereading the texts he considers canonical about the interpretation of dreams, parapraxis and wits. To accomplish this study, I followed Lacan's steps through linguistics with Saussure, Jakobson, Benveniste, Damourette, Pichon and other linguists and grammarians that were important to his psychoanalytical formulations. In order to understand Freud read by Lacan, which determined his reformulations on psychoanalysis, specifically in regards to treatment, I took into account texts in which Lacan begins to discuss speech, in the field of language, focused on the transmission of psychoanalysis and on the opposition between two existing conceptions of the treatment and the formation of the psychoanalyst. In his last seminars, Lacan ends up deciding to leave linguistics to the linguists and to coin the term "linguistry" to state which language psychoanalysis deals with. Based on fragments of clinical cases, I reflected on the relevance of certain signifiers that appear on the course of different treatments in which the analysts' intervention enabled the analysand to abandon a previously fixed meaning and undertake a new way to the construction of his phantasy up to its crossing. Some of the signifiers used by Freud (*Wortfuge-Worfugen-Wortfügung*, *Wortklang*, *Entstellung*, *Konstruktion*, *Phantasieren*, among others) helped me understand the psychoanalytical technics through Freud's interpretations of dreams, wits, parapraxis and move on to lacanian elaborations on psychoanalytical treatment, interpretation, analytical act.

Keywords

Psychoanalysis; linguistics; linguistry; signifier; interpretation; constructions in analysis; construction of the phantasy; translation; fragments of clinical cases.

Sumário

1 Introdução	11
2 Linguística e linguística. Langue e lalangue.	16
3 As bases linguísticas privilegiadas por Lacan.....	30
3.1 Ferdinand de Saussure	32
3.2 Émile Benveniste	41
3.3 Roman Jakobson	47
3.4 Jacques Damourette e Édouard Pichon	54
4 Realidade psíquica, sujeito, fala e escrita psíquica.....	66
4.1 Real, Simbólico e Imaginário	66
4.2 O sujeito da psicanálise	70
4.3 Fala e escrita psíquica	76
5 Interpretação	84
6 Fragmentos de casos clínicos.....	96
7 Sobre os casos clínicos.....	106
8 Considerações finais	116
9 Referências bibliográficas	119
Bibliografia consultada	127

“Un jour je me suis aperçu qu’il était difficile de ne pas entrer dans la linguistique à partir du moment où l’inconscient était découvert.”

Jacques Lacan

1 Introdução

Trabalho como psicanalista há cerca de 20 anos. Desde muito pequena a interpretação de sonhos exercia enorme fascínio sobre mim. Quando estava aqui no Rio de Janeiro, acordava e ia correndo contar à minha avó, que era psicóloga, os sonhos que tinha tido na noite anterior e esperava ansiosa por sua interpretação. Senti-me sempre muito atraída pela ideia do inconsciente, dessa “outra cena”. Esse saber me encantava!

Assim, o contato com Freud deu-se pelas interpretações feitas por minha avó, que o fazia para me agradar. Além das histórias que ela me contava sobre a psicanálise e os tratamentos psicanalíticos, assim como o convívio com analistas da época, muito conhecidos, como Emilio Mira y López, Gerson Borsóí e Inês Besouchet, por exemplo, com os quais ela trabalhava. Mais tarde soube que havia um psicanalista francês, Jacques Lacan, que afirmava estar o inconsciente na linguagem. Comecei a estudá-lo lendo “Curso e discurso da obra de Jacques Lacan”, de Antonio Godino Cabas.

Concluí minha graduação em Biologia, especializando-me em Biofísica, mas logo percebi que não conseguiria deixar de lado a psicanálise. Entre a psicanálise e a linguagem procurei uma Escola de formação psicanalítica lacaniana, “Movimento”, e iniciei minha formação. Até chegar à Escola Letra Freudiana foi um longo percurso entre Faculdade de Psicologia, estágios, hospitais psiquiátricos, análise, formação, até poder ocupar esse lugar de psicanalista.

Minha paixão pela linguagem continuava ali aguardando a possibilidade de ganhar espaço. Como Lacan, acredito que “Un jour je me suis aperçu qu’il était difficile de ne pas entrer dans la linguistique à partir du moment où l’inconscient était découvert” (LACAN, 1975, p. 19).

A aproximação com os Estudos da Linguagem se deu quando fiz um curso de especialização “lato sensu”, nesta Universidade, em Tradução Inglês-Português em 2000. Nessa ocasião pude estudar teorias da tradução, que despertaram meu interesse em pesquisar linguagem, sentido, tradução, e me permitiram vislumbrar a possibilidade de me aprofundar nos Estudos da Linguagem por haver percebido

como se entrelaçavam com a psicanálise e suscitavam questões bastante relevantes com as quais lidava diariamente em minha práxis. Para concluir o curso, escrevi uma monografia que já aproximava o trabalho promovido por Lacan na psicanálise à tradução, valendo-me sobretudo da subversão que ele realiza na direção do tratamento: os efeitos do significante na subjetividade. O título do trabalho, “Lugar do ideal & lugar da falta”, indicava essa mudança. Essa monografia também foi orientada por Maria Paula Frota.

Embora não apareça de maneira explícita, percebe-se como a tradução está presente em todo o trabalho, seja ao apresentar os casos clínicos, seja na elaboração e discussão dos casos, traduções de significantes freudianos e em algumas indagações suscitadas por essas traduções.

Assim, comecei o percurso que me traz aqui hoje com uma dissertação que procura estudar a importância do significante nas interpretações e construções na clínica psicanalítica, refletindo sobre fragmentos de casos clínicos de psicanalistas como Freud, Lacan, Jean Allouch etc. Estão presentes também citações de artigos de psicanalistas contemporâneos franceses – como Françoise Samson, Moustapha Safouan –, argentinos – Eduardo Vidal, Juan C. Cosentino – e brasileiros – Monica Visco, Dulce Duque Estrada, Bethânia Mariani e Claudia Moraes Rego, dentre outros.

Esta dissertação tem suas bases na maneira como a linguagem é tomada na formulação do inconsciente por Freud e depois por Lacan. No que designou “retorno a Freud”, Lacan procura recolocar a psicanálise em seu caminho: o da linguagem, relendo os textos freudianos que considera canônicos sobre os sonhos, “A interpretação dos sonhos” (1900), as parapraxias, “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901), e os chistes, “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905). Em cada um desses textos, e centrado na descoberta freudiana do inconsciente, Lacan mostra respectivamente: “que isso sonha; depois, isso rateia, falha; e, em terceiro lugar, isso sonha, isso rateia, falha, isso ri.” (LACAN, 2006, p. 89).

Lacan recorreu ao trabalho de Ferdinand de Saussure¹, fundador da linguística moderna e do método estruturalista, para retomar as teses freudianas sobre o inconsciente e suas relações com a fala e a escrita. Lacan não deixa de

¹ Nesta dissertação darei preferência ao *Curso de linguística geral*, como fez Lacan, no qual encontram-se as principais formulações examinadas e reformuladas por Lacan.

convocar a linguística e ao mesmo tempo confrontá-la, interrogá-la. Como veremos no Capítulo II, ele postula, inicialmente, que o inconsciente dá lugar a uma “linguística” que procura captar seus efeitos em uma rede da qual o significante sempre “escapa”, ou ainda que “a linguagem é a condição do inconsciente” (LACAN, 2003, p. 404). E, à medida que avança em suas formulações, acaba, em seus últimos seminários, decidindo deixar a linguística para os linguistas e cunhar o termo “linguisteria” para falar de que linguagem se trata na psicanálise.

Em seguida, no Capítulo III, segui o caminho de Lacan pela linguística, lendo Saussure, Jakobson, Benveniste, Damourette e Pichon, pois estão entre as referências cujas teorias são as mais significativas para as formulações lacanianas acerca do inconsciente, do sujeito, do sentido, da significação, entre os linguistas que encontramos na obra de Lacan. Nesse caminho procurei apreender o Freud lido por Lacan, que determinou suas reelaborações, mais especificamente na direção do tratamento psicanalítico.

Atravessei também textos de Lacan nos quais ele começa discutindo a fala, no campo da linguagem, voltado para a transmissão da psicanálise e para a oposição entre duas concepções de tratamento e a formação do psicanalista. Isso me permitiu no Capítulo IV trazer os conceitos lacanianos fundamentais para entender a direção do tratamento na clínica psicanalítica. Inicialmente, as instâncias real, simbólico e imaginário, uma elaboração de Lacan, que terá efeitos sobre sua concepção de fala e escrita em psicanálise. Na categoria do simbólico, ele colocou a reformulação pesquisada no estruturalismo de Saussure e Lévi-Strauss; no imaginário, situou os fenômenos ligados ao eu; e no real, por fim, está a realidade psíquica, ou seja, o desejo inconsciente e suas fantasias e fantasma, a ele vinculadas.

Evidentemente, não era possível deixar de discutir o sujeito na psicanálise assim como a fala e a escrita psíquica.

Trouxe, ainda, um pequeno histórico do conceito de interpretação, no Capítulo V, que, na obra de Freud, foi adquirindo, ao longo do tempo, precisão e abrangência à medida que ele avançava nos casos clínicos e na teoria psicanalítica. Depois disso, os desdobramentos do conceito de interpretação conduziram, segundo Lacan, a um desvio desses conceitos freudianos pelos pós-freudianos, sobretudo com a “psicologia do ego”. Procurei também destacar como

a interpretação se dá em uma análise. Prossegui apontando as reformulações realizadas por Lacan no conceito de interpretação para que pudéssemos ler os fragmentos clínicos à luz da clínica lacaniana.

No Capítulo VI estão os fragmentos de casos clínicos para com eles pensar a importância de determinados significantes que aparecem no percurso de uma psicanálise. Nas análises, a intervenção do analista fez com que o analisante pudesse abandonar a fixidez de sentido e empreender o caminho de construção de seu fantasma até a sua travessia.

Destaquei, a título de discussão dos fragmentos, no Capítulo VII, termos utilizados por Freud como *Wortfuge-Worfugen-Wortfügung*, *Wortklang*, *Entstellung*, *Konstruktion*, *Phantasieren*, dentre outros. Pretendi, com esses significantes, entender a técnica psicanalítica – a partir das interpretações freudianas de sonhos, chistes e atos falhos – e avançar nas elaborações lacanianas na direção do tratamento, interpretação, ato analítico etc.

Como conclusão, no Capítulo VIII, refleti acerca daquilo que foi discutido e indiquei ao leitor, na medida do possível, o que pode ainda vir a ser trabalhado como desdobramento do percurso realizado nesta dissertação.

Para mim, a contribuição deste estudo está em ter me permitido trabalhar algumas dificuldades e interrogações suscitadas pela clínica psicanalítica e estabelecer fundamentos para executar o estudo, nos caminhos abertos, assim como teorizar acerca da importância dos efeitos da linguagem na práxis, que pretendo continuar a desenvolver ampliando e delimitando este trabalho com os sonhos e os chistes em Freud e Lacan, em um futuro próximo. Também acredito ser possível contribuir, com a noção de interpretação na psicanálise, para os Estudos da Linguagem e a tradução.

Utilizei, talvez com muita frequência, citações, por entender que elas contribuem para enfatizar e enriquecer a ideia elaborada no momento de sua inserção. Creio, além disso, que ao escolher um fragmento, ele se converte, ele mesmo, em texto. Não é mais um fragmento, membro de frase ou um discurso descontínuo.

Penso que o trabalho de escrita é na realidade uma reescrita na qual procuramos reunir diferentes elementos separados e descontínuos em um contínuo. Cito Antoine Compagnon com quem compartilho a noção de que “Há sempre um livro com o qual desejo que minha escrita mantenha uma relação

privilegiada, ‘relação’ em seu duplo sentido, o da narrativa (da recitação) e o da ligação (da afinidade eletiva).” (COMPAGNON, 2007, p. 43)

Apesar de trabalhar formulações de linguistas muito estudados, alguns casos clínicos bastante conhecidos na literatura psicanalítica, entre outros, e ter me proposto a trazer determinadas contribuições fundamentais de Lacan no entendimento da direção do tratamento e na práxis psicanalítica, apostei no conceito de “repetição” no qual está implícito que para que esta ocorra é sempre preciso a presença de algo novo.

2

Linguística e linguisteria. Langue e lalangue.

A importância da linguagem e da *langue* para a psicanálise lacaniana tornam necessária a discussão neste capítulo sobre a linguagem, a linguística, a *langue* e os desdobramentos ocorridos a partir do momento em que se começou a pensar na relação estreita da psicanálise com a linguística. Embora, de perto, elas sejam essencialmente diferentes uma da outra, o que levou Lacan a formular os conceitos de “linguisteria” e “*lalangue*”.

Pensando nas linguagens, de um modo geral, vemos que estas se apresentam como sistemas de extrema complexidade. Inicialmente, pode-se pensar como elas se revestem de uma caráter material diverso, cujos aspectos deve-se conhecer: cadeias de sons articulados, redes de marcas escritas, ou jogos de gestos.

Segundo Kristeva, “esta materialidade enunciada, escrita ou gesticulada produz e exprime aquilo que chamamos pensamento. [...] Isso implica que a linguagem constitui o único modo de ser do pensamento, a sua realidade e a sua realização” (KRISTEVA, 1974, p. 19). Embora por muito tempo tenha se pensado na possibilidade da existência de uma linguagem sem pensamento ou um pensamento sem linguagem, um “pensamento mudo”, não é possível hoje em dia afirmar que haja um pensamento extralinguístico sem sair do terreno do materialismo.

Concepções contemporâneas de linguagem procuram ampliar o conceito de tal modo que não se quer mais sustentar que sirva apenas para comunicação, mas que inclua também determinados processos e fenômenos como o sonho, o inconsciente, o pré-consciente etc. Evita-se, por isso, dizer que é um instrumento que exprime uma ideia, por exemplo, pois o que será uma ideia que existe sem ser em forma de linguagem?

Por fim, o que chamamos “linguagem” tem uma história. Assim, do ponto de vista diacrônico, ela transforma-se nas diferentes épocas e nos diferentes povos. Ao ser entendida como sistema, em sua sincronia, possui regras precisas de funcionamento, estrutura determinada e transformações estruturais que seguem leis específicas (KRISTEVA, 1974, p. 22).

O que se acentua, em geral, é o caráter de comunicação da linguagem. Se ela é matéria de pensamento é também elemento de comunicação social. A linguagem então consiste em um processo de comunicação de uma mensagem entre dois falantes pelo menos, um emissor ou destinador e outro receptor ou destinatário. No entanto, o sujeito falante é ao mesmo tempo destinador e destinatário de sua mensagem, pois acredita ser capaz de emitir uma mensagem decifrando-a. Percebemos, assim, como a mensagem endereçada ao outro é, de certa maneira, destinada primeiro àquele que fala (KRISTEVA, 1974, p. 20).

A linguística é uma ciência que pretende estudar a linguagem humana. Esse termo muito geral encontra na linguística abordagens diversas. Muitos linguistas se perguntaram se o termo linguagem denomina de maneira adequada o objeto da ciência linguística. Saussure, por exemplo, propôs que o objeto da linguística não fosse a linguagem, mas restringiu seu objeto ao que ele denominou *langue*. Estabeleceu uma diferença entre linguagem e língua (*langue*) e fixou-se na segunda com o argumento de que só ela se prestava a uma ciência por ser social, sistemática, estável, essencial e homogênea.

A linguística, sobretudo na segunda metade do séc. XX, foi predominantemente dominada pelo estruturalismo. Por essa corrente de pensamento entende-se um conjunto de proposições que tocam o real da língua e podem ser assim resumidas: 1) “a linguística será científica se, e somente se, ela define a língua como um sistema de signos”; 2) “todas as operações necessárias à ciência devem ser deduzidas desse princípio, e apenas as operações deduzidas desse princípio são admitidas na ciência” (MILNER, 1987, p. 31).

A língua/*langue* é “um produto social da faculdade da linguagem” e, por isso mesmo, “um conjunto de convenções necessárias” (SAUSSURE, 2000, p. 17), não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis de um contrato social reconhecido pelos membros da comunidade. Ela consiste em um sistema de signos, significado e significante, ou um sentido e uma imagem acústica, que se combinam segundo leis específicas. Para Saussure, a fala/*parole* é sempre individual e o indivíduo é senhor dela, ou, em suas próprias palavras “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2000, p. 22).

As relações entre o fenômeno da linguagem e a psicanálise estão delineadas desde os primeiros trabalhos de Freud e adquirem um novo conteúdo com Lacan. (MILNER, 2010, p. 4).

Lacan nos diz que se a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é exatamente porque a linguagem, de início, não existe. Ela é o que se tenta saber com relação à função de *lalangue*. “[...] a linguagem, sem dúvida, é feita de *lalangue*. Trata-se de uma elucubração de saber sobre *lalangue*.” Se podemos dizer que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1996b, p. 189-190), é porque esses efeitos de *lalangue*, muito precisamente, que já estão ali como saber, como saber que não tem nada a fazer, vão muito além de tudo o que o ser, do que o ser que fala (*parlêtre*²) é capaz de articular como tal (LACAN, 1996b, p. 189-190 e 2010, p. 267-268). Lacan entra na linguística com “A instância da letra no inconsciente” e sai dela com *lalangue* e linguisteria. Ao linguista, a *langue* e a linguística e, ao psicanalista, *lalangue* e a linguisteria. (KOOP, 1988, p. 22 e 32).

Lacan, no seminário *De um Outro ao outro* (1968-1969), fala exatamente do pensamento em relação a um sujeito que é entendido, pela psicanálise, como dividido:

Uma regra de pensamento que tem que se assegurar do não-pensamento como aquilo que pode ser sua causa: é com isso que nos confrontamos ao usar a ideia de inconsciente.

[...]

Meu pensamento não é regulável a meu bel-prazer, acrescentemos ou não o *infelizmente*. Ele é regulado. Em meu ato, não almejo exprimi-lo, mas causá-lo. Porém não se trata do ato, e sim do discurso. No discurso, não tenho que seguir sua regra, e sim que encontrar sua causa. No entre-senso — entendam isso, por mais obscuro que possam imaginá-lo — está o ser do pensamento. O que é causa, ao passar pelo meu pensamento, deixa passar aquilo que existiu, pura e simplesmente, como ser. [...] ela já é desde sempre passada, produzindo efeitos de pensamento. (LACAN, 2008, p. 13)³.

² Lacan designa *parlêtre* o fato de o homem ser um animal falante: “*on aura eu une assez juste mesure de ce que c’est que ce que j’appelle dans un discours le « parlêtre ». Le parlêtre, c’est une façon d’exprimer l’inconscient. Le fait que l’homme est un animal parlant, ce qui est tout à fait imprévu, ce qui est totalement inexplicable, savoir ce que c’est, avec quoi ça se fabrique, cette activité de la parole*” (Lacan, Conférence de presse du docteur Jacques Lacan au Centre culturel français, Rome, le 29 octobre 1974. Publicado em *Lettres de l’École Freudienne, 1975, n° 16, pp. 6-26*), (*Pas tout Lacan, s.p.*).

³ “Une règle de pensée qui a à s’assurer de la non-pensée comme de ce qui peut être sa cause, voilà ce à quoi nous sommes confrontés avec la notion d’inconscient.

[...]

Ma pensée n’est pas réglable à mon gré, que on l’ajoute ou non *hélas*. Elle est réglée. Dans mon acte, je ne vise pas à l’exprimer, mais à la causer. Mais il ne s’agit pas de l’acte, mais du discours. Dans le discours³, je n’ai pas à suivre sa règle, mais à trouver sa cause. Dans l’entre-sens – entendez-le pour si obscène que vous pouvez l’imaginer – est l’être de la pensée.

Ce qui est, à passer par ma pensée, la cause laisse passer purement et simplement ce qui a été comme être [...] elle est déjà et toujours passée produisant des effets de pensées” (LACAN, 2006, p. 13).

Os jogos de língua são constituídos a partir da linguagem e de suas estruturas. Esses jogos – chistes, lapsos etc. – interessam à psicanálise na medida em que marcam a emergência do sujeito (MILNER, 2010, p. 5). Tanto o lapso como o chiste são formações do inconsciente que, segundo a linguística, direta ou indiretamente, tornam-se possíveis por colisões homofônicas. Essas colisões estão relacionadas à forma fônica, que é contingente e, por isso mesmo, adequada para assinalar a emergência do sujeito nesses jogos de língua. A linguística, entretanto, não tem nada específico a dizer sobre isso.

Freud, no “Interesse científico da psicanálise” (1913) precisa que esse interesse excede (*überschreite*), sem dúvida, o significado usual da palavra (*gebrauchliche Wortbedeutung*), ao postular o interesse da psicanálise para o investigador da língua (*Sprachforcher*) (FREUD, 1972, v. VIII, p. 403) e prossegue enumerando as formas de expressão que considera como linguagem. Define não apenas “a expressão das ideias em palavras” bem como toda forma de “expressão da atividade anímica como a escrita” (FREUD, 1972, v. VIII, p. 403 e 1976c, v. XIII, p. 211). Ou ainda, como sublinha, a expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos como, por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa. (FREUD, 1976, v. XIII, p. 211)

Essa possibilidade da língua, de uso e por isso de excesso de toda cristalização de sentido é algo que ultrapassa as considerações de certa ‘linguística’. Ou seja, abre outra dimensão.

Lacan cunha o neologismo “linguisteria”, um neologismo semelhante a “*Autodidasker*”⁴, uma *Wortfuge*⁵, por condensação, um atributo de uma elaboração onírica, que Freud assinala no texto “O inconsciente” (1914), “*Gelegentlich behandelt die Traumarbeit die Worte wie die Dinge und schafft*

⁴ Esta palavra, um neologismo, aparece em um sonho de Freud, cuja interpretação encontra-se na “Interpretação dos sonhos” e que discutiremos mais adiante. (FREUD, 1976, v. 4, p. 319)

⁵ A união de umas palavras a outras formando um aglomerado de palavras que passa a constituir uma nova palavra que pode, ou não, modificar o sentido das palavras constituintes e/ou apresentar outra possibilidade de significação.

*dann sehr ähnliche “schizophrene” Reden oder Wortneubildungen”*⁶ (FREUD, 1970, v. IIIa, p. 158) e que Lacan trabalha no seminário 3, *As psicoses*. O neologismo, para Lacan, aparece quando “isso” se escreve. Muitas vezes ele é produto de uma condensação para encobrir um material ou representar um sentido composto. Temos um exemplo dado por Freud, já mencionado, da palavra *Autodidasker*, que aparece em um de seus sonhos, e ele decompõe em “*Autor*” [autor], “*Autodidakt*” [autodidata] e “*Lasker*” com a qual associa o nome de Lassalle ao trabalhá-lo em “A interpretação dos sonhos” (1900).

Lacan aproveita a presença de Jakobson entre os ouvintes em seu seminário, no caso específico, *Encore*, no dia 19 de dezembro de 1972 e reitera sua fala a respeito da poética e da linguística:

a saber: que tudo o que é da linguagem teria a ver com a linguística, ou seja, em último termo, com o linguista. Não que eu não lhe dê razão, sem nenhuma dificuldade, quando se trata da poesia, a respeito da qual ele propôs este argumento. Mas se tomarmos tudo o que se segue da linguagem e, especificamente, do que dela resulta, nessa fundação do sujeito tão renovada, tão subvertida, onde está o estatuto que assegura tudo o que da boca de Freud se afirmou como o inconsciente, então *terei de forjar alguma outra palavra*, para deixar a Jakobson seu domínio reservado e, se vocês quiserem, chamarei isso de ‘linguisteria’ (LACAN, 2010, p. 68, grifo meu).

[...]

Eu me lanço na “Linguisteria”, o que me deixa ter alguma parte com os linguistas, não sem explicar que tantas vezes eu sofra, eu receba, afinal de contas alegremente, da parte de tantos linguistas, mais de uma censura. (LACAN, 2010, p. 68).

Existem ditos que são comuns aos dois campos, da linguística e da linguisteria, mas isso comporta efeitos, sobretudo não no nível do dito. Depois de cunhar o neologismo “linguisteria”, no seminário 20, *Encore* (1972), ele retoma o assunto em seu último escrito “*L’étourdit*” (1972).

Afinal, esse dizer não é do campo da linguística, isso é uma porta aberta para o que vocês verão comentado no texto que será publicado no próximo número de meu bem conhecido aperiódico e que tem por título “*L’étourdit*”, escreve-se *d-i-t*. (LACAN, 2010, p. 68).

Essa distinção que Lacan promove tem consequências importantes para sua concepção de inconsciente e a psicanálise que, em seu retorno a Freud, começa a

⁶ “A elaboração dos sonhos, também, trata ocasionalmente as palavras como coisas, criando assim manifestações orais ou neologismos ‘esquizofrênicos’ muito semelhantes” (FREUD, 1976, v. XIV, p. 227).

resgatar seu campo específico: o da linguagem. A psicanálise opera por um único meio: a palavra do analisante. Lacan retoma o percurso de Freud no seu trabalho de descoberta do inconsciente na linguagem desde “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901), “Interpretação dos sonhos” (1900), “Os chistes e suas relações com o inconsciente” (1905), enfim, os chamados textos canônicos em matéria de inconsciente.

Nesses textos de Freud, Lacan mostra, nos lapsos de língua, nos atos falhos, parapraxias de todos os tipos, algum tipo de intrusão que entra em cena. Freud nos ensina a ler esse tipo de intromissão como sendo inconsciente e, por isso, algum tipo de intencionalidade, instância ou até mesmo “subjetividade”. Podemos, de certa forma, considerar isso como o “sujeito freudiano”. É evidente que Freud nunca formulou algo parecido com “sujeito”, mas ele pode ser pensado como furo, interrupção ou irrupção no discurso. No entanto, de maneira alguma tem a especificidade do sujeito de Lacan. “A especificidade de seu sujeito deriva do trabalho do significante.” (FINK, 1998, p. 63)

“Não há fala senão de linguagem”. Lacan nos lembra que a linguagem é uma ordem constituída por leis, das quais poderíamos aprender ao menos o que elas excluem. Por exemplo, que a linguagem é diferente de formas naturais de expressão e que também não é um código (LACAN, 1998a, p. 414).

Como Lacan concebe a estrutura do inconsciente? Segundo Arrivé, em sua análise acerca da influência da linguística e do francês nas formulações lacanianas, ele o faz de maneira ao mesmo tempo simples e complexa. A simplicidade está na insistência do aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e a complexidade está no emprego de cada um dos termos que o compõem. Lacan, em *Televisão* (1973), diz que o inconsciente permite que se suponha “qualquer coisa do mundo, sem contar o resto” (LACAN, 1993, p. 17). Arrivé se pergunta se esse seria o motivo de Lacan ter se valido do participio passado “*estruturado*” evidenciando melhor de que se trata. O “*uma*” refere-se ao fato de a linguagem não ser uma determinada linguagem mas “como uma” delas, entre várias outras. Entretanto, essa pluralidade colocaria problemas para os linguistas. (ARRIVÉ, 2000, p. 4). O próprio Saussure define a *langue* como um sistema de signos que exprimem ideias, comparável, por isso, “à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc.” No entanto, declara que ela é o principal desses sistemas. E afirma

que podemos conceber uma ciência que estude a vida dos signos no meio da vida social como uma parte da psicologia social, que poderíamos chamar de semiologia (SAUSSURE, 2000, p. 24).

Essa fórmula, o aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, evoluiu ao longo do tempo. Em 1957, estava definido nos seguintes termos:

Tudo aquilo que é da ordem do inconsciente – na medida em que este é estruturado pela linguagem – coloca-nos diante do seguinte fenômeno: nem o gênero, nem tampouco a classe nos permitem apreender as propriedades mais significativas; a única via se encontra no exemplo particular. (LACAN, 1999, p. 69)

Chama atenção ainda a mudança da preposição “pela” por “como” e o artigo definido para linguagem. Em 1972, no seminário 20, ele promove uma reviravolta na noção veiculada pelo aforismo. “Não que eu não tivesse pensado nisso há mais tempo [...] Vocês percebem que, ao conservar o ‘como’, continuo indo na mesma direção.” (LACAN, 2010, p. 68)

Essa não é a única modificação do aforismo. Lacan, ao longo de seu ensino, apresentou algumas variações e elaborações tendo como base esse aforismo. Gostaria de fazer esse percurso, seguindo uma diacronia, a fim de trazer as noções de língua, *lalangue*, e de linguagem nele implicadas, como: no início, no seminário *As psicoses*, “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1997, p. 139), “A linguagem é a condição do inconsciente, é isto o que eu digo” (LACAN, 1998b, p. 39) e fala o mesmo em *Radiofonia* (1970) (LACAN, 2003, p. 404), “a condição do inconsciente é a linguagem” (LACAN, 2009, p. 141).

Arrivé começa por questionar o primeiro termo “o inconsciente”. Seria ele “*un-bewusst*”, “*l'une-bévue*” in-consciente como o “nome” diz? Há algo aí de “um equívoco”, por isso Lacan considera uma boa tradução de “*unbewusst*” o “*une-bévue*” (LACAN, inédito, *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, lição de 06/11/1976).

Gostaria de refletir acerca da passagem das *Vorstellungen* (*Wortvorstellung* e *Sachevorstellung*) e sua relação com o significante como pensada, talvez, no percurso feito por Lacan, sobretudo no seminário 7, *A ética da psicanálise*, para o *Vorstellungsrepräsentanz*.

Apresentarei a maneira como parecem se entrelaçar os conceitos de *Vorstellung*, *Vorstellungsrepräsentanz* etc. e o significante lacaniano partindo da afirmação de Lacan:

Esta questão é tanto mais contundente quanto aqui, o sonho, nós o vemos verdadeiramente como o avesso da representação – é a imagética do sonho, e a oportunidade para nós de sublinhar o que Freud, quando fala do inconsciente, designa como o que o determina essencialmente – o *Vorstellungsrepräsentanz*. O que quer dizer, não o representante representativo como se traduziu monotonamente, mas o lugar-tenente da representação. (LACAN, 1988, p. 61)

Entre significante e *Vorstellungsrepräsentanz* encontramos o que podemos chamar de surgimento do “significante lacaniano”, uma via régia de acesso à linguística. Ambos os termos são forjados de formas distintas, na elaboração teórica freudiana ou no percurso de Lacan, e demonstram um interesse pela linguagem que, em alguns pontos, se assemelham e é possível traçar um paralelo. Como se atravessa do *Vorstellungsrepräsentanz* freudiano para o significante lacaniano? Uma das consequências que pensamos da leitura que Lacan transmite de Freud, é que o *Vorstellungsrepräsentanz* fica subsumido ao significante psicanalítico, pois Lacan mantém o significante como o conceito operacional de seu trajeto. Ele não renega a procedência “linguística” do significante mas ao evocá-la questiona-a na definição que constrói em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Trataremos desta questão do significante saussureano, constituído por significado e significante, indissolúvel e arbitrário, e do significante lacaniano, que consiste principalmente de significante, no qual não há arbitrariedade, na Seção III.1.

Antes de operar a construção de seu significante, a partir do que podemos chamar uma operação verdadeiramente cirúrgica no significante saussureano, Lacan nos indica ter construído seu significante ao ler “De Magistro” de Santo Agostinho e o *signans* estoico, Courtenay e Quintiliano, como deixa claro no seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Ele convoca a linguística e ao mesmo tempo a confronto, questiona suas premissas.

Lacan procura encontrar uma mesma estrutura no significante e no *Vorstellungsrepräsentanz*, a sujeição às mesmas leis porém por um caminho bastante diferente de Freud.

Em Freud a *Vorstellung* é apreendida em seu caráter radical sob a forma pela qual é introduzida numa filosofia que é essencialmente traçada pela teoria do conhecimento. E é isso que é notável – ele lhe designa até ao extremo, o caráter ao qual os filósofos, precisamente, não puderam decidir-se a reduzi-la, o de um corpo vazio, o de um fantasma, de um pálido íncubo da relação com o mundo, de um gozo extenuado que constitui seu traço essencial através de toda a interrogação do filósofo. E isolando-a nessa função Freud a extrai da tradição. (LACAN, 2008, p. 77).

Diferencia-a, ainda, tratando de explicitar como Freud pensa a representação e como está organizada no inconsciente:

Se organiza, a estrutura na qual a subjacência dos mecanismos inconscientes se flocula, o que constitui o grumo da representação, ou seja, algo que tem a mesma estrutura – esse é o ponto no qual insisto – do significante. Isso não é simplesmente *Vorstellung*, mas, como o escreve Freud mais tarde em seu artigo sobre o Inconsciente, *Vorstellungsrepräsentanz*, o que constitui a *Vorstellung* como um elemento associativo combinatório. Desse modo, o mundo da *Vorstellung* é desde então organizado segundo as possibilidades do significante como tal. Desde então, no nível do inconsciente, isso se organiza segundo leis que não são forçosamente, Freud o diz mui justamente, as leis da contradição, nem as da gramática, mas as leis da condensação e do deslocamento, as que chamo, para vocês, de as leis da metáfora e da metonímia (LACAN, 2008, p. 78).

Podemos dizer que, ao trabalhar sobre o signo linguístico, Lacan retoma a concepção linguística da psicanálise que lê em Freud. Enfatiza, assim, o “*repräsentanz*” no *Vorstellungsrepräsentanz*, retira toda a matiz representacional da *Vorstellung*. O que produz a qualificação de “*repräsentanz*” à *Vorstellung*? Esta resume todo um aspecto de unidade mínima, elemento combinável, maleável etc. Não perde suas múltiplas possibilidades combinatórias ao encontrar o *repräsentanz*. (KOOP, 1988, p. 23).

Freud também fala de “palavra” e coloca-a em jogo em inúmeras combinações: palavras combinadas (*Wortkombination*), palavras compostas (*Mischwort*), jogos de palavras (*Wortwitzes* ou *Wortspiel*), pontes de palavras (*Wortbrücke*), chiste fônico (*Klangwitze*) etc. Será que a palavra não se comporta como o significante?

Um neologismo como *Vorstellungsrepräsentanz* até o momento em que se produz não se encontra no campo da língua, neste caso a língua alemã, até que comece a ser traduzido, a passar para outra língua como “representante da representação”.

Freud trabalha muito em torno da palavra *Vorstellung*, assim como outros termos compostos do “aparato linguístico” (*Sprachapparat*) e da imagem fônica (*Wortklangbild*). As “representações de objeto” (*Objektvorstellungen*) serão definidas em termos psicanalíticos, no artigo “O inconsciente” (1915), como representação de coisa (*Sachvorstellung*). Sabe-se depois do que Lacan elabora no seminário 7, *A ética da psicanálise*, a diferença que representa a distinção na denominação de *Sache* ou *Objekt vorstellung*. No texto “O inconsciente” (1915), ele utiliza como representação de objeto, *Objektvorstellung*, um complexo combinado de “representante de palavra” (*Wortvorstellung*) e representante de coisa (*Sachvorstellung*).

Freud percorre um árduo caminho até chegar à *Vorstellungsrepräsentanz* (KOOP, 1988, p. 25), que não cabe detalhar mais neste trabalho por fugir ao seu objetivo.

A linguagem de que se trata – como tive o tempo, o cuidado, o trabalho e a paciência de articular – é a linguagem na qual se pode distinguir o código da mensagem, entre outras coisas. Sem essa distinção mínima, não há lugar para a fala. É por isso que, quando introduzo esses termos, intitulo-os *Função e campo da fala* – para a fala é a função; e a linguagem, para a linguagem é o campo. (LACAN, *O saber do psicanalista*, inédito, lição de 4/11/1971).

A passagem percorrida neste capítulo de linguística e linguística, assim como o estabelecimento de uma possível correlação entre os conceitos de significante lacaniano e *Vorstellung*, *Vorstellungsrepräsentanz* etc. buscam indicar como Lacan operou uma modificação na direção do tratamento psicanalítico que comecei a esboçar. Para o significante e não o significado, a começar pela modificação que promove, como comecei a indicar da *Vorstellung* para o significante.

Gostaria, neste capítulo, de acrescentar os conceitos de *langue* e *lalangue*, correlativos das formulações de linguística e linguística, respectivamente.

Langue

A *langue* adquiriu um função crucial com o estruturalismo saussureano por instituir a linguística como sistema.

Saussure estabelece uma distinção entre o sistema linguístico e suas manifestações, a crucial oposição entre *langue* e *parole*. Para o linguista, a *langue* é sistema, enquanto sistema de formas.

O que é a *langue*? [...] É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é heteróclita e multiforme; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, e pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social. (SAUSSURE, 2000, p. 17)

Pode-se, ainda, dizer com Saussure, que a *langue* constitui um conjunto de formas ou um “tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (SAUSSURE, 2000, p. 21).

A *parole* envolve, “[A]s combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (SAUSSURE, 2000, p. 22). No ato de *parole*, o falante seleciona e combina elementos do sistema linguístico e dá a essas formas uma manifestação fônica e psicológica concreta, na forma de sons e significados.

A distinção entre *langue* e *parole* fornece um princípio relevante para linguística e o próprio Saussure preocupa-se em diferenciá-las: “separa ao mesmo tempo: 1) O que é social do que é individual; 2) O que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 2000, p. 22).

A *langue* envolve um inventário das distinções que criam signos e regras de combinação.

Dizer “as línguas” implica que já as estejamos concebendo como próprias para serem reunidas, portanto, “as línguas formam uma classe consistente” na qual os elementos podem ser pensados todos juntos sem contradição. (MILLER, 1975, p. 27).

Uma língua constitui um objeto possível de uma proposição que possa ser validada por todos, “reclama ser sempre distinguível de uma outra língua, sempre idêntica a ela mesma, sempre inscritível na esfera da univocidade e sempre isotópica. Em uma palavra, ela deve ser uma” (MILNER, 1987, p. 14). Para que essas condições sejam satisfeitas é preciso *descartar* algumas proposições como: a) as línguas são incomensuráveis e não formam uma classe consistente; b) uma

língua não é idêntica a si mesma; c) uma língua pode cessar de ser estratificada; d) uma língua não é isotópica; e) uma língua é uma substância.

Essas proposições desenham um certo lugar de línguas, um real que insiste em cada uma e a linguística ou a gramática negam. Existe, então, um elemento insistente da ordem das línguas (MILNER, 1987, p. 14).

Lalangue

Lacan propõe a seu auditório no Hospital Sainte-Anne, em novembro de 1971, o neologismo *lalangue*, criado a partir de um lapso seu. Ele queria mencionar o “Vocabulário de Psicanálise” e se equivoca falando do “Vocabulário de Filosofia” de autoria de André *Lalande*. Depois desse ato falho, ele decide escrever “*la langue*” em uma só palavra: *lalangue*.

Em seguida, ele nos fornece uma primeira definição do termo recém-criado:

Pois bem, *lalangue* nada tem a ver com o dicionário, seja ele qual for. O dicionário tem a ver com a dicção, isto é, com a poesia e a retórica, por exemplo. Não é pouca coisa, hein? Vai da invenção à persuasão. É importantíssimo, só que, justamente, não é esse lado que tem a ver com o inconsciente. [...] o inconsciente tem a ver, em primeiro lugar, com a gramática.” (LACAN, 2011, p. 19).

A langue, por sua vez, fornece determinado estado de uma língua em determinado momento de sua história. Não conseguiria dar conta da língua viva de um sujeito e suas constantes criações por meio dos sonhos e sobretudo dos lapsos.

Lalangue não é inconsciente e, neste ponto em que estamos, vale repetir, mais uma vez, o famoso aforismo lacaniano, ressaltando que ele não diz que o inconsciente é estruturado como *lalangue* mas como “uma linguagem”. Com certeza, existem traços comuns entre *lalangue* e a linguagem, mas Lacan acrescenta que a linguagem é aquela em que se pode distinguir código de mensagem. Sem essa distinção mínima, não é possível haver lugar para a fala (LACAN, 2011, p. 24).

Lalangue participa, então, da linguagem, e de uma língua singular que ultrapassa, vai além da própria singularidade da língua (português, francês etc.). O campo de *lalangue* está em uma nuvem entre o geral e o particular.

As três principais características que Lacan atribui a *lalangue* participam da estrutura inconsciente da qual *lalangue* também faz parte sem estar com ela identificada. Na análise, o que está em questão é a singularidade de cada sujeito, porém cada um deve se haver com seu “*savoir faire*” com sua própria língua.

Para entendermos melhor isso, utilizaremos duas afirmações de Lacan: a primeira é que “uma língua uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela”. (LACAN, 2003, p. 492); a segunda, mencionada anteriormente, do inconsciente como saber, “*savoir faire*” com *lalangue* e que participa, além da própria singularidade, da linguagem.

Não há uma designação única para o lugar dos equívocos. *Lalangue* constitui uma língua entre outras que impede, por sua incomensurabilidade, a construção de uma classe de línguas que a inclua. Está figurada mais diretamente na língua materna. Sendo assim, ela é, ao mesmo tempo, qualquer língua, pois todas são, de alguma forma, para algum falante, língua materna. “*Lalangue* é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco. [...] *Lalangue* é tudo isto; acede-se a ela, pois, por via negativa, a partir de palavras usuais – ‘língua’, ‘linguagem’ – cujo uso que nós fazemos delas deixa-se facilmente traduzir em teoria.” (MILNER, 1987, p. 15).

O inconsciente, isso fala, o que o faz depender da linguagem, de que só se sabe pouco. Embora Lacan crie a noção de linguisteria, para afastar-se da linguística, ainda assim agrupa nesse conceito o que pretende intervir nos homens em nome da linguística. A linguisteria sendo a ciência que se ocupa de *la langue*, que ele escreve numa só palavra, especificando seu objeto, como se faz em qualquer outra ciência.

Lalangue consiste em uma língua anterior à junção com o sentido, que serve para coisas diferentes da comunicação. Há som mas não há sentido. Ela constitui uma integral de equívocos que não faz um todo mas uma multiplicidade de diferenças. O saber inconsciente feito de *lalangue* leva ao real fora-sentido. Assim é que Lacan nos indica outras características de *lalangue*:

Para vocês *la langue*... – que escrevo em uma só palavra : eu faço *lalangue* porque isso quer dizer lalala, a lalação, a saber que o ser humano faz lalações muito cedo, isso é um fato, assim, basta olhar um bebê, escutá-lo, e que pouco a pouco tem alguém, a mãe, que é exatamente a mesma coisa que *lalangue*, com exceção de que é alguém incarnado, que lhe transmite *lalangue*... Então, para vocês *lalangue* é a

língua italiana, para mim, acontece de ser a língua francesa - dado que ela me ensinou, a mãe que era a minha...

e parece-me difícil não ver que a prática analítica passa por aí, pois tudo que demandamos à pessoa que vem se abrir conosco, não é nada mais: é falar (LACAN, 1978, p. 104, tradução minha)⁷.

Lalangue é, portanto, a língua de cada um. Outras línguas adquiridas serão incorporadas, passadas ao verbo na *lalangue* de cada um. É possível criar significantes interlinguísticos, “tecidos” por *lalangue* que levem a pontos nodais, *Knotenpunkt*, traumáticos. Na experiência analítica, há possibilidades de verdadeiras elaborações desse tipo, como em alguns dos fragmentos clínicos que traremos para a discussão, em que uma palavra em uma língua lança, pela via da homofonia e do equívoco, a associações em outras línguas, inclusive, talvez até principalmente, na língua materna.

Pensando na direção do tratamento, a língua materna é aquela que precede o sujeito e articula sua história (GONDIM, 2011, p. 150), como poderemos ler aqui e nos capítulos seguintes:

[A] análise é um fato, um fato social pelo menos, que se funda sobre o que chamamos o pensamento que exprimimos como podemos com ‘lalangue’ que temos – lembro que essa ‘lalangue’, que eu escrevia em uma só palavra com o propósito de fazer sentir alguma coisa (LACAN, *Moment de conclure*, inédito, lição de 11/04/1978)⁸.

Daquilo que se fala em uma análise faz-se necessário escutar de modo que possa haver uma torção da palavra, apostando, em ato, o que é de *lalangue*, fazendo com que, pelo simbólico, o saber inscrito em *lalangue*, que constitui o inconsciente e toca o real do sentido, possa ser elaborado e faça avançar... sem deixar de lado que há um ponto limite. (GONDIM, 2011, p. 150).

⁷ “Pour vous la langue... – que j’écris en un seul mot : je fais lalangue, parce que ça veut dire lalala, la lalation, à savoir que c’est un fait que très tôt l’être humain fait des lallations, comme ça, il n’y a qu’à voir un bébé, l’entendre, et que peu à peu il y a une personne, la mère, qui est exactement la même chose que lalangue, à part que c’est quelqu’un d’incarné, qui lui transmet lalangue...”

... alors, pour vous lalangue c’est la langue italienne, pour moi, il se trouve que c’est la langue française – puisque c’est celle que m’a enseignée la mère qui était la mienne...

et il me semble difficile de ne pas voir que la pratique analytique passe par là, puisque tout ce qu’on demande à la personne qui vient se confier à vous, c’est rien d’autre : c’est parler” (LACAN, 1978, p. 104).

⁸ “l’analyse est un fait, un fait social tout au moins, qui se fonde sur ce qu’on appelle la pensée qu’on exprime comme on peut avec ‘lalangue’ qu’on a – je rappelle que cette ‘lalangue’, j’écrivais en un seul mot dans le dessein d’y faire sentir quelque chose” (LACAN, *Moment de conclure*, inédito, lição de 11/04/1978).

3

As bases linguísticas privilegiadas por Lacan

Se olhássemos sob o ponto de vista do número de citações nos escritos e seminários de Lacan, seria possível constatar a importância da linguística e dos linguistas que estão presentes nesta dissertação. Entre os mais citados, nos *Escritos*, por exemplo, estão Saussure, Jakobson, Benveniste e a dupla Damourette e Pichon. Interessante o caso de Pichon que, além de linguista, era psiquiatra e psicanalista, tendo sido um dos fundadores e presidente da Société Psychanalytique de Paris. Eles fazem parte deste capítulo pelas enormes contribuições de cada um para a formulação de conceitos cruciais para Lacan, como, por exemplo, significante, *lalangue*, linguística, poética, metáfora e metonímia, que aparecem em Lacan em substituição à condensação e deslocamento, subjetividade, a não-existência da terceira pessoa, a divisão do sujeito entre *moi* e *je*, o conceito de negação explorado por Damourette e Pichon, forclusão e tantos outros sobre os quais falaremos mais adiante.

Claro que existem muitos outros filósofos cujas teorias acerca da linguagem continuaram a aperfeiçoar as elaborações lacanianas como Pierce e Wittgenstein, por exemplo. Contudo, se verá que aqueles que estão neste capítulo o fazem, sem dúvida, pelo quanto contribuíram para os desdobramentos e avanços da psicanálise.

Lacan reflete desde o início de seu percurso sobre o signo e, por isso, aparece de forma insistente a referência a Saussure e a relação entre eles é bastante complexa. Podemos, além disso, dizer que privilegia disciplinas dos Estudos da Linguagem distintas como fonologia e etimologia. Na primeira dessas disciplinas, distinguimos claramente a influência de Jakobson que, por sua vez, tinha também simpatia por Lacan. E cabe mencionar que Lacan promove uma expansão do conceito de fonema que passa a designar tanto as unidades estritamente distintivas quanto as significativas, quaisquer que sejam suas dimensões. O fonema, de acordo com a linguística, é uma unidade não-significativa mas não assignificativa, pois na linguagem tudo é significação. Ele, fonema, não significa por si mesmo, mas tem por função distinguir significações (cf. os pares opositivos pomba/bomba, tia/dia, saca/saga, por exemplo) (ELIA,

2017, s.p.). Lacan incorpora essa função significativa ao fonema. Assim, as “oralizações” *fort e da* do neto de Freud em “Além do princípio do prazer”, 1920, por exemplo, são consideradas fonemas por Lacan (ARRIVÉ, 2000, p. 2), cujas consequências nos descreve na citação do seminário 4, *A relação de objeto*.

A forma da matematização em que se inscreve a descoberta do fonema, como função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica, leva-nos aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final de Freud aponta, numa conotação vocálica da presença e da ausência, as origens subjetivas da função simbólica. (LACAN, 1995, p. 286).

Além disso, acrescenta a relevância do fonema para a formação do sentido, como segue:

A ideia de elemento significativo assumiu seu sentido pleno na evolução concreta da linguística a partir do momento em que se destacou a noção de fonema. Ela nos permite tomar a linguagem no nível de um registro elementar, duplamente definido – como cadeia diacrônica e, no interior dessa cadeia, como possibilidade permanente de substituição no sentido sincrônico. Permite-nos igualmente reconhecer, no plano das funções do significante, uma força originária na qual podemos localizar um certo engendramento do que chamamos sentido. Essa concepção, que em si é riquíssima em implicações psicológicas, recebe, sem que sequer seja preciso aprofundar-lhe mais a trilha, uma complementação naquilo que Freud já nos havia preparado no ponto de junção do campo próprio da análise, na medida em que esses efeitos de engendramento do sentido não são outra coisa senão o que ele nos mostrou como sendo as formações do inconsciente. (LACAN, 1999, p. 52-53).

“Ao falar que Freud se antecipa à linguística, estou dizendo menos do que o que se impõe, e que é a formulação que agora libero: o inconsciente é a condição da linguística” (LACAN, 2003, p. 403).

A linguística estrutural foi muito importante no início do ensino de Lacan. E apenas ela o interessou. A linguística estrutural não conhece relação de semelhança, ela dispõe apenas de uma relação de diferença. É até possível chamar essa diferença de “diferença pura”.

Lacan destaca esse ponto pela maneira categórica com que traz os fundamentos que a psicanálise retira da linguagem. Seu famoso aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” é formulado no momento em que a ciência linguística estrutural aparecia como expoente e buscava estabelecer as propriedades das estruturas em geral, pois procurava entender e mostrar “O que é estar estruturado”. Para Saussure, só existe sistema “se e somente se” existir

diferença. Nada, portanto, deve ser considerado para se conhecer uma língua a não ser a diferença.

Pode-se admitir como equivalente a sistema, em sua relação mínima, a estrutura. “O sistema está definido como estrutura, toda propriedade é apenas efeito de estrutura. Corresponde, portanto, a sustentar que a estrutura é causa. E quando o elemento de toda estrutura é definido como significante, isso revela que o significante não tem propriedades, mas as *faz*: ele é ação.” (MILNER, 1996, p. 84, grifo do autor).

Uma linguagem não possui nada além de propriedades de estrutura. Segundo Milner, tudo que é estruturado as apresentará, portanto, tudo o que é estruturado é estruturado como uma linguagem.

Esse é o ponto crucial da doutrina lacaniana pois mostra que um de seus objetos fundamentais pode e deve consistir em elaborar uma teoria de estrutura qualquer. Entre as propriedades de estrutura qualquer está a emergência do sujeito. Assim é que, passar das línguas ao sujeito é o “que permite a doutrina do inconsciente, enquanto estruturado como uma linguagem. Compreender isso é compreender a relação com o estruturalismo” (MILNER, 1996, p. 74).

3.1 Ferdinand de Saussure

Nesta sessão procurei fazer um pequeno resumo dos principais conceitos da linguística estruturalista saussureana que constituiu um dos grandes marcos da história da linguística. Essa não é uma tarefa simples nem fácil, dada a importância dos conceitos envolvidos e das controvérsias suscitadas desde a publicação do *Curso de linguística geral*. Além disso, muito já se disse sobre Saussure e sua influência tanto na linguística quanto na psicanálise lacaniana, o que dificulta ainda mais este trabalho.

Além de retomar de maneira sucinta alguns conceitos, procurei enfatizar os pontos de convergência e divergência entre a linguística saussureana e a psicanálise, sobretudo, os que serviram de base para a reformulação da teoria e da clínica psicanalíticas.

Ao ser perguntado se o estruturalismo seria uma invenção dos anos 1960, Antoine Compagnon responde que não. Em seu *Curso de linguística geral*, o linguista suíço Ferdinand de Saussure expressa a ideia de que o importante na *langue* não é nem o léxico, nem a filologia, mas a estrutura que faz surgir o sentido.

Ferdinand Mongin de Saussure nasceu em Genebra em 26 novembro de 1857. Sua família instalou-se nessa cidade, tornando-se próspera e célebre. Como se sabe, sua obra mais importante, o *Curso de Linguística Geral* é póstuma e foi publicada em 1916 por seus alunos e editores Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger e das anotações de muitos outros de seus alunos, pois Saussure deixou apenas algumas poucas notas das aulas ministradas.

Lacan buscava uma cientificidade para a psicanálise e encontrou em Saussure uma maneira de fazê-lo. O estruturalismo afirma, de certa maneira, que a linguística é por definição saussuriana. Se, como nos diz Milner, a linguística só será científica “se, somente se, ela define a língua como um sistema de signos” e que “todas as operações necessárias à ciência devem ser deduzidas desse princípio” (MILNER, 1987, p. 31), então essas são as únicas proposições a serem admitidas na ciência. No *Curso de linguística geral*, Saussure funda a linguística como ciência.

Segundo o linguista, para que a linguística seja possível como uma ciência é preciso distinguir os fenômenos das coisas em si. Encontramos, assim, os famosos pares: linguagem/língua, som como fluxo sonoro/som como segmento ou fonema, ideia ou sentido/significante, vínculo entre um som e uma coisa no mundo/significado e arbitrário do signo.

Quais são, então, os princípios teóricos do *Curso de linguística geral*? Esta pergunta não tem, com certeza, uma resposta trivial, como também já foi feita por muitos teóricos da linguagem. Neste item, pretende-se apenas apresentar os princípios das teorias de Saussure fundamentais tanto para os linguistas que lhe sucederam, entre os quais fazem parte desta dissertação Roman Jakobson, Émile Benveniste, Jacques Damourette e Édouard Pichon, pois contribuíram para as bases do já famoso “retorno a Freud” realizado por Lacan.

Existem, na teoria saussureana, alguns princípios ligados entre si, de tal modo que se pressupõe que o façam de maneira recíproca: ao contradizer um

deles, faremos com que os outros desapareçam. É exatamente nesse ponto que Saussure está na origem do estruturalismo.

A definição de *langue* constitui, sem dúvida alguma, o ponto de partida de sua teoria, e se encontra na introdução do curso:

[A] língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. (SAUSSURE, 2000, p. 24)

As duas noções presentes nessa definição, de *sistema* e de *signo*, estão relacionadas de tal forma que o *sistema de signos* se transforma em um sistema de valores. Por enquanto, pode-se afirmar que a língua constitui um sistema de signos.

A *langue*, então, consiste em um sistema de signos. Como esse sistema se distingue da linguagem? Saussure faz neste ponto uma distinção crucial: esse sistema opõe, no cerne da linguagem, as noções de *langue* e *parole*.

A *langue* é um sistema de signos, “um princípio de classificação”, um “conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [da linguagem] nos indivíduos” (SAUSSURE, 2000, p. 12). Sendo assim, ela é, por natureza, social. A *parole*, ao contrário, é individual. Constitui, na verdade, o que o sujeito falante faz com a *langue* para produzir um discurso. A linguagem, portanto, é necessariamente um conjunto constituído pela *langue* e pela *parole*. “A *langue* é para nós a linguagem menos a *parole*” (SAUSSURE, 2000, p. 92).

Determinados críticos e comentadores contemporâneos de Saussure cometem, com frequência, conforme nos informa Arrivé, um erro ao dizer que Saussure negligencia quase totalmente a *parole* e seu produto, o discurso, em benefício da *langue*.

Na realidade, Saussure concebe simultaneamente duas linguísticas: uma linguística da *langue* e outra linguística da *parole*. A linguística tratada de forma prioritária por Saussure é, sem dúvida, a linguística da *langue*. A linguística da *parole*, cujas referências deixam transparecer que seria abordada posteriormente por Saussure, acabou por não acontecer. Para Saussure, o sujeito falante está

presente da mesma forma na *langue* pela consciência que tem das estruturas linguísticas.

Depois de dizer que *langue* consiste em um sistema de signos, deve-se estabelecer o que se entende por signo saussureano. Para o linguista, o signo consiste em um conjunto de duas faces solidárias e inseparáveis: por um lado, uma face manifesta, conceitual, denominada inicialmente de *conceito*, para em seguida ser designada como significado; por outro lado, uma face manifesta, audível ou visível, denominada *imagem acústica*. O aspecto audível desses signos são as palavras para as quais Saussure dá prioridade. É esse lado manifesto que confere, de forma definitiva, o nome de significante.

O signo, assim concebido, é representado por uma elipse cortada horizontalmente em duas partes por uma barra. Na parte superior o conceito, substituído por significado, e, na parte inferior, a imagem acústica, ou o significante.

Existe um elemento que não é considerado nessa definição de signo linguístico saussureano, que seria, nesse caso, o objeto que designamos, no discurso, ao utilizar as palavras da *langue*. Esse objeto seria o que se conhece hoje como referente, e que não faz parte da definição de signo. Essa exclusão ocorre, exatamente, porque a *langue* é um sistema de signos e não uma “nomenclatura”, ou seja, uma lista de termos que corresponde a tantas outras coisas, tal como um inventário (SAUSSURE, 2000, p. 79).

É interessante observar que o francês e outras línguas romanas utilizam palavras diferentes para distinguir os conceitos de língua e linguagem. Em inglês, alemão e nas línguas germânicas, essa distinção não existe. Elas recorrem a um signo único, *language* em inglês, *Sprache* em alemão, e *sprog* em dinamarquês.

O signo linguístico possui duas propriedades: o caráter linear do significante e o princípio arbitrário do signo.

[O] laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. (SAUSSURE, 2000, p. 81)

Nem todos os linguistas aceitam o princípio de arbitrariedade. Tal princípio define a relação entre significante e significado como indissolúvel. Saussure fez

uso da metáfora da folha de papel para indicar a indissolubilidade dessa relação, “a língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro” (SAUSSURE, 2000, p. 131). Embora seja indissolúvel, essa relação não é necessária, ela não é racionalmente justificável. Isso implica dizer que o significante não diz nada, nada de verdadeiro acerca do significado, ao contrário do que nos informa a etimologia, em grego, o “discurso verdadeiro”.

A principal justificativa para essa questão da arbitrariedade está no fato de ser necessária à concepção de *langue*, não apenas como sistema de signos, mas como sistema de valores, para ser mais precisa, de valores negativos. O problema dessa concepção é que o valor produzido por essa posição é estritamente diferencial: nada existe na *langue* que não seja por diferença.

Uma diferença supõe, de modo geral, temos positivos entre os quais esta se estabelece; no entanto, na *langue*, não existem diferenças positivas. “A *langue* não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema” (SAUSSURE, 2000, p. 139).

A noção de diferença sem termos positivos constitui aparentemente o paradoxo.

Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem. (SAUSSURE, 2000, p. 139)

Saussure introduz, nesse ponto, uma inovação decisiva. Esta consiste em distinguir dois pontos de vista com relação à *langue*, que designa com os neologismos sincronia e diacronia.

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (SAUSSURE, 2000, p. 96)

Saussure privilegia o ponto de vista sincrônico, pois este expressa os fenômenos de diferença de valores, uma vez que essas diferenças são estabelecidas entre os elementos presentes em determinado momento. O ponto de vista diacrônico não permite apreender esses elementos a não ser de maneira isolada em sua evolução ao longo do tempo. A sincronia permite apreender sistemas de valores que estão ocultos na diacronia. A sincronia constitui uma linguística da *langue*, enquanto a diacronia baseia-se na linguística da *parole*.

Pergunta-se: qual seria o impacto de Saussure sobre as ciências humanas, sobretudo a psicanálise. Vale destacar, inicialmente, que o efeito produzido pelas teorias de Saussure demorou muito a se manifestar fora dos domínios da linguística. Os primeiros trabalhos de Émile Benveniste em que se pode perceber a influência de Saussure são da metade da década de 1930. Depois disso, uma série de linguistas como Martinet e outros citados nesta dissertação começaram a deixar transparecer em seus trabalhos as inspirações de Saussure. Essa ação continua a ser exercida, atualmente, embora de maneira difusa.

Evidentemente, os linguistas que apresentamos neste trabalho estão entre aqueles que não apenas sofreram enorme domínio do trabalho de Saussure como também avançaram, questionaram e problematizaram suas teorias tendo influenciado, de forma definitiva, a psicanálise lacaniana.

No caso da psicanálise, a relação com a linguística é problemática há algum tempo. O filho de Saussure, Raymond de Saussure foi analisante de Freud e não se sabe ao certo como e quanto Freud chegou a conhecer as teorias de seu pai. A relação entre pai e filho era difícil.

Apenas em 1957, Saussure aparece, de maneira explícita em Lacan, no texto “A instância da letra no inconsciente ou razão depois de Freud”.

A linguagem da qual depende o inconsciente, como Lacan a concebe, é sem dúvida ao modo saussureano. Esse artigo de 1957 interpreta as operações do inconsciente concebidas por Freud, condensação e deslocamento, segundo o modelo saussureano de signo linguístico.

Ao fazer uso da linguística estrutural inaugurada por Saussure, Lacan isola no texto freudiano uma verdadeira lógica do significante.

Lacan realiza duas leituras da obra de Saussure; a primeira, antes de 1953 e encontra-se no contexto filosófico da recepção da filosofia heideggeriana na França e da descoberta de Lévi-Strauss das estruturas elementares do parentesco;

a segunda, seria uma transformação do estruturalismo ou até mesmo uma transformação “cartesiana” dos conceitos freudianos.

Segundo Arrivé, o significante lacaniano e o significante saussuriano não se confundem, há diferenças que os separam. Apesar dessas diferenças ambos estão unidos por relações que tornam sua denominação de significante mais complexa e legítima. Ele avança nesse sentido e em 1986 afirma que são homônimos e que não tratam do mesmo conceito.

A origem saussureano do conceito lacaniano de significante.

Lacan reconhece, e até mesmo reivindica, a origem saussureana de sua teoria do significante em suas relações com o significado. Existem vários testemunhos disso e o mais importante estar no texto “A instância da leitura no inconsciente ou a razão depois de Freud” (1957):

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela está, como acontece com toda a ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte: S/s, que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas. [...] O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos [...]. É por isso que é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização S/s em que se caracteriza, Na diversidade das escolas, a etapa moderna da linguística. (LACAN, 1998a, p. 500)

Lacan reivindica plenamente o modelo saussureano como epônimo e étimo do seu próprio “algoritmo”. Segundo ele, em “A instância da letra”, 1957, “[q]uando da publicação da *Traumdeutung*, antecipava-se muito às formalizações da linguística, para as quais sem dúvida poderíamos demonstrar que, por seu simples peso de verdade, ela abriu seu caminho.” (M.A. *apud* ARRIVÉ, 1999, p. 78). Algum tempo depois, ele é mais explícito e apresenta Freud como o verdadeiro precursor de Saussure.

São bastante amplas e necessárias as consequências da coexistência de campo entre linguística e inconsciente, na qual se destaca, sobretudo, o seguinte: todo conceito linguístico tem seu correspondente no inconsciente e na sua teorização feita por Freud. Isso acontece com o significante saussureano também.

São inúmeros os argumentos de Lacan para afirmar a influência de Freud sobre Ferdinand de Saussure. Ele se utiliza, por exemplo, de muitos conceitos freudianos para justificar essa ascendência, como: *Wahrnehmungszeichen*, signo de percepção, na Carta no. 52 a Fliess; no seminário 7, *A ética da psicanálise*, no qual emprega a noção de sincronia a propósito do *Wahrnehmungszeichen*, porque entende que a sincronia afeta apenas o significante. Traduz *Gleichzeitichkeit*, simultaneidade ou contemporaneidade, de Freud, lembrando: “não esqueçam que lidamos com o sistema de *Wahrnehmungszeichen*, sinais de percepção, isto é, com o sistema primeiro dos significantes, com a sincronia primitiva do significante” (LACAN, 2008, pp. 84-85, 1997, pp. 66-67).

Há de fato, também, uma relação sincrônica de oposição entre o famoso *fort-da*, do neto de Freud, citado em “Além do princípio do prazer”. Lacan afirma que é, ao mesmo tempo, na *Gleichzeitichkeit*, que vários significantes se apresentam ao sujeito, como neste exemplo, em que, o *Fort* é correlativo de *Da*. De acordo com Lacan, o *Fort* só pode expressar-se na alternância a partir de uma sincronia fundamental.

O segundo étimo freudiano do significante saussureano seria, conforme Lacan, o *Vorstellungsrepräsentanz*. No seminário 7, *A ética da psicanálise*, ele apresenta “rede significativa” e “rede dos *Vorstellungsrepräsentanz*” como sendo duas expressões intercambiáveis (LACAN, 2008, p. 145). Mas acaba por se decidir a afirmar a identidade do significante e do *Vorstellungsrepräsentanz*:

O *Vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário. Este significante vem constituir o ponto central da *Urverdrängung* – daquilo que, ao ser passado ao inconsciente será, como indica Freud em sua teoria, o ponto de *Anziehung*, o ponto de atração por onde serão possíveis todos os outros recalques, todas as outras passagens similares ao lugar do *Unterdrückt*, do que é passado por baixo do significante. Aí está o de que se trata no termo *Vorstellungsrepräsentanz* (LACAN, 2008, p. 207, 1992, pp. 206-207).

Não se contesta que os *Wahrnehmungszeichen* da Carta 52 a Fliess sejam reunidos segundo a associação de simultaneidade. No entanto, seria essa simultaneidade de fato uma sincronia?

Adiante, no Capítulo VII, exploro de maneira mais detalhada as possíveis relações entre as noções de *Vorstellungsrepräsentanz*, *Wortvorstellung*,

Dingvorstellung, *Sachvorstellung* e o conceito de significante, refletindo sobre os pontos em que se tocam e/ou divergem.

Apesar de toda a tentativa de aproximar o significante saussureano e o significante lacaniano existem divergências entre eles. O primeiro ponto de modificação seria a própria célula elaborada por Saussure para o signo, que desaparece em Lacan, assim como as duas flechas de sentido oposto, encontradas na versão do *Curso de linguística geral*, indicando a relação de pressuposição recíproca entre o significado e significante.

A segunda modificação está na disposição espacial dos dois elementos do signo e, de um só golpe, da hierarquia na sua representação também. Lacan sabia muito bem o que pretendia com essa inversão que operou no esquema. Assim, significante e significado, livres da compartimentação postulada por Saussure, parecem ter meios de circular cada um a seu lado, porque estão rigorosamente separados. Lacan enfatiza a presença da barra entre eles como uma “barra” de separação. Ele lê a barra materialmente, como a barreira que ela não é para Saussure.

Uma barra, uma barreira, é algo que separa mas que também pode ser atravessada: “[O] significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e importa não elidir que, entre os dois, há algo de barrado a atravessar” (LACAN, 1996b, p. 29).

Para Lacan, a relação do significante e do significado está longe de ser biunívoca. Importa-lhe distinguir o significado e a coisa. O próprio Saussure também concorda que a “coisa” não se confunde com o significado. Lacan considerará, então, o problema das relações entre o significado e a coisa, chamada de referente. Ele apresenta de forma nítida o corte entre o significado e o referente.

Por fim, gostaria de apresentar, o que, segundo Arrivé, o algoritmo não mostra. Conforme o linguista, Lacan não hesita acerca da materialidade do significante. “[N]inguém mais ignora que a materialidade da linguagem é a materialidade dos significantes” (LACAN, 1998a, p. 24), ou ainda, “[O] significante deve ser tomado no sentido do material da linguagem” (LACAN, 1997, p. 42). Para Saussure, entretanto, o significante é, precisamente, feito de nada, um regime de pura diferença, sem termo positivo. O problema se coloca ao

refletir como Lacan conseguirá articular a materialidade do significante com o seu caráter diferencial e opositivo que ele conserva de Saussure.

Existem ainda outros pontos de divergências e convergências entre os significantes lacaniano e saussureano. Quis apenas destacar entre eles alguns dos pontos mais centrais modificados por Lacan. Seria possível falar em muitos outros, no entanto, creio que excederia em muito o que se pretende discutir nesta dissertação.

Como veremos ao longo deste trabalho, a noção de significante é indissolúvel do conceito de sujeito para Lacan.

Existe ainda uma divergência que aparece de maneira imediata entre ambas as concepções de signo. Para Saussure, significante e significado estão indissolúvelmente vinculados em uma união íntima. Lacan, no entanto, não pensa assim. Existe uma teoria do signo, mas que não deve nada a Saussure mas a Pierce.

Nesta Seção apresentamos brevemente os conceitos saussureanos sobre os quais se assentam as elaborações feitas por Lacan, que transformaram inúmeros conceitos psicanalíticos que abordaremos ao longo deste trabalho.

3.2 **Émile Benveniste**

Por muito tempo, Lacan considerou Benveniste um grande linguista e foi influenciado por muitas de suas formulações. No entanto, em determinado momento, passa a ter por ele pouca simpatia, em decorrência do artigo que lhe pede que escreva para a revista *La Psychanalyse*. Nesse trabalho, “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, 1956, Benveniste critica Abel, linguista que escreve sobre o sentido antitético das palavras – *Gegensinn* – e suscita, por suas teorias a esse respeito, o interesse de Freud, expresso no artigo “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas”, assim como nas Conferências XI, “A elaboração onírica”, e XV, “Incertezas e dúvidas”, ambas de 1915-1916, acerca do trabalho do sonho.

Abel parte da constatação de que em egípcio o mesmo material fônico pode designar realidades opostas. Desse modo, o mesmo hieróglifo, dependendo de um

determinativo diferente, significará forte ou fraco, longe ou perto, ordenar ou obedecer etc. Freud, interessado na inexistência do “não” no inconsciente entusiasma-se pelo artigo de Abel e, como ele, aponta para o indecível na língua e não para oposição pura e simples na qual uma mesma palavra pode significar ao mesmo tempo duas coisas distintas e opostas.

Gostaria de trazer para este trabalho o entusiasmo de Freud pelas teorias de Abel e os inúmeros exemplos que se dispõe a dar para mostrar a importância desse indecível da palavra cujo melhor exemplo encontra-se em seu artigo “*Das Unheimlich*”, “O estranho”. Nesse artigo, a palavra “*heimlich*” designa ao mesmo tempo o que é familiar e também seu oposto, “*unheimlich*”, o estranho, inquietante, sinistro. É uma palavra que se desenvolve na direção da ambivalência.

Alguns filólogos têm afirmado que, nos idiomas mais antigos, os contrários, tais como “forte-fraco”, “claro-escuro”, “grande-pequeno”, são expressos pelas mesmas raízes verbais. (É o que denominamos “significação antitética de palavras primitivas”.) Assim, no idioma egípcio antigo, “ken” originalmente significava “forte” e “fraco”. No falar, evitam-se os equívocos, provenientes do uso dessas palavras ambivalentes, através de diferenças de entonação e de gestos concomitantes, e, no escrever, pelo acréscimo de algo chamado “determinativo”—uma figura que não se destina a ser falada. Por exemplo, “ken” com a significação de “forte” era escrito com a figura de um homenzinho na vertical, após os sinais alfabéticos; quando “ken” representava “fraco”, o que se seguia era a figura de um homem instavelmente agachado. Foi somente mais tarde, por meio de ligeiras modificações da palavra homóloga original, que se chegou a duas representações distintas para expressar os contrários nela incluídos. Foi assim que de “ken” “forte-fraco” derivaram “ken” “forte” e “kan” “fraco”. Os remanescentes dessa significação antitética antiga parecem ter sido conservados, não somente nas mais recentes evoluções dos idiomas mais primitivos como também nos idiomas mais novos e até mesmo em algumas línguas ainda vivas. Aqui estão algumas provas disso, retiradas de K. Abel (1884). (FREUD, 1976, v. XV, pp. 213-215)

Em seguida Freud nos fornece, em seu texto, inúmeros exemplos de palavras antitéticas, em diversas línguas, entre os quais destacarei alguns exemplos: no latim, “altus” (“alto” e profundo), sacer (“sagrado e “maldito”); em alemão, “Stimme” (“voz”) , “stumm” (“mudo”), “wieder” (“junto com”) e “wider” (“contra”); em inglês a própria palavra “without” (segundo ele, “with”, “without”, com ou sem) é atualmente empregada apenas como “without”; e assim por diante.

Além disso, na Conferência XI, Freud afirma que a fusão de contrários na elaboração onírica é análoga à “significação antitética das palavras primitivas” nos idiomas mais antigos.

Vê-se como Freud foi preciso em sua elaboração pois faz questão de destacar que:

Abel (1884), o filólogo ao qual devemos essa linha de pensamento, nos pede para não supormos que as comunicações feitas por uma pessoa a outra, com a ajuda de tais palavras ambivalentes, sejam, por essa razão, ambíguas. Pelo contrário, entonação e gestos devem tê-las feito muito precisas, no contexto do discurso, indicando qual dos dois contrários o interlocutor tencionava comunicar. Na escrita, onde o gesto está ausente, seu lugar era ocupado por um sinal pictográfico que não se destinava a ser falado — por ‘fraco’ ou ‘forte’. Assim, apesar da ambiguidade dos sons e sinais, evitava-se o equívoco (Freud, 1976, v. XV, p. 274-275).

Ao escrever seu artigo para a *La Psychanalyse*, Benveniste propõe-se exatamente a mostrar que Freud se equivocou. Freud, no entanto, argumenta que esse tipo de inversões, como essas que ocorrem aqui, em palavras isoladas, efetuam-se de várias maneiras na elaboração onírica, como explica tão bem:

Já conhecemos a inversão de significado, a substituição de algo pelo seu oposto. Além disso, em sonhos encontram-se inversões da situação⁹, da relação entre duas pessoas, tal como um — um mundo “virado de pernas para o ar”. Muito frequentemente, em sonhos, é a caça que atira no caçador. Ou então encontramos uma inversão na ordem dos eventos, de modo que aquilo que precede causalmente um evento ocorre depois do mesmo, no sonho — como uma produção teatral realizada por uma companhia de terceira categoria, na qual o herói cai morto e o tiro que o matou não é detonado nos bastidores senão bem depois (FREUD, 1976, v. XV, p. 213-215)

Benveniste, por sua vez, utiliza dois argumentos contra a teoria de Abel: os dados filológicos que apresenta são falsos e a noção de *Gegensinn* é absurda quando nos referimos a uma língua.

⁹ “inversões como essas, praticadas aqui, em palavras isoladas (em relação a uma palavra apenas, se produzem de maneiras distintas por obra do trabalho do sonho. Além disso, em sonhos encontram-se inversões da situação da relação entre as duas pessoas, tal como um “mundo ao inverso (*verkehrten Welt*)” (“mundo de pernas para o ar”). (adaptação minha) “Die Umkehrung des Sinnes, Ersetzung durch das Gegenteil, kennen wir bereits. Außerdem finden sich in Träumen Umkehrungen der Situation, der Beziehung zwischen zwei Personen, also wie in der »verkehrten Welt«. Im Traum schießt häufig genug der Hase auf den Jäger. Ferner Umkehrung in der Reihenfolge der Begebenheiten, so daß die kausal vorangehende der ihr nachfolgenden im Traume nachgesetzt wird.” (FREUD, 1970, v. I, p. 231 ou v. I, p. 186)

Supondo que exista uma língua em que “grande” e “pequeno” se digam identicamente, há de ser uma língua em que a distinção entre “grande” e “pequeno” não tenha literalmente nenhum sentido e na qual a categoria da dimensão não exista, e não uma língua que admitisse uma expressão contraditória da dimensão. (BENVENISTE, 1995, p. 89).

Ele refuta assim a tese das palavras antitéticas ao afirmar o caráter sistemático da organização de uma língua, que possui sua ordem própria.

Em função desse artigo, Lacan critica duramente Benveniste em seu seminário sobre “A carta roubada”:

Gostaríamos de recolocar ao Sr. Benveniste a questão do sentido antinômico de certas palavras, primitivas ou não, após a magistral retificação que ele trouxe à falsa via por onde Freud a fez enveredar no terreno filológico (cf. *La Psychanalyse*, v. I, p. 5-6). Pois parece-nos que essa questão permanece intacta, destacando em seu rigor a instância do significante. Bloch e Von Wartburg datam de 1875 o aparecimento da significação do verbo (*dépister*) no segundo emprego que fazemos em nossa frase (LACAN, 1998a, p. 24).

Neste caso a frase é: “*Dépistons donc sa foulée là ou elle nous dépiste*” (LACAN, 1966, p. 22). É necessário chamar atenção para os dois significados da palavra *dépister*: seu emprego mais usual e atual é com o significado de descobrir alguém ou algo seguindo sua pista; e o mais antigo, já em desuso na França, é seu exato oposto, despistar”¹⁰ (LACAN, 1998a, p. 24). Ou ainda, em “Radiofonia”, “[e]ssa carência do linguista, pude verificá-la por uma contribuição que pedi ao maior que existiu entre os franceses, para ilustrar o lançamento de uma revista de minha criação” (LACAN, 2003, p. 408). Nesse texto, Lacan critica especificamente o que tem relação com o significante: “se o linguista não pode fazer mais do que pareceu no veredicto de que a comodidade do significado exige que os significantes não sejam antitéticos” e dá o exemplo pressupondo que falar árabe, língua em que se verifica uma abundância de significantes antitéticos, seria uma tarefa bastante árdua.

Apesar da polêmica acerca das palavras antitéticas, Lacan sempre leu Benveniste. Verificamos a grande influência do linguista em muitas das

¹⁰ “Il nous plairait de reposer devant M. Benveniste la question du sens antinomique de certains mots, primitifs ou non, après la rectification magistrale qu’il a apportée à la fausse voie dans laquelle Freud l’a engagée sur le terrain philologique (cf. *La Psychanalyse*, vol. I, p. 5-16). Car il nous semble que cette question reste entière, à dégager dans sa rigueur l’instance du signifiant. Bloch et Von Wortburg datent de 1875 l’apparition de la signification du verbe *dépister* dans le second emploi que nous en faisons dans notre phrase” (LACAN, 1966, p. 22).

elaboraões de Lacan em seu retorno a Freud. Dentre as formulaões de Benveniste de que Lacan se valeu estão os conceitos de discurso, de enunciação e de enunciado, que utiliza para contrapor suas ideias às do linguista, assim como suas observaões sobre a gramática dizem respeito acima de tudo ao francês.

Émile Benveniste, em sua “Teoria da Enunciação”, trouxe explicitamente aos estudos linguísticos a noção de subjetividade, no texto “Da subjetividade na linguagem” (1958), talvez sua maior contribuição. A subjetividade é a capacidade do locutor se propor como sujeito de seu discurso e ela se funda no exercício da língua. “É na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 286).

Segundo Benveniste, no processo de enunciação, falar “eu”, implica, necessariamente, o endereçamento a um tu. Eu e tu são pessoas da enunciação, respectivamente, primeira e segunda, e distinguem-se pela marca de subjetividade (eu: subjetivo; tu: não subjetivo).

Benveniste acredita em uma consciência de si que só pode ser experimentada por contraste. “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Para ele a linguagem só é possível porque um locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo-se a ele mesmo, no seu discurso; como o “eu” se dirige a outra pessoa, que embora seja exterior a “mim” [moi], “torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” estabelecendo uma condição de diálogo. “Nenhum dos dois termos se concebe sem o outro” (BENVENISTE, 1995, p. 286).

A subjetividade pode ser expressa por marcas linguísticas, que possuem o poder de expressá-la, como os pronomes e o verbo. Para ele, os pronomes devem ser tomados como fatos de linguagem que pertencem à mensagem (*parole*), às categorias do discurso e não apenas como se pertencessem ao código (*langue*), às categorias da língua, como acreditava Saussure. Para entender o sujeito e suas representações em Benveniste, é preciso partir da categoria de pessoa: “o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 1989, p. 87).

Em oposição ao eu e ao tu, tem-se o ele, a não-pessoa, noção também utilizada por Lacan, que não se refere a um indivíduo específico, ou seja, relata um processo que se desenvolve fora da relação de subjetividade, em outras palavras, o ele é o objeto da enunciação. A terceira pessoa (ele, não-pessoa) é

considerada pelo linguista como uma categoria da língua que tem referência objetiva cujo valor independe da enunciação, e declara, portanto, a objetividade.

A partir disso, pode-se dizer que Benveniste vê o ego como centro da enunciação e afirma que a subjetividade vai se fazendo à medida que se tem a capacidade de dizer eu.

Embora Lacan inicialmente tenha se voltado para Benveniste e talvez por isso tenha lhe pedido que escrevesse o artigo para *La Psychanalyse*, tendo dito “le plus grand [linguiste] qui fût parmi les français” (LACAN, 1970, p. 55), vê-se a enorme diferença entre essa concepção do eu/tu em Benveniste e a formulação do sujeito dividido da psicanálise, assim como a questão do diálogo, sempre criticada por Lacan. Enquanto Benveniste define o sujeito da enunciação como o eu [Je], para Lacan, o sujeito da enunciação não é o ego atrelado a um “aparelho formal de enunciação”. Lacan concebe o sujeito da enunciação a partir do momento em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, com base em uma definição linguística do *Je* como significante.

Lacan utiliza-se dos pronomes em francês para referir-se à primeira pessoa *je-moi* e desenvolve a noção de que o eu-*je* “não é nada além do *shifter* [embrayeur] ou indicativo que, no sujeito do enunciado, designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento” (LACAN, 1998a, p. 814). Ou seja, designa o sujeito da enunciação, mas não o significa. O significante do sujeito da enunciação pode ser diferente do *Je* ou de outras marcas de pessoa, assim como faltar no enunciado. (DUCARD, 2012, p. 2).

O sujeito freudiano, ao contrário do que afirma Benveniste, não está naquilo que ele afirma “o sujeito se serve da palavra e do discurso para ‘representar-se’ a si mesmo” (BENVENISTE, 1995, p. 84), ou ainda, “É ego que diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo status linguístico da ‘pessoa’” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Muito diferente disso, o sujeito do inconsciente é um sujeito dividido e por isso paradoxal.

Embora muitas tenham sido suas contribuições, o grande problema com Benveniste foi, de fato, a discussão acerca do “par antitético” (*Gegensatzpaar*). A noção de par antitético inscreve-se na obra de Freud no que foi um pensamento constante: um dualismo fundamental que permite traduzir o conflito. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1967, p. 421). Em Freud, em distintos momentos de sua teoria, encontramos uma noção de dualismo, par antitético, oposição,

polaridade etc. Os exemplos são contundentes e falam da importância fundamental que Freud atribuía a essa ideia: ativo-passivo, masculino-feminino, fálico-castrado, prazer-desprazer, e nos dualismos pulsionais. Parece-nos que Benveniste não percebeu a abrangência da discussão tendo sido por isso, depois, tão criticado por Lacan.

3.3

Roman Jakobson

O linguista russo Roman Jakobson, pós-saussureano, está entre os linguistas estruturalistas que tiveram muita ascendência nas formulações psicanalíticas de Lacan. Como disse na Seção anterior, ele teve grande influência na leitura que Lacan fez de Saussure.

Jakobson veio do Círculo de Moscou e juntou-se ao Círculo Linguístico de Praga nos anos 1920. O trabalho desse grupo tem consequências importantes para dois campos: fonologia e poética. A via que Jakobson toma nesse percurso é a da poética, o que lhe traz características singulares, uma maneira particular de ver a linguagem. Os linguistas pertencentes a esse grupo tinham uma reflexão privilegiada sobre o domínio dos sons baseada na apreensão da “maneira pela qual nasce o sentido na poesia, o que significa que a língua, objeto do linguista, nunca está separada da língua, objeto da literatura” (PÊCHEUX *apud* MARIANI, 2004, p. 5).

Em 1928, no Congresso de Haia, o Círculo Linguístico de Praga, chefiado por Nicolai Serge Trubetzkoy, diferencia, no plano linguístico, as duas ciências que tratam do significante e do signo, utilizando a dicotomia saussureana *langue* e *parole*. A fonética estuda os significantes do signo da *parole* (uso individual) e a fonologia se preocupa com os fonemas, os significantes da *langue* (sistema social, convencional de signos).

Para Jakobson só é possível pensar na língua a partir do momento em que ela também compreende a possibilidade da poesia. Como ele mesmo nos diz, em “Linguística e poética”, 1960, “a poética trata dos problemas da estrutura verbal [...] Se a linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da linguística” (JAKOBSON, 1988, p. 119).

Lacan explicita essa influência de Jakobson, assim como a relevância que confere à poesia em suas formulações:

Porque o poeta se produz por ser... (permitam-me traduzir aquele que o demonstra, no caso, meu amigo Jakobson)... produz-se por ser devorado pelos versos/vermes [vers] que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não. (LACAN, 2003, p. 402)

E o que é a linguagem para esse linguista? “Um ato de fala, [que] para ser eficiente, para exercer seu papel comunicativo, precisa de um código comum aos falantes e este permite combinações variadas” (JAKOBSON, 1988, p. 37). Assim como Saussure, Jakobson dirá que todo signo linguístico implica dois modos de arranjo: o de seleção (substituição) e o de combinação (contextura); neste último, o sintagma aparece em presença, ou seja, dois ou mais termos estão igualmente presentes em uma série. Na seleção, ao contrário, os termos estão unidos em ausência, como membros de uma série mnemônica. Enquanto na combinação a mensagem fornecida pode ser compreendida no eixo de contiguidade, na seleção as entidades estão associadas no código, mas não na mensagem dada. “Os constituintes de qualquer mensagem estão necessariamente ligados ao código por uma relação interna e à mensagem por uma relação externa” (JAKOBSON, 1988, p. 41).

Ou ainda retomando diretamente Saussure, “Num estado de língua, tudo se baseia em relações, [...] cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores. [...] No discurso, os termos estabelecem entre si, devido ao seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua”, ou seja, não é possível pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Essas combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. A relação sintagmática existe *in praesentia* e a relação associativa, ou paradigmática, *in absentia*, em uma série mnemônica virtual (SAUSSURE, 2000, pp. 142-143).

Esses dois modos de arranjo interessam a Jakobson, especialmente quando não estabelecem sua dimensão comunicativa. Ele justifica, dessa maneira, seu interesse pelas afasias, pois estas apresentam problemas na combinação e na seleção dos signos linguísticos de acordo com o tipo de afasia existente. Ele aproveita os estudos que desenvolve em torno desse assunto para compreender o modo de funcionamento da cadeia significante, considerando os eixos paradigmático e sintagmático enquanto procedimentos metafórico e metonímico,

respectivamente. Ao estudar a combinação (encadeamento) e a seleção (concorrência) dos signos, o linguista questiona o aspecto da linearidade da cadeia significante.

Mais adiante tratarei os exemplos fornecidos por Lacan da função do trabalho da metáfora e da metonímia na psicanálise, que ele expõe no seminário 3, *As psicoses*.

No texto em que Jakobson trata das afasias – “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1956) –, escrito quando ele se encontrava em Nova York após a Segunda Guerra Mundial, o autor reafirma os pressupostos saussureanos do Círculo de Praga, propondo que o papel do linguista é o de ser um “especialista na estrutura e no funcionamento da linguagem” (JAKOBSON, 1988, p. 34).

Para Freud e Jakobson, as afasias não fazem mais do que reproduzir o que se dá no processo de aprendizagem da fala. “A regressão afásica se revelou um espelho da aquisição de sons da fala pela criança; ela nos mostra o desenvolvimento da criança ao inverso” (JAKOBSON, 1988, p. 36).

Uma criança é capaz de articular em seu balbúcio uma quantidade de sons que nunca se encontram reunidos ao mesmo tempo em uma só língua, nem mesmo em uma família de línguas [...] perde praticamente todas as suas faculdades de emitir sons quando passa da etapa pré-linguística à aquisição de suas primeiras palavras (JAKOBSON *apud* GOLDEMBERG, 2011, p. 102).

Jakobson demonstra como as atividades de combinação e seleção encontram-se prejudicadas em cada uma das formas de afasia, a sensorial e a motora. Na afasia sensorial, ocorre um distúrbio da similaridade, o sujeito não consegue encontrar palavras; e na afasia motora, o distúrbio é de contiguidade, ou seja, o sujeito não consegue formar frases compostas, apenas nomeia, e isso faz com que pareça falar de forma telegráfica.

Do ponto de vista da fenomenologia, a linguagem do afásico sensorial é uma linguagem de paráfrases. Sua jarganofasia – o vocábulo é um pouco forte demais – se caracteriza pela abundância e facilidade da articulação e do desenvolvimento das frases, por mais parcelares que elas se tornem no desfecho final. (LACAN, 1997, p. 255)

Um paciente de Lotmar apresentava essa afasia. Quando lhe mostraram o desenho de uma bússola¹¹, respondeu: “Sim, é um sei de que se trata mas não consigo lembrar-me da expressão técnica ... sim ... direção ... para indicar direção ...uma agulha imanente indica o Norte”. (LOTMAR *apud* JAKOBSON, 1988, p. 45)

Ao lado da afasia sensorial, há aquela que se chama grosseiramente motora. Ela começa pelos distúrbios do agramatismo, bem conhecidos agora, e vai até uma redução extrema do estoque verbal - na imagem imortalizada, e o famoso lápis que ele não consegue mais enunciar. Essa outra dimensão do déficit afásico pode muito bem ordenar-se na ordem dos distúrbios da contiguidade. (LACAN, 1997, p. 255).

Desse segundo tipo de afasia há o exemplo de um caso citado por Goldstein em que o paciente usava “*Ding*”, coisa, e “*Stückle*”, pedaço, como substitutos para todos os nomes inanimados.

Em Freud, a afasia se dá pela interrupção das associações e transmissões que ocorrem e subjazem às funções da linguagem. A unidade funcional do que ele chama de aparelho de linguagem é a “palavra”, um conceito complexo constituído por elementos auditivos, visuais e cinestésicos, que responde a um complicado processo de associações.

Lacan elogia Jakobson em “Instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud” (1957) pela análise linguística que ele faz dos dois tipos de afasia, retirando as noções psicológicas que, segundo ele, tanto obscurecem esse assunto. No seminário 3, *As psicoses*, retoma Jakobson para analisar o fluxo verbal nas afasias e nas psicoses, em relação às neuroses:

o que a partir daí, não pode deixar de ocorrer e que ocorreu a um linguista amigo meu, Roman Jakobson, é que a distribuição de certas perturbações chamadas afasias devem ser revistas à luz da oposição entre, por um lado, as relações de similaridade ou de substituição, ou de escolha, e também as de seleção ou de concorrência, em suma, de tudo o que é da ordem do sinônimo, e, por outro lado, as relações de contiguidade, de alinhamento, de articulação significativa, de coordenação sintática. Nessa perspectiva, a oposição clássica das afasias sensoriais e das afasias motoras de há muito já criticada, se coordena de forma surpreendente. (LACAN, 1997, p. 250)

¹¹ Ao ser solicitado a dizer o nome de um objeto indicado ou manipulado pelo observador, o afásico, nesse caso (de substituição), não conseguirá completar o gesto do observador com o nome indicado.

Quase ao final do artigo sobre as afasias, Jakobson menciona a possibilidade de se fazer um paralelo com os dois processos descritos por Freud no funcionamento do sonho, pois há uma competição entre os procedimentos metafórico e metonímico manifesta em todo processo simbólico (JAKOBSON, 1988, p. 61). Nos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as sequências temporais usadas baseiam-se na contiguidade, deslocamento e condensação metonímicos, ou na similaridade, identificação e simbolismo metafóricos. Em uma investigação acerca da estrutura dos sonhos, o ponto crucial é saber distinguir contiguidade (“transferência” metonímica e “condensação” sinedócica de Freud) e similaridade (“identificação” e “simbolismo” freudianos) (JAKOBSON, 1975, p. 61).

Lacan redimensiona as noções freudianas de deslocamento e condensação a partir de sua teoria do significante, servindo-se das formulações de Jakobson, sobretudo, no texto sobre as afasias. A condensação (*Verdichtung*) passa a ser entendida como um processo metafórico. Trata-se da substituição de vários significantes por outro significante, “é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta” (LACAN, 1998a, p. 515).

As figuras de retórica conhecidas como metáfora e metonímia são concebidas por Lacan como geradoras de sentido. No seminário *As psicoses*, ele também introduzirá esses processos baseando-se nas formulações de Jakobson.

Segundo Lacan, “[A] metáfora não é a coisa no mundo das mais fáceis de falar” (LACAN, 1988, p. 248), depois de mencionar que estilo poético começa na metáfora, e que ali onde a metáfora cessa, a poesia também o faz.

Um dos exemplos diversas vezes repetido na obra de Lacan de metáfora está no verso do poema “*Booz endormi*” de Vitor Hugo, “*Sa gerbe n’était point avare, ni haineuse*”¹². Lacan indica como esse verso nos permite ver com clareza a “vida constante da metáfora nas transferências de significado [...] Aí está um bom exemplo de metáfora” (LACAN, 1997, p. 254).

Com esse verso, ele pretende nos mostrar que não existe uma comparação, mas uma identificação entre o personagem principal do poema, Booz, e “*gerbe*”,

¹² “Seu feixe não era nem avaro, nem odiento” (LACAN, 1997, p. 249).

feixe, no sentido estrutural do termo, ou seja, em que um elemento é identificado a partir das relações que mantém com os outros elementos do sistema.

O conceito de metáfora estabelece que as substituições no eixo paradigmático são possíveis apenas até determinado limite imposto pelos constrangimentos do código. No entanto, Jakobson demonstrou que a criação poética possui certo grau de liberdade em relação a essas imposições do código. Lacan ressalta, em sua concepção de metáfora, a determinação das relações sintagmáticas, no contexto da mensagem, na produção de sentido. “É porque há uma sintaxe, uma ordem primordial de significante, que o sujeito é mantido separado, como diferente de suas qualidades.” (LACAN, 1997, p. 249)

Ele aponta que não há nada no dicionário que possa nos sugerir que o *gerbe* seja *avare* e muito menos *haineuse*. Sem a articulação predicativa nem a distância mantida entre o sujeito e suas qualidades não se poderia dizer de um feixe que seja avaro ou odiento. “É pela similaridade de posição que o *gerbe*, feixe, é literalmente idêntico ao sujeito Booz” (LACAN, 1997, p. 249), indicando que a substituição metafórica só é possível em decorrência da concatenação significante. No entanto, suas formulações permanecem subsidiárias às de Jakobson. Existe apenas substituição de um significante por outro em função da similaridade posicional, ou seja, em função do lugar que o significante ocupa em uma cadeia, e não uma semelhança de significado.

No verso de Victor Hugo dado como exemplo por Lacan, “Booz” e “*gerbe*” são semelhantes, pois ocupam a posição de sujeito do verso. Os adjetivos “*avare*” e “*haineuse*” são qualificações que se aplicam apenas ao personagem Booz, aqui substituído por “*gerbe*”. Entretanto, embora excluído, está presente por meio de uma conexão metonímica com esses adjetivos que lhe são atribuídos. Vemos, assim, que o significante substituído não é totalmente excluído mas é uma presença ausente. Ela mostra a necessidade de se ter um processo metonímico, como pré-condição da metáfora. Os dois processos então estão intimamente interligados.

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. (LACAN, 1998a, p. 510)

Nesse verso a função de conector (*shifter*) entre os significantes “Booz” e “gerbe” é o pronome possessivo “sa”. Desse modo, “entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética” (LACAN, 1998a, p. 511).

Na investigação analítica, a vertente que está relacionada à identificação e ao simbolismo está do lado da metáfora enquanto a metonímia está do outro lado, da articulação e da contiguidade, como disse anteriormente. A metonímia constitui a forma retórica que se opõe à metáfora, implica na substituição de alguma coisa que se trata de nomear.

Segundo Lacan, para que a metáfora se instale, é necessário que já exista um sistema significante articulado estabelecido que possibilite um segundo tempo à transferência de significação. Ele exemplifica a articulação significante metonímica em um relato de sonho de Anna Freud que, durante o sonho, narrado por Freud, fala: “*Anna F. eud, Er(d)beer, Hochbeer, Eier(s)peis, Papp.*”¹³ (FREUD, 1972, v. III, p. 134). Ela deseja guloseimas que lhe são proibidas, e as coloca de maneira equivalente do ponto de vista da sua função posicional.

Pode-se aplicar aqui também um raciocínio similar ao que foi realizado no caso do verso de Victor Hugo: por ocuparem a mesma posição esses significantes podem se identificar e produzir um efeito de sentido (metáfora).

A função primordial de tudo que se torna nome consiste na perda da referência ao objeto. Desse modo, é possível definir metonímia como a função significante por excelência, na medida em que faz desaparecer a coisa quando nomeada.

Esses conceitos de metáfora e metonímia serão cruciais para a reformulação dos conceitos de condensação e deslocamento freudianos.

Na poesia, que visa ao signo, encontramos um predomínio da metáfora e na prosa, que visa ao referente, da metonímia.

O deslocamento é visto como um processo metonímico. Há, portanto, um remetimento a outro significante e não uma substituição de um por outro. Segundo Lacan, “A *Verschiebung* ou deslocamento [...] é o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud,

¹³ “Anna Fwend, mo-rranga, morranga sivestras, ombleta, podim!” (FREUD, 1976, v. IV, p. 139).

é apresentado como meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura” (LACAN, 1998a, p. 515).

Lacan e Jakobson diferem com relação à condensação, pois o psicanalista modifica a proposição do linguista coordenando ambos os eixos de funcionamento do inconsciente já mencionados, deslocamento e condensação.

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de sobreimposição dos significantes em que toma seu campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si a *Dichtung*, indica a conaturalidade do mecanismo com a poesia até o ponto em que aquele envolve a função propriamente tradicional desta. (LACAN, 1998a, p. 511)

Assim, na metonímia, a ligação dos significantes entre si elide o significado e remete ao objeto do desejo sempre faltoso na cadeia; na metáfora, trata-se da função de substituição de um significante por outro significante por meio do qual o sujeito é representado. Lacan destaca a importância da metáfora para compreender o sintoma: “não é senão sinônima do deslocamento simbólico empregado no sintoma” (LACAN, 1998a, p. 261)

Como vimos, Jakobson acompanhou por longo tempo a teorização de Lacan, além de ter assistido e participado de seus seminários tendo sido explicitamente elogiado e citado por Lacan, o que não aconteceu em relação aos outros linguistas que temos estudado nesta dissertação, por diferentes motivos. Sua contribuição teórica permeia a obra de Lacan, mas ele desenvolve, principalmente durante o seminário *As psicoses*, conceitos e elaborações que estabeleceram novos caminhos na teoria psicanalítica. Além disso, Jakobson, como mencionei no início da Seção, conduziu, de certa forma, a leitura que Lacan fez de Saussure.

3.4

Jacques Damourette e Édouard Pichon

Neste item apresentarei as ideias de dois gramáticos cujas teorias tiveram enorme influência nas elaborações lacanianas, sobretudo, a respeito do conceito de sujeito: Jacques Damourette e Édouard Pichon. Eles escreveram por muitos anos a obra *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*, um

vasto compêndio gramatical, redigida a quatro mãos, que consiste em sete extensos volumes.

Damourette e Pichon, tio e sobrinho, respectivamente, são também linguistas, que pertenceram à Société de Linguistique de Paris e será como linguistas que Lacan os lerá. Édouard Pichon, além de linguista, praticou de maneira entusiasmada atividades diversas, entre as quais de psiquiatra e psicanalista.

Como psicanalista, Pichon teve um lugar importante. Ele foi um dos fundadores, em 1925, da Société Psychanalytique de Paris, na qual veio a ocupar a presidência em 1938. A eleição de Lacan para Société Psychanalytique de Paris se fez sob a presidência de Pichon. Este parece ter sido, nessa época, o único psicanalista que era, ao mesmo tempo, linguista.

É impressionante como esse linguista antecipou, em 1927, um ponto a respeito da controvérsia da tradução do *Es*, em alemão, para o francês, de *soi* para *ça* e conseguiu estabelecê-la por algum tempo. Mas logo isso provocou a revolta de seus colegas que retomaram a tradução para *soi*, existente até então. O próprio Pichon afirma, com veemência, a inadequação dessa tradução:

A tradução de *das Es* por *le soi* é absolutamente inadequada ao termo que pretende traduzir, o que deveria bastar para rejeitá-la. [...] Por esses motivos, que eu afirmarei desesperadamente, no dia em que essa questão voltar oficialmente à Comissão Linguística, que nego categoricamente a minha adesão pessoal à tradução de *das Es* por *le soi*. (DAMOURETTE E PICHON *apud* ARRIVÉ, 1999, p. 123)

Gostaria de começar por estabelecer alguns pontos de concordância e de divergência entre as teorias de Damourette, Pichon e Saussure, dada a relevância e influência do linguista genebrino para aqueles que o sucederam. Embora se utilizem da terminologia saussureana de significado e significante, eles afirmam que há uma distinção entre esses termos e eles, apesar de aceitarem a análise do signo linguístico de duas faces, não creem que estejam “arbitrariamente” associados, pois não acreditam haver o menor descolamento entre as duas faces do fato linguístico que, em sua concepção, são unidas por uma relação de necessidade, como podemos constatar em seus textos, como, por exemplo, no *Essai*, no qual se utilizam de uma nomenclatura bem mais sofisticada. Além disso, eles rejeitam a distinção feita por Saussure entre *langue* e *parole*.

É interessante observar que a dupla de linguistas, sobretudo Pichon, insiste em um caráter essencialmente inconsciente do pensamento encarnado na língua como escreve: “De fato, as noções gerais de estrutura da linguagem estão longe de ser conscientes” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 11 e ARRIVÉ, 1999, p. 125, tradução minha)¹⁴.

Damourette e Pichon possuem uma terminologia própria com a qual explicam o que entendem por arcabouço da linguagem, denominados *taxiomas* e seu sistema de *sistema taxiemático*. Esses correspondem aos sistemas morfossintáticos de nossa terminologia habitual e têm “modos de expressão”, significantes, segundo Saussure, e para eles *taxiomas*. Designam as outras noções, correspondentes às unidades léxicas, de *semiomas* e seus significantes, os *semiomas*. De acordo com os estudos de Arrivé, Damourette e Pichon não tinham como saber que Saussure considerou utilizar *sema* para “significado” e *soma* para significante.

Considerando as concepções de linguagem e inconsciente, que designam muitas vezes de subconsciente, eles definem a tarefa do gramático como sendo a de levar para o campo da consciência o sistema taxiemático que está mergulhado, em grande parte, no inconsciente. “Nós observamos que a tarefa do gramático era levar o sistema taxiemático, imerso em grande parte no inconsciente, levá-lo inteiramente para o campo da consciência” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 15, tradução minha)¹⁵. Os autores entendem o inconsciente como substância líquida, na qual estão “mergulhados” objetos que lhe são aparentemente estranhos. No entanto, essa metáfora do mergulho parece deixar entender que o inconsciente é formado por esses objetos que ele recebe no seu cerne, ele é marcado, em baixo relevo, pela sua marca. Com isso, segundo Arrivé, levando em conta essas afirmações, não estamos muito longe da hipótese lacaniana de inconsciente. Este não é mais um receptáculo dos sistemas linguísticos, mas estruturado a partir destes (ARRIVÉ, 1999, p. 126).

¹⁴ “En effet, les notions générales charpente du langage sont loin d’être toutes conscientes” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 11 e ARRIVÉ, 1999, p. 125).

¹⁵ “Nous avons marqué que la tâche du grammairien était d’amener en entier dans le champ de la conscience le système taxiématique qui baigne en grande partie dans l’inconscient” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 15).

Então, de acordo com Damourette e Pichon, o gramático se atribui uma tarefa semelhante à do psicanalista, ou como esta é entendida nessa época: trazer os sistemas inconscientes para o nível da consciência.

Esses gramáticos transitavam bastante bem entre a linguística e a psicanálise, não apenas entre linguagem e psicanálise, mas também entre linguagem e inconsciente. Encontramos no primeiro capítulo do primeiro tomo do *Essai*, “Role de la phonétique en grammaire”, a aproximação entre o inconsciente e a linguagem poética.

Com relação aos aspectos da gramática de Damourette e Pichon adotados por Lacan, destacam-se a teoria da pessoa gramatical e a análise da negação em francês, tendo Lacan extraído desta última o conceito de forclusão para traduzir o termo freudiano *Verwerfung* e determinar o funcionamento do inconsciente na psicose. Ambos os aspectos incidem em Lacan em um mesmo ponto: a questão e da problemática acerca do sujeito da enunciação.

A tese da negação, em francês, foi bastante explorada e elaborada por Damourette e Pichon, cuja relevância indicam: “Parece-nos interessante falar desde já de uma noção que tem um papel capital na lógica comum: a negação” (DAMOURETTE E PICHON *apud* ARRIVÉ, 1999, p. 129). Posteriormente, Lacan se apoiará nas formulações desses dois linguistas, embora tenha, por diversas vezes, reconhecido apenas Pichon como único autor de *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française* nas várias menções que faz à obra.

Um dos conceitos elaborados por esses linguistas nos remete à dinâmica do inconsciente, a “sissemia homofônica”: “Os sentidos dos vocábulos homófonos possuem uma tendência irresistível de se confundirem para criar uma ideia nova mais geral: isso é sissemia homofônica” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v.1, p. 129, tradução minha)¹⁶. O jogo de palavras e o cruzamento homofônico dos significantes constituem um dos princípios da linguagem descobertos no inconsciente por Freud. Ele está fundamentado no sentimento linguístico do falante na língua atual e não em razões gramaticais. Por esse

¹⁶ “Les sens des vocables homophones ont une irrésistible tendance à se confondre pour créer une idée nouvelle plus générale: c'est la sysémie homophonique” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v.1, p. 129).

motivo, esse sentimento linguístico não aparece quando não é chamado a perceber uma associação entre duas palavras homofônicas.

Damourette e Pichon analisam, em sua gramática, diversos trocadilhos entre palavras homofônicas e sua complexa rede de associação e sentido, em sua gramática, muito semelhantes à noção do chiste e dos atos falhos estudados por Freud. Sabe-se, depois de Freud, que o falante e o inconsciente são capazes de produzir inesperadas associações e esses linguistas estavam atravessados pelas questões da psicanálise assim como fazem admiráveis articulações entre linguagem poética e inconsciente. Cabe destacar também a preocupação de Damourette e Pichon em levar o problema da sissemia homofônica para o campo da semântica e do sentido, deslocando-a de considerações meramente gramaticais e fonéticas (MACHADO, 2012, p. 314).

As séries fonéticas, as sílabas, os próprios fonemas, possuem, além de seu valor onomatopéico eventual, um valor mnêmico proveniente de todas as palavras das quais eles fizeram parte, e somos persuadidos de que essa carga semântica está presente constantemente no subconsciente do sujeito falante. É através desses elementos, que o intelecto consciente não percebe, que entramos em comunhão com o gênio do poeta (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v.1, p. 163, tradução minha)¹⁷.

Encontramos nessa citação palavras empregadas por Lacan tais como sujeito falante, valor mnêmico, assim como a estreita relação entre psicanálise e poesia. Além disso, ela demonstra de maneira clara a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, parecem reconhecer, antes de Lacan, que o inconsciente é tecido de linguagem.

“Lacan, no seminário 20, *Encore*, evoca uma constante elucubração de saber sobre essa invenção vocabular não compartilhada e aparentemente tirada do nada que é *lalangue*.” (MACHADO, 2012, p. 316).

Damourette e Pichon, já haviam mencionado em sua gramática que “Da mesma forma, é a carga semântica que permite criar novos vocábulos tirados

¹⁷ “Les suites phonétiques, les syllabes, les phonèmes même, ont, outre leur valeur onomatopéique éventuelle, une valeur mnésique provenant de tous les mots desquels ils ont fait partie, et nous sommes persuadés que cette charge sémantique est constamment présente dans le subconscient du sujet parlant. C’est à travers ces éléments, que l’intellect conscient ne perçoit pas, que nous entrons en communion avec le génie du poète” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v.1, p. 163).

aparentemente do nada” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 163)¹⁸.

Outro aspecto importante discutido por esses gramáticos é a problemática da pessoa gramatical, no tomo VI do *Essai*. Neste volume distinguem três “repartitórios”, segundo sua terminologia, ou três paradigmas: da pessoa, da personação e do empersonamento. O primeiro abrange os fenômenos de oposição entre as três pessoas tomadas uma a uma; o segundo remete ao problema da oposição entre a terceira pessoa e o conjunto formado pelas duas primeiras; o terceiro, empersonamento, é, sobretudo, utilizado por Lacan, que também considera em suas elaborações a personação.

A personação, para Pichon, designa um repartitório bastante geral da linguagem no plano locutório e delocutório (*délocutoire*), a saber, como nos diz Lacan, a maneira como se diferenciam em francês o *je* e o *moi*, aos quais ele dedica inúmeras lições ao final do seminário 3, *As psicoses*. Ele retoma os “repartitórios” de Pichon para sustentar, com Benveniste, que “a terceira pessoa é uma não-pessoa”, não existe (BENVENISTE, 1995, p. 283). Além disso, é também a partir de um exemplo de Pichon “*Je suis beaucoup plus moi. Avant j’étais un paramoi qui croyais être le vrai et qui était absolument faux*”¹⁹, que Lacan desenvolve a diferença entre “*tu es celui qui me suivras*” e “*tu es celui qui me suivra*”, no qual mostra que o “s” de “*suivras*” “interessa à personação do sujeito a quem se endereça” (DAMOURETTE E PICHON, 1993, p. 6), dirá Lacan, no mesmo seminário, para referir-se à ambivalência existente nessas frases e como dependem da maneira que o sujeito as tomará, conforme “as significações ligadas pelo sujeito a um certo registro significante, segundo a bagagem com a qual o sujeito parte na indeterminação do *que sou eu?*” (LACAN, 1981, p. 307 e 1997[1985], p. 316-317).

A expressão parte de um *locutor* e a impressão chega ao *alocutário*. Eles são as pessoas essenciais da gramática, a primeira e a segunda pessoa (DAMOURETTE E PICHON, 1993, p. 5). No plano locutório pode-se acrescentar

¹⁸ “C’est également la charge sémantique qui permet de créer des nouveaux vocables tirés en apparence de néant” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 163).

¹⁹ “Eu sou muito mais eu. Antes, eu era paraeu que acreditava ser o verdadeiro, e que era absolutamente falso.”

a terceira pessoa, ou *délocuté*. Lacan fará uso em “Função e campo da palavra e da linguagem” dessas noções de Damourette e Pichon.

No que se refere ao empersonamento, Damourette e Pichon partem da constatação de determinada particularidade do sistema dos pronomes pessoais em francês, no qual verificamos duas séries que os gramáticos atualmente distinguem, de modo geral, sob a denominação de “formas conjuntas” (*je, tu, il, elle*) e “formas disjuntas” (*moi, toi, lui, elle*). Esses gramáticos e linguistas desenvolvem uma análise complexa e uma elaboração de conceitos com relação a esses três paradigmas (ARRIVÉ, 1999, p. 127).

Na análise da negação, sua reflexão começa com a descrição do aspecto formal das frases negativas do francês. Eles partem da constatação de que a negação em francês é bífida, constituída por dois fragmentos; de um lado, antes do verbo a ser negado, a partícula *ne*; de outro lado, as partículas *pas, rien, jamais, aucun, personne, guère* etc. Em francês, não existe, portanto, negação real, mas a combinação entre a discordância (*ne*) e a forclusão (*pas, rien, jamais* etc.).

Muitos linguistas contrapõem a essa afirmação o fato de o *ne* não aparecer com frequência em enunciados, sobretudo, orais. Damourette e Pichon, no entanto, neutralizam esses argumentos de maneira contundente e segura. Observam que em muitos casos ocorre um “esmagamento fonético” dessa partícula e não acham que sua omissão seja constante. Mesmo admitindo que essa omissão fosse um fenômeno semântico, precisaríamos pensar que se trata de uma omissão real. Essa omissão do *ne* nos permite concluir que a segunda partícula, composta em geral por *pas, jamais, rien* etc., esteja mais perto da negação bruta da lógica clássica que o *ne*. Por exemplo, frases como “*je ne sais pas*” usada comumente na língua coloquial como “*je sais pas*” expressa a negação sem que haja mudança de sentido na força negativa da sentença.

Trabalhos recentes sobre esse ponto confirmam que a negação em dois termos conserva, ainda hoje, bases sólidas, inclusive no uso oral da língua. Damourette e Pichon sugerem que a duplicidade da negação em francês seria uma especificidade e até mesmo uma “superioridade” do francês, que marca com “‘finura’ e ‘delicadeza’ o que outras línguas significam com ‘grosseria, brutalidade’, ou mesmo ‘vulgaridade’” (ARRIVÉ, 1999, p. 130).

Esses linguistas consideram, além disso, que a negação em dois termos aparece também em outras línguas como o italiano de Florença e o bretão. Outro linguista, Hagège (1982), avalia em 17% o número de línguas que comportam uma negação em dois termos.

O tipo de emprego do *ne* que mais interessou Damourette e Pichon, assim como Lacan, sobre a análise da negação e suas relações com o inconsciente, é aquele que ocorre em orações subordinadas. Esse tipo de emprego levou esses gramáticos a afirmar que o *ne* expressa sempre uma discordância entre a subordinada e o fato central da frase, ou seja, a oração principal. Nos exemplos que veremos a seguir, observa-se a existência de uma divisão do sujeito na própria estrutura da linguagem.

Lacan sempre procura definir o sujeito da maneira mais precisa possível e busca unir o aparecimento do sujeito à partícula “*ne*”, na língua francesa, a partir das formulações feitas por Damourette e Pichon.

Esses linguistas estão convencidos que os dois elementos são dotados, cada um deles, de um significado diferente: todo o elemento material da língua comporta necessariamente uma contrapartida semântica. Para determinada análise dos dois elementos da negação, eles estudam diversos casos em que funcionam de maneira isolada, como segue:

O primeiro está no que chamam de discordância e discordancial. Esses gramáticos buscaram introduzir com a noção de “discordância” certa hesitação, ambiguidade ou incerteza na declaração em que a partícula “*ne*” aparece, sugerindo que o falante está negando aquilo que afirma, como nos exemplos: *avant qu’il n’arrive, porvu qu’il ne soit arrivé, craindre qu’il ne vienne*. Essa partícula em orações subordinadas nos leva a pensar que o “*ne*” sempre exprime uma discordância entre a subordinada e a oração principal, por isso, recebeu o nome de discordancial. Na leitura de Lacan e de Damourette e Pichon, o *ne*, ao invés de exprimir uma negação simples, expressa o desejo do locutor. Assim, a produção semântica correta para a frase “*je crains qu’il ne vienne*” é “eu temo que ele venha”, mostrando como o *ne* opera apenas como elemento discordancial, e não como partícula negativa. Lacan apresenta uma leitura interessante dessa questão no seminário 6, *O desejo e sua interpretação*:

[A]lguma coisa no meu temor se antecipa ao fato de que ele venha e desejando que ele não venha, poder-se-ia de outra forma articular este “Eu temo que ele venha” [Je crains qu’il vienne] como um “Eu temo que ele não venha” [“Je crains qu’il ne vienne] enganchando no caminho, ao passar, se assim posso dizer, esse *ne* de “discordância” que se distingue como tal na negação do *ne* foraclusivo [*forclusif*]. (LACAN *apud* MACHADO, 2012, p. 318)

A partícula “*ne*” aparece em diversos contextos e “abrange verbos com valor de apreensão (*valeur d’appréhension*) ou seus nomes correspondentes (*avoir peur, appréhender, craindre, redouter, risquer, trembler*), e, nesse caso, há uma discordância entre o desejo do sujeito da oração principal e a possibilidade que ele considera; de impedimento, (*empêcher, éviter, ne pouvoir faire, en sorte que, prendre garde* etc.). A discordância está entre o fenômeno que deveria se produzir e a força que o impede; ou de evitação e *échec* (*s’en falloir de peu* ou de *beaucoup*), verbos com valor negativo, com uma negação que faça recair sobre o verbo (*nier, douter, contester, disconvenir, dissimuler, méconnaître* etc.) conectivos de restrição ou de limitação (*à moins que, avant que*) e comparativos de desigualdade (*mieux, meilleur, pire, moindre, moins, plutôt* etc.) (DUCARD, 2012, p. 2). Cada forma possui uma análise específica mas, entre todos, a construção da completiva no subjuntivo, encontra-se em condições um pouco diferentes quando o verbo central da frase é tocado pela negação. Além disso, temos também as comparativas de desigualdade. Nesse caso, há uma discordância entre a qualidade do estado imaginado de coisas e o padrão ao qual se refere. (DAMOURETTE E PICHON, 1993, p. 33).

Lacan retoma a questão da negação e da partícula “*ne*” inúmeras vezes. Ele diz que essa partícula chamou sua atenção, pois mostra “alguma coisa como um traço do inconsciente” (DUCARD, 2012, p. 3).

Além da discordância existem a foraclusão e os foraclusivos. Damourette e Pichon procuram a chave do funcionamento da foraclusão nos empregos em que os foraclusivos são desprovidos de valor negativo, como nos casos dos exemplos a seguir: “*Il est peu probable que j’opère jamais plus*”, “É pouco provável que eu opere (nunca)”, “*Je suis très contrariée que vous ayez jamais entendu parler d’elle*”, “Estou muito contrariada por você (nunca) ter ouvido falar dela”. Nesses dois exemplos “nunca” tem acepção de “um dia” (ARRIVÉ, 1999, p. 134).

Há também o exemplo “*L’affaire Dreyfus, dit-il, c’est pour moi un livre qui est désormais clos. Il dut se repentir jusqu’à sa dernière heure de l’avoir jamais*

ouvert. ” “O caso Dreyfus, disse ele, é para mim um livro que está doravante fechado. Ele deve ter se arrependido até a sua última hora de tê-lo (nunca) aberto” (ARRIVÉ, 1999, p. 134).

É possível perceber como em muitas das ideias de Damourette e Pichon está presente a noção do inconsciente estruturado como uma linguagem de forma invertida, na verdade, da linguagem estruturada como o inconsciente em suas observações acerca da forclusão:

A linguagem é, para aquele que sabe decifrar as suas imagens, um maravilhoso espelho das profundezas do inconsciente. O arrependimento é o desejo de que uma coisa passada, logo irreparável, nunca tivesse existido; a língua francesa, pelo forclusivo, exprime esse desejo de escotomização, traduzindo assim o fenômeno normal, do qual a escotomização na patologia mental pelo sr. Laforgue e um de nós é o exagero patológico. (DAMOURETTE E PICHON *apud* ARRIVÉ, 1999, p. 135)

“A forclusão, fenômeno linguístico, é a imagem da escotomização” (ARRIVÉ, 1999, p. 135). A escotomização seria a operação inconsciente pela qual o sujeito excluiria da memória ou da consciência certas representações insuportáveis. Ela torna-se cega diante delas, o que esclarece a metáfora visual do neologismo “escotomização” pois o escotoma produz uma espécie de mancha que mascara uma parte do campo visual.

De acordo com Arrivé, atualmente, os trabalhos sobre a negação não fazem muitas referências a Damourette e Pichon nem exploram muito suas análises. Entretanto, se os especialistas na negação negligenciam esses linguistas, eles continuam a ser referências privilegiadas no estudo do *ne* expletivo, isto é, discordancial em seus empregos não negativos. Por esse motivo, linguistas como Milner, Wilmet, Martin conservam a noção de discordância em suas análises.

As análises do *ne* expletivo feitas por Damourette e Pichon sustentam a afirmação de Lacan de que o *Je*-eu da enunciação não corresponde ao sujeito, mas é aquele que não sabe o que diz. Outros gramáticos como Martin (1927) a qualificam de pleonástica; outros, ainda, como Stauf (1927), de redundante ou abusiva. No entanto, a dupla Damourette e Pichon, em seu texto “*Sur la signification psychologique de la négation en français*”, definem essa relação como de discordância, o que indica uma ambiguidade que interessa muito a Lacan:

“Pensamos, por exemplo, ter reconhecido o sujeito da enunciação no significante *ne*, chamado pelos gramáticos de *ne* expletivo, termo em que já se anuncia a incrível opinião daqueles dentre os melhores [...] (LACAN, 1998a, p. 814).

Um dos pontos mais importantes relativos ao *ne* expletivo elaborados e explorados por Lacan está na distinção do sujeito *Je* da enunciação e do sujeito *Je* do enunciado. Freud já havia demonstrado a importância da negação em seu texto “*Die Verneinung*”, “A denegação” (1925), como a presença do recalque, de um não querer saber sobre a simbolização primordial conhecida como *Bejahung*. No famoso exemplo de uma paciente que afirma, a respeito de uma pessoa presente em seu sonho, durante o relato: “Não é minha mãe”. Segundo Freud, “É como se o paciente tivesse dito: Com relação a essa pessoa, de fato pensei na minha mãe, mas não tenho a menor vontade de deixar esta ideia valer.” (FREUD, 1976, v. XIX, p. 295). Ele nos mostra ao longo desse artigo como o conteúdo recalcado só pode vir à consciência com a condição de ser negado.

Lacan, no seminário 6, *O desejo sua interpretação*, procura destacar o absurdo, a contradição interna da função do “não”. Mostra uma propriedade estrutural do significante que é a de ser o sinal da presença de uma ausência. Ainda nesse seminário, Lacan faz um comentário indicando como Damourette e Pichon estão na via da linguística da enunciação:

O *ne* por si só, entregue a si mesmo, exprime o que ele chama uma discordância, e esta discordância é muito precisamente alguma coisa que se situa entre o processo da enunciação e o processo do enunciado (LACAN, 2016, p. 97).

O sujeito da enunciação aparece em diversos contextos na obra de Lacan sempre referido a esse *ne* expletivo. A negação vai da enunciação ao enunciado, isso indica que toda negação no enunciado afirma alguma coisa colocando-a ao mesmo tempo como não existente, uma não existência em algum lugar entre o enunciado e a enunciação. Lacan reconhece no *ne* o sujeito da enunciação conduzindo este sujeito como o sujeito do inconsciente.

Enunciando *Je crains ... quelque chose*, temo ... alguma coisa, faço-a surgir em sua existência e, ao mesmo tempo, em sua existência de voto – *qu’il vienne*, que ele venha. É aí que se introduz esse pequeno *ne* que mostra a discordância da enunciação com o enunciado. (LACAN, 1988, p. 81)

Esse *ne* discordancial marca uma clivagem entre enunciado e enunciação, está “entre”, ou seja, no meio do caminho do processo da enunciação e do processo do enunciado. A distinção existente entre o *Je* da enunciação e o *Je* do enunciado, se pensarmos que o sujeito da enunciação é o sujeito da enunciação inconsciente, só se estabelece, portanto, na dialética como campo do Outro.

Isso é de extrema importância quando, ao comunicar um sonho, o sujeito dirige ao outro, o analista, certo número de enunciados que comportam uma enunciação latente, isto é, uma demanda de interpretação para esse sonho. Afinal, relatar um sonho é supor que esse sonho é significativo e que esses enunciados possuem uma enunciação. Fazer um relato de um sonho é passá-lo para o registro da linguagem.

O sujeito nos conta um sonho para que precisamente nós procuremos a chave, sentido, aquilo que ele quer dizer, ou seja, algo completamente diferente do enunciado que ele nos traz. (LACAN, 2005, p. 65)

Em resumo, a discussão em torno do enunciado e da enunciação aponta para a importância dessas formulações acerca do sujeito para a direção do tratamento na clínica psicanalítica lacaniana. O pensamento gramatical, ao contrário do que pode parecer a princípio, evidencia sua participação na construção do sujeito da linguagem e da própria constituição do sujeito do inconsciente.

Damourette e Pichon tiveram um valor crucial para a maneira como Lacan produziu, a partir da linguagem e com os linguistas, um avanço na teoria e na clínica psicanalíticas.

4

Realidade psíquica, sujeito, fala e escrita psíquica

4.1

Real, Simbólico e Imaginário

Neste item abordaremos os três registros ou, como Lacan designa, as três instâncias, que ele introduz na sua teorização para designar o que entende por direção do tratamento, qual seja, o encontro do sujeito com a falta radical que constitui o sujeito na neurose. Privilegiarei, por esse motivo, os conceitos necessários para a apresentação e discussão dos fragmentos de casos clínicos escolhidos a fim de examinar, a partir do trabalho com a linguagem, construções e interpretações em psicanálise.

Simbólico, imaginário e real são “registros essenciais da realidade humana, registros *muito distintos*” (LACAN, 1953, p. 1), nos diz Lacan na primeira conferência, em 8 de julho de 1953, “O simbólico, o imaginário e o real”, que abriu os trabalhos da Société Française de Psychanalyse (SFP), na qual, pela primeira vez, ele se refere a esses três registros. Nessa conferência, ele pretendia fazer da SFP o lugar de estudo de uma nova ortodoxia freudiana contra a linha da psicanálise norte-americana, na qual os pós-freudianos ganharam imenso destaque promovendo um desvio, segundo ele, na teoria freudiana.

Nessa ocasião, o real já é apresentado como “toda uma parte de real em nossos sujeitos que nos escapa” (LACAN, 2005, p. 13), o que constitui os limites de nossa experiência; o simbólico está relacionado ao saber em jogo na experiência psicanalítica e é responsável pelas mudanças “tão profundas” no sujeito (LACAN, 2005, p. 14); e o imaginário surge para descrever apenas os ciclos instintuais dos animais. Apenas muitos anos mais tarde, em *R.S.I.* (1974-1975), que Lacan considerará os três registros indissociáveis.

Ele nos diz claramente que “o simbólico, eu lhes ensinei a identificá-lo com a linguagem” (LACAN, 1979, p. 90); ele é uma função que compreende toda atividade humana, comporta uma parte consciente e outra inconsciente, que estão vinculadas à função da linguagem e, de maneira mais específica, ao significante.

Com relação aos outros registros, Lacan lia em Freud uma evolução de pensamento do real ao imaginário e seu próprio percurso como inverso, pelo privilégio que atribui, sucessivamente, ao imaginário, simbólico e real. (DUQUE ESTRADA, 1994/1995, p. 46).

A ordem de apresentação dos três registros foi sendo alterada desde a conferência de 8 de julho de 1953, “O simbólico, o imaginário e o real”, até o seminário *R.S.I.*, de 1974-1975.

No ensino de Lacan, ocorre também um deslocamento na ênfase desses registros. No início, com o “Estádio do espelho”, predomina o imaginário e encaminha-se para o simbólico com “Função e campo da palavra e da linguagem”, 1953, e “Instância da letra”, 1957. O interesse crescente pelo real se dá ao longo do seminário *O desejo e sua interpretação* (1958-1959), quando Lacan avança sua teorização em torno do objeto faltoso, ao afirmar que “o núcleo do inconsciente é real, é uma falta originária constituída pelo objeto perdido do desejo e é em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura, no simbólico, como uma linguagem” (COUTINHO JORGE, 2000, p. 98).

O conceito de ordem simbólica, ao longo de seu percurso, passa por uma mudança. No princípio, a ênfase estava na significação e depois passa a um conjunto de elementos que assumem valor apenas na sua relação com os outros (DUQUE ESTRADA, 1994/1995, p. 46).

Ao contrário da noção dos registros como sendo “muito distintos”, como nos referimos anteriormente, de sua primeira conferência sobre o assunto, de 8 de julho de 1953, e no seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954); no seminário 22, *R.S.I.* (1974-1975), Lacan afirma que “RSI, [...] ce ne sont que des lettres, et comme telles, supposant une équivalence. Qu’est-ce qui résulte de ce que je les parle, ces lettres, [...] si je les parle comme Réel, Symbolique et Imaginaire, ça prends du sens.” (LACAN, *R.S.I.*, inédito, lição de 11/03/1975). Segundo Safouan (2005), os três registros – real, simbólico, imaginário – estão ligados de maneira indissolúvel ao ensino de Lacan desde 1951, quando ele consagrou um seminário aos casos clínicos de Freud e utilizou essas categorias para a paternidade: pai real, pai imaginário e pai simbólico.

No sentido da psicanálise, é simbólico aquilo que falta em seu lugar. Ele se inscreve na experiência humana, a experiência mais comum da função da falta.

[m]as esse encontro *contingente* com a perda implica sua integração *necessária* a um modo estrutural. Desde a origem, essa falta recebe uma significação propriamente humana que a simboliza, para deixar sua marca indelével na fala [*parole*] e eternizar o desejo em sua dimensão irreduzível (CHEMAMA, 1993, p. 279, tradução minha)²⁰.

O real demarca o campo de operação da psicanálise. Trata-se do registro que Lacan chama de SIR, quer dizer, simbolizar o imaginário via real. Os registros são considerados indispensáveis para a compreensão da técnica e da experiência freudianas já no seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Segundo Lacan, o problema de uma análise está na “junção do simbólico e do imaginário na constituição do real” (LACAN, 1979, p. 90). Na medida em que ele procura dar mais conta do real que do simbólico, desliza da palavra repleta de significação para o não-senso.

O imaginário, por sua vez, deve ser compreendido a partir da imagem. É o registro do engodo e da identificação. Trata-se do registro do *moi* naquilo que ele comporta de desconhecimento, alienação, amor e agressividade na relação dual. A importância do imaginário aqui, no contexto desta dissertação, refere-se, principalmente, ao trabalho que é feito com as identificações no tratamento. O analisante é levado a “reconhecer”, que ele fala de um ser que jamais existiu a não ser em seu imaginário. Na verdade, é o discurso imaginário do analisante que parece falar em vão.

Como a psicanálise não responde a esse discurso e não destaca o que é do registro imaginário para não se engajar com o analisante em seus equívocos, permite que este se oriente para a abertura (*béance*), a discordância primordial entre o *moi* e o ser, seu descentramento enquanto sujeito em relação ao *moi*; para tentar simplesmente fazê-lo passar do registro imaginário para o registro simbólico, ou seja, para, no trabalho com o significante, permitir que o sujeito advenha enquanto sujeito desejante.

Segundo Lacan, o real só pode ser definido em relação ao simbólico e ao imaginário. O simbólico expulsou-o da realidade. Ele não está relacionado com a

²⁰ “[m]ais cette rencontre *contingente* avec la perte implique son intégration *nécessaire* sur un mode structural. Dès l’origine, ce manque reçoit une signification proprement humaine par l’instauration d’une corrélation entre ce manque et le signifiant qui le symbolise, pour y laisser sa marque indélébile dans la parole et éterniser le désir dans sa dimension irréductible” (CHEMAMA, 1993, p. 279).

realidade tampouco constitui a realidade ordenada pelo simbólico conhecida na filosofia como “representação do mundo exterior”. O real é aquilo que não pode ser completamente simbolizado na palavra nem na escrita e, por isso, “não cessa de não se escrever” (LACAN, 1985, p. 127). O real se oculta e se mantém além do simbólico. É o impossível.

Este simbólico veiculado pelos significantes permite que o sujeito expulse a realidade do campo de sua representação. Essa definição do real tem como consequências a insistência sobre o retorno daquilo que não é simbolizado e a existência irreduzível do real: “O real é aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar em que o sujeito que cogita [...] não o encontra” (LACAN, 2008, p. 92).

Nessa repetição, automatismo de repetição, encontramos o retorno dos significantes que marcam o destino de um sujeito (CHEMAMA, 1993, p. 278).

A formulação dos registros no seminário *R.S.I.* (1974-1975) está vinculada, de maneira intrínseca, à sua reflexão sobre o nó borromeano. Os três registros, R, S e I estão de tal forma enodados que se um se desfizer os outros também se soltam. Os três são peculiarmente solidários e dependentes uns dos outros, o que se revela na própria escrita deste capítulo. O nó procura dar conta da experiência analítica.

A ordem simbólica, na psicanálise, fala do jogo significante que condiciona, por um lado o sintoma e, por outro, constitui o móvel do Complexo de Édipo, enquanto estrutura, que traz consequências para a vida afetiva. O complexo de Édipo, segundo Lacan, equivale à realidade psíquica para Freud, determinada a partir do fantasma inconsciente fundamental. O fantasma é instituído pelo simbólico, pelos significantes do Outro, e através do imaginário mediatiza o encontro do sujeito com o real. Seu princípio organiza de maneira subjacente as formas predominantes do imaginário. O fantasma é a solução neurótica do encontro do sujeito com o desejo.

O fantasma faz tela, anteparo, para o sujeito frente ao real²¹. Ela será a solução encontrada para suportar o real que o divide. O fantasma é produzido para

²¹ Faz-se necessário indicar o uso da tradução do termo alemão “*Phantasie*”, que Freud empregou em suas diferentes acepções, para fantasia e/ou fantasma. Em português, não há uma tradução da palavra alemã “*Phantasie*” amplamente aceita pela comunidade psicanalítica. Nesta dissertação utilizarei o significante “fantasma” para me referir a “*Phantasie*” quando esta designar o fantasma/fantasia fundamental do sujeito.

costurar a divisão do sujeito. Ele a sutura pela identificação com objeto que o elide. Para lidar com o ponto real que causa sua divisão, o sujeito produz um fantasma que, por sua vez, deve ser construído em uma análise.

4.2

O sujeito da psicanálise

O conceito de sujeito tem sua origem na palavra *Subjekt* que, por sua vez, vem do latim *Subiectum*, e significa, literalmente, “o que está lançado sob”. *Subjekt* é ambíguo, significando o *substratum* subjacente ou sujeito da predicação, da indagação.

O primeiro sentido foi introduzido pela palavra grega *hypokeimenon* (“aquilo que permanece sob”), e, segundo Heidegger, os “gregos não sabem absolutamente nada sobre o homem como sujeito.” Na Grécia antiga e na Idade Média não havia a noção de subjetividade como a entendemos hoje. Naquela ocasião, a palavra sujeito era empregada para ‘tudo’ pois não havia a dicotomia sujeito-objeto que passa, a partir de Descartes, a ser usada especificamente para o ser humano. (INWOOD, 2002[1999], p. 179).

Por esse motivo, Lacan dirá em “A ciência e a verdade” (1965) que a psicanálise só é possível a partir do sujeito cartesiano, quando de fato passa a existir o sujeito e a subjetividade. Para Descartes sou realmente sujeito quando me apropriado de mim como um lugar a partir do qual todo o resto (não-eu) ganha sua significatividade.

Para o sujeito da psicanálise, conforme Alain Badiou, é preciso pensar uma nova categoria filosófica em que esse sujeito não seja uma substância (*ousía*), um ser ou uma “coisa pensante” (*res cogitans*) como formula Descartes. Tampouco é um nada, um vazio, um intervalo. Ele possui consistência e é possível determinar seus componentes. O sujeito não é uma consciência, mas sim uma experiência, não é origem nem fonte de sentido (BADIOU, 1994, p. 44-45).

Essa é uma das grandes invenções de Freud: o inconsciente como o que institui exatamente um conceito separador, pois abre para a possibilidade de existência de um sujeito onde não há consciência. A Freud cabe a invenção do inconsciente mas a formalização do sujeito do inconsciente é de Lacan. Em “Meu

ensino” (1967-1968) ele comenta a respeito de uma pergunta de um de seus ouvintes:

Por que o senhor achou necessário colocar o sujeito no meio? Onde há vestígio do sujeito em Freud? [...] Devo dizer-lhes que foi um golpe para mim [...] Eles acham então que é uma novidade, uma invenção, colocar, a propósito de Freud, o sujeito no meio. (LACAN, 2006, p. 89)

Lacan afirma que em Freud há três coisas: a primeira é que isso sonha; depois isso rateia, falha; e por fim, isso sonha, isso rateia, falha, isso ri. E acrescenta duas perguntas: “É um sujeito, isso, não?” (LACAN, 2006, p. 88) e “Pergunto a vocês, essas três coisas, isso é subjetivo ou não?” (LACAN, 2006, p. 89).

A subversão do sujeito promovida pela psicanálise foi introduzida por Freud a partir do momento em que comparou a descoberta feita pela psicanálise do descentramento do eu à revolução de Copérnico na Conferência XVIII, “Fixação em traumas – o inconsciente” (FREUD, 1976, vol. XVI, p. 336). Onde havia, antes uma equivalência entre o eu e a consciência, Freud introduz o conceito de inconsciente. Na medida em que ele encontrava menos lugar para a consciência, mais ficava evidente a disjunção entre o eu revelado pelo inconsciente e o eu da consciência.

Aquilo que Freud chamava de inconsciente: um saber expresso em palavras do qual o sujeito que as pronuncia não tem ideia alguma; essas palavras, Freud é quem as reencontra em suas análises (LACAN, 1976, p. 32, tradução minha)²².

Lacan formulou uma teoria do sujeito com quatro características. A primeira postula que o sujeito é claramente distinto de consciência; outra característica é o fato de o sujeito não ser uma categoria normativa, mas uma categoria teórica e também uma categoria clínica. Em seguida, está a relação do sujeito com a experiência: não há experiência sem sujeito pois é o conceito de sujeito que permite pensar a experiência. (BADIOU, 1997, p. 28)

²² “Ce que Freud appelait l’inconscient: un savoir exprimé en mots dont le sujet qui les prononce n’a aucune espèce d’idée; ces mots, c’est Freud qui les retrouve dans ses analyses” (LACAN, 1976, p. 32).

Outro ponto importante a destacar na teoria lacaniana do sujeito está na afirmação, ainda segundo Badiou, de que o ser do sujeito é “paradoxal” e sua lógica é uma lógica de paradoxo, ou seja, o ser do sujeito, no fundo, é o paradoxo do ser, e chega mesmo a dizer que “todo paradoxo do ser assinala um efeito de sujeito” (BADIOU, 1997, p. 29).

O conceito de sujeito na psicanálise é pensado a partir do sujeito da ciência, o sujeito cartesiano (“A ciência e a verdade”, 1965-1966), ou seja, do *cogito*: “penso, logo sou.” Não como sendo seu substrato, *υποχείμενον*, “*Selbstbewusstsein*, o ser de si consciente, todo-consciente” (LACAN, 1998a, p. 812), mas como sujeito vazio porque o *cogito* não é senão sua enunciação.

Enquanto Descartes situa Deus como garantia do *cogito*, Freud diz que a certeza provém de Outro lugar, outra cena, que ele nomeia de inconsciente. Freud extrai do tropeço, do equívoco, do mal-entendido uma certeza: o inconsciente ali fala.

Estabelecer uma relação entre a subversão do sujeito com a linguagem não faz mais que repetir a enunciação de Lacan de que o que sustenta a tese filosófica de um sujeito é a existência do significante e seus efeitos (LACAN, *A identificação*, inédito, lição de 15/11/1961), ou ainda, “[o] sujeito é o que defino no sentido estrito como efeito do significante” (LACAN, 2006, p. 89).

Lacan faz o sujeito habitar a estrutura, um sujeito *a*-substancial, vazio, concebido como uma inscrição em falta no conjunto de significantes. Um sujeito idêntico à descontinuidade da cadeia significante, um sujeito que se faz presente nos tropeços da fala, nos atos falhos, nos chistes e nos percalços da vida cotidiana, sempre fiel à sua divisão. Falhas essas que a linguística não dá conta nem se interessa.

É importante mencionar a concepção de estrutura de Lacan que, por sua vez, sustenta uma diferença em relação aos estruturalistas. Ele até destaca, no seminário 16, *De um Outro ao outro*, que o colocaram em uma coletânea com textos ditos “estruturalistas”, mas que ele mesmo não se considera um deles.

Se alguém pode qualificar meu discurso de estruturalista, apesar das reservas que vocês sabem que faço a esses rótulos filosóficos, é na medida em que ele demonstra a relação existente entre o que permite codificar uma lógica rigorosa e o que, por outro lado, nos é mostrado no inconsciente de algumas falhas irreduzíveis de articulação, das quais provém o próprio esforço que atesta o desejo de saber. (LACAN, 2008, p. 283).

Para ser mais específica, a questão importante “para o estruturalismo é que a noção de estrutura de um símbolo zero é imanente – o ‘mana’, significante flutuante de Lévi-Strauss, o fonema zero de Jakobson” – e é o que permitiria a função de troca, função necessária para as relações entre os elementos da estrutura. Para a psicanálise, a falta constitutiva da estrutura indica precisamente a existência de uma falta na função de mediação entre um significante e outro. Para Lacan, o $S(\mathbb{A})$ é o significante da falta no Outro, o significante da falta de uma falta. Para o estruturalismo seria o significante da falta do símbolo zero que indica função de remissão – um elemento definido em função do outro – assim como a própria estrutura do simbólico, a incompletude constitutiva da estrutura. Segundo Lacan, a estrutura é ativa, implica um sujeito que tropeça, se equivoca, em que tudo manca, trazendo sempre a marca da divisão. Bem, além de ativa e faltosa, ela também é heterogênea, \mathbb{S} , S_1 , S_2 , são termos significantes, homogêneos, que se articulam com o objeto a ²³, elemento estranho e heterogêneo, a -significante, resto inassimilável à estrutura mesma que o produz (SOUZA SANTOS, 1996, p. 15-16).

Não é à toa que os termos se manifestam aqui por letras minúsculas, por uma álgebra. É próprio da álgebra poder ter diversas interpretações. $S(\mathbb{A})$ pode querer dizer toda sorte de coisas, inclusive a função da morte do pai, Mas, num nível radical, o da logicização de nossa experiência, $S(\mathbb{A})$ é, exatamente, se ela está em algum lugar e é plenamente articulável, o que se chama estrutura (LACAN, 2008, p. 283)

O ponto do a é aquele em que o sujeito não se representará de um significante para outro mas no qual ele se encontra na posição da falta radical de significante no campo do Outro, lugar onde se escreverá o objeto a . O *Je*, o sujeito, se inscreve no lugar da queda do objeto. O sujeito é uma aposta!

O sujeito [como X] só se constitui pelo recalque originário, *Urverdrangung*, pela queda necessária desse significante primeiro. Ele se constitui em torno do *Urverdrangung* e não pode ser substituído como tal, seria preciso a representação de um significante para outro e aqui só há um, o primeiro. Lacan, no seminário

²³ Objeto a : objeto inventado por Lacan que não corresponde a nenhum objeto do mundo e não é representável como tal, mas objeto causa de desejo. A gênese de sua formulação é o número de ouro que Lacan introduz no seminário *A lógica do fantasma* com a série de Fibonacci.

11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, mostra como o significante primordial se torna portador da infinitização do valor do sujeito. Essa infinitização ocorre por assumir o valor de zero no denominador do algoritmo, que Lacan descreve como sendo o do inconsciente, S/s , no que este permitiu desenvolver a incidência do significante sobre o significado (LACAN, 1998a, p. 518), o que torna seu valor, matematicamente, infinito, incomensurável. Mesmo assim não aberto a todos os sentidos, mas por abolir todos. “O que funda com efeito, no senso e no não-senso radical do sujeito, a função da liberdade, é propriamente esse significante que mata todos os sentidos” (LACAN, 1996a, p. 238). O que vem se inscrever no numerador são significações dialetizadas na relação do sujeito com o Outro e que dão um valor determinado à relação do sujeito ao inconsciente. (LACAN, 1996a, p. 238).

Lacan afirma que a entrada na linguagem produz uma marca que inscreve a falta. Essa é a marca constitutiva do sujeito: o traço unário. Segundo Lacan, “Sempre que se pensar em existência será ao redor do Um que girará a questão”, o Um do traço unário. O primeiro Um é o *einzigster Zug*, o traço unário, no qual reside a repetição que está ligada de maneira determinante a uma consequência que designa como objeto perdido. E no segundo Um figura o problema com o qual o sujeito é confrontado, se esse sujeito é o sujeito que se articula no inconsciente; a saber, o sexo. Desse modo, o Um é simplesmente essa lógica da entrada em jogo da operação da medida, do valor a dar ao pequeno a na operação de linguagem que será, em resumo, a tentativa de reintegrar o a ao universo da linguagem que Lacan já disse não existir.

Retornando ao sujeito cartesiano e o sujeito do inconsciente, para Lacan, o inconsciente, ao contrário do “penso logo sou” implica um “não sou”, pois o sujeito não se encontra ali, embora Descartes identifique no mesmo lugar “pensar” e “ser”. Em Lacan, a identidade entre esses dois termos não se afirma: ou pensar ou ser são os termos de um aforismo lacaniano no qual o signo da negação afeta resultando na seguinte proposição: “Penso onde não sou, logo sou onde não penso” que substitui por “[E]u não sou, lá onde sou um brinquedo de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar” (LACAN, 1998a, p. 521).

Pela negação, o cogito cartesiano revela a hiância que separa o enunciado da enunciação. O sujeito é essa divisão em ato pelo fato de ser falante. A ilusão de um sujeito concebido como transparência é subvertida, como vimos, pelo inconsciente. “Qual é pois esse outro a que estou mais ligado²⁴ [*attaché*] do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade, é ele que me agita.”²⁵ (LACAN, 1998a, p. 528). É do Outro que o sujeito se determina e esse Outro permanece opaco ao saber.

O único sujeito para o qual Lacan atribuiu o enunciado é o sujeito consciente do enunciado, representado pelo pronome pessoal “eu”. (FINK, 1998, p. 60).

Na psicanálise, trata-se, então, do sujeito constitutivamente cindido, que se divide entre o *moi* e o *je*: entre o eu como consistência imaginária (*moi*) e o eu, partícula que não significa nada, mas designa apenas a pessoa que enuncia “eu” (*je*). Estamos nos referindo a uma classe especial de unidade gramatical que Jakobson chama de *shifter* ou *embrayeur* e não pode ser definida pelo código ao qual pertence mas que remete a um “fora” da mensagem. Seria um elemento que aponta para uma incompletude do código. Esse termo é empregado por Jakobson para formas como “eu” e “tu”, cuja referência varia, ou “*shifts*” de acordo com quem está falando e a quem se endereça. Por isso, aplicado, por exemplo, a outras unidades dêiticas (MATTHEWS, 2014, p. 365). O sujeito, portanto, divide-se entre um termo que presentifica a completude imaginária, *moi*, e outro que denuncia essa falta, *Je* (SANTOS SOUZA, 1996, p. 11).

O sujeito da enunciação não se confunde com aquele que eventualmente diz eu [*je*] como sujeito do enunciado. Ao falar de si, ele se chama eu[*je*]. Isso quer dizer apenas que “eu [*moi*] falo”. Indica-nos que esse eu[*je*] do enunciado não passa de um *shifter*. Lacan lembra que, para os linguistas, ele seja igual ao da enunciação mas considera essa afirmação absolutamente falsa, pois, para ele, há enunciações cujo sujeito podemos continuar procurando, mas ele não está lá. (LACAN, 2006, p. 96).

²⁴ Preferimos aqui o termo ligado, ou até vinculado, e não “apegado”, como traduzido para o português a palavra “attaché”, pois “apegado” significa, segundo o dicionário Houaiss, fazer sentir ou sentir apego; afeiçoar(-se), bitransitivo e pronominal; e, apenas como pronominal e seguido da preposição a. (prep.: a), fazer aderir a, colar; agarrar(-se) que seria o sentido mais correto para a frase. Penso, portanto, que “ligado” seria mais acertado.

²⁵ “Quel est donc cet autre à qui je suis plus attaché qu’à moi, puisque au sein le plus assenti de mon identité à moi-même, c’est lui qui m’agite?” (LACAN, 1966, p. 524)

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação que lhe dá forma. E nessa época Lacan declara: “o termo crucial é o significante.” (LACAN, 1998a, p. 813)

O sujeito, além de servo da linguagem, é ainda mais de um discurso que possui um movimento universal no qual seu lugar já está inscrito, nem que seja sob a forma de seu nome próprio. (LACAN, 1998a, p. 498). Ele é efeito de linguagem e por isso não é causa de si próprio. Ele traz em si o verme da causa que o cinde (refende). Pois sua causa, é o que o significante representa: a que desde então se reduz o sujeito que escuta (LACAN, 1986, lição de 15/11/1961 *apud* LIMA VAZ, 1997, p. 132).

A partir da frase de Freud “*Wo Es war, soll Ich werden*” (FREUD, 1970, v. I, p. 516), Lacan afirma que apesar de Freud chamá-la de sua segunda tópica, essa seria uma maneira de definir o sujeito. “Ali onde era o reino do sono, eu devo advir, devir, com o acento especial que assume em alemão o verbo *werden*”, verbo auxiliar, que forma tempos compostos, o futuro nesse caso, mas na frase de Freud está como verbo principal cujo significado é “tornar-se”, entre outros, “ao qual cabe atribuir seu alcance de crescer no devir” (LACAN, 2006, p. 93). Para ele, isso quer dizer que o sujeito já se encontra em sua morada no *Es*. Com relação à divisão do sujeito, afirma que ao falar do Isso estamos falando propriamente do “núcleo do sujeito” (LACAN, 2006, p. 94).

Tendo trabalhado na Seção anterior as três instâncias, RSI, que Lacan introduziu para construir o que entende por direção do tratamento na clínica da neurose, e agora discutir o sujeito na psicanálise, o sujeito do inconsciente, examinaremos, em seguida, os conceitos de fala e escrita psíquica.

4.3

Fala e escrita psíquica

Nesse ponto do percurso considerarei os conceitos de fala e escrita em sua função na psicanálise. Dando continuidade ao trabalho, é importante retomar a noção de fala/*parole* em Saussure, assim como a poética de Jakobson, tão relevante na prática clínica.

Gostaria de manter em francês, como fiz até o momento com os termos *langue* e *lalangue*, a palavra *parole* para fala, quando ficar clara sua utilização nesse idioma, pois Lacan também joga com a dupla acepção de *parole*. São duas palavras distintas em português, palavra e fala, e apenas *parole* em francês. Esses termos são bem delimitados na linguística e, por isso, têm implicações cujas consequências teóricas não podemos prescindir.

Na psicanálise, a *parole* é crucial. Parece-me interessante ter me deparado com a fala de Damourette e Pichon acerca do que chamam de “forma oral da língua”, pois nos posiciona com relação à importância da fala e lhe confere um lugar bastante semelhante ao da psicanálise: a escuta do dito possibilitará a escrita a partir dos efeitos da interpretação.

Ao longo dessa obra veremos que a forma oral da língua é algo de mais essencial que a forma escrita. É em realidade o falar oral que se desdobra e formula o pensamento. A língua escrita se esforça apenas em estreitar o mais próximo possível esse falar e nem assim é sempre perfeitamente bem sucedida. Assim, exceto alguns casos excepcionais, a fala [*parole*] é superior à língua(gem) escrita. (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 129, tradução minha)²⁶.

Apresentarei ainda outros significantes que estão no campo semântico do verbo falar mas possuem noções bastante precisas na práxis e na teoria psicanalítica como “dizer”, por exemplo.

Freud, por volta de 1914, abandona a prática da hipnose e passa, a partir dos desdobramentos e resultados dos tratamentos que vinha realizando, a escutar pacientes pelo método que a Srta Anna O. (1880) descrevia, segundo ele, de modo apropriado, como uma “*talking cure*”, cura pela palavra, e que qualificava, com graça, de “*chimney sweeping*”, limpeza da chaminé. Embora Anna O. seja considerado o caso fundador da psicanálise, Freud só abandona a hipnose com Emmy von N., que certo dia lhe disse, quando a interrogou de maneira insistente, que a deixasse contar o que tinha a dizer. Ele disse a Anna Freud, em 1918, “O tratamento pela hipnose é um procedimento inútil e sem sentido” (FREUD *apud* GAY, 1989, p. 81).

²⁶ “Tout le long de cet ouvrage, on verra que la forme orale de la langue est quelque chose de plus essentiel que la forme écrite. C’est en réalité en parler oral que se déroule et se formule la pensée. La langue écrite s’efforce seulement de serrer de plus près possible ce parler et n’y réussit pas toujours parfaitement. Donc, à part quelques cas exceptionnels, la parole a la supériorité sur le langage écrit” (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, v. 1, p. 129).

Freud conclui que o único meio de que a psicanálise dispõe é a *parole* do paciente. A *parole* tem efeito no campo da linguagem, de suas leis e sua ação na análise e se dá por meio da interpretação e sob a égide da transferência. Na interpretação, a *parole* se constitui como tal na medida em que há um Outro para ela, Outro da linguagem, o inconsciente como Outro, outra cena, e estruturado como uma linguagem. A análise começa quando se interroga o Outro como lugar de saber.

Em “Função e campo da *parole* e da linguagem”, a técnica psicanalítica não pode ser nem exercida de maneira correta nem entendida se não conhecemos seus conceitos fundamentais que, no caso, só adquirem sentido quando se orientam em um campo de linguagem e se ordenam na função da *parole*. O ponto crucial é “[Q]ue o sujeito não seja aquele que sabe o que diz” (LACAN, 2003, p. 403). Lacan nos chama atenção ainda para o fato de que se o psicanalista ignorar a fala do analisante passará a analisar o comportamento do sujeito para ali encontrar o que ele não diz. E salienta a questão da *parole* e da verdade.

[M]esmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala, *parole*, constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar. (LACAN, 1998a, p. 253)

A ambiguidade da revelação histórica nos apresenta o nascimento da verdade na fala/*parole* e, com isso, esbarramos em uma realidade que não é verdadeira nem falsa. De fato, “a verdade dessa fala/*parole* é a fala presente. Esta que a atesta na realidade atual e que funda a verdade em nome dessa realidade” (LACAN, 1998a, p. 257). O que Freud chamou de psicanálise, em seu trabalho com as históricas, está nessa história do sujeito, constituída pela fala/*parole*, endereçada ao outro.

É a palavra que instaura na realidade a mentira. E é precisamente porque introduz o que não é, que pode também introduzir o que é. Antes da palavra, nada é, nem não é. Tudo já está aí, sem dúvida, mas é somente com a palavra que há coisas que são – que são verdadeiras ou falsas, quer dizer, que são – e as coisas que não são. É com a dimensão da palavra que se cava no real a verdade. Não há nem verdadeiro nem falso antes da palavra. A palavra é por essência ambígua.

Para liberar a fala/*parole* do sujeito, nós o introduzimos na linguagem de seu desejo, isto é, na linguagem primeira em que para além do que ele diz de si, ele já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma. (LACAN, 1998a, p. 294)

O símbolo, sob o ponto de vista psicanalítico, é recalcado no inconsciente mas é suficiente para que produza efeitos no sujeito, que ele se faça ouvir, pois os efeitos não se dão sem o conhecimento.

O sujeito fala a partir de uma marca de falta que o constitui. Como não há linguagem do ser, isso permite que haja ficção de palavra, a partir da palavra (LACAN, 2010, p. 240). O inconsciente insiste em falar do que não se pode falar, está sempre sustentando que a significação não é essencial à linguagem!

Com a escuta do psicanalista, a *parole* acede à possibilidade de escrita.

A partir da escuta do analista, ganham importância o traço, a letra e a escrita, pois serão fundamentais para que seja possível entender de que se trata na interpretação analítica. Sem a escuta do psicanalista, eles podem ser importantes para a linguística, mas não para a psicanálise. Apenas ao articular os dois primeiros conceitos, traço e letra, torna-se possível pensar uma teoria da escrita psíquica em Lacan.

Escolhi esse caminho, em detrimento da concepção freudiana de escrita psíquica, por achar que a ideia de discutir fragmentos clínicos, seguindo as reformulações de Lacan acerca da direção do tratamento, implicaria sua noção de escrita psíquica, embora sua origem esteja, como sempre, na noção de escrita psíquica freudiana.

Lacan estabelece uma relação entre o “*einzigster zug*”, o que chama de “traço unário freudiano”, ou I(A), ou seja, a primeira das três formas de identificação a um dos traços do objeto, com a escrita, como descrita por Freud em “Psicologia das massas”. O traço unário é uma marca de pura diferença. Ele é apenas uma marca, uma escrita simbólica no real. O traço unário quando se inscreve, inscreve também a falta.

O “isso fala” de Lacan renova-se no momento em que ele lhe opõe um “está escrito” (LACAN, 2003, p. 196). “Isso escreve e o inconsciente é estruturado como uma escrita de traços que não cessa de não se ler, mas que, paradoxalmente, só revela sua estrutura pela escrita” (MORAES REGO, 2006, p. 177).

O inconsciente utiliza-se de uma escrita “em ruínas” ou de uma “rasura pura de nenhum traço anterior”

Segundo Freud, “A escrita foi, em sua origem, a voz de uma pessoa ausente” (FREUD, 1976, v. XXIb, p. 110) .

No lugar da falta do significante, o significante primeiro, S_1 , o sujeito inventará um significante para colocar no lugar dessa falta. É crucial ressaltar que, para nossa discussão, o ponto de incidência da interpretação deve ser no lugar da falta de significante. É impossível que a letra seja representada por um significante, por isso, ela faz furo no simbólico. Existe algo anterior à inscrição significante, algo que permite essa inscrição e dá lugar ao registro de uma escrita.

O *infans*, no seu encontro com a linguagem, com o Outro, ocorre a inscrição que será efetuada, nesse momento traumático, de uma marca de perda. Há inscrição de um traço a partir do qual, e com qual, o sujeito se identifica, de alguma maneira, escreve seu próprio nome, e permite que aí se produza uma escrita (MARIANI, 2014, p. 137).

O traço unário, *einziger zug*, viabiliza a escrita de S_1 , o significante unário, que inaugura a cadeia e fica recalcado para o sujeito. Eles se escreve como significante de uma falta de significante no campo do Outro. Essa escrita repete de maneira incansável essa falta e as tentativas do sujeito em escrever essa falta. “Rastro de traço”, como diz Lacan, rastro desse traço unário ou desse “significante solitário” que possibilita o suporte, lugar material da diferença entre significantes que é fundamental para a representação do sujeito no desejo do Outro.

“O que comparece como perda para o sujeito é estruturalmente constitutivo como marca da falta do significante inaugural. Dele só se tem rastro do traço, o que possibilitou o traçado, a escrita do significante em sua função de representar o sujeito para outro significante” (MARIANI, 2014, p. 140).

À pergunta ‘quem sou eu’, Lacan responde com a falta no campo do Outro de um significante que diga tudo desse sujeito e aponta para a “dependência da formação do sujeito em relação à existência de efeitos do significante como tal” (LACAN *apud* MARIANI, 2014, p. 137)

A tensão entre o que se tenta fazer ler e ouvir e o que o significante não tem como representar está entre a letra, suporte material do significante, e o próprio significante, corpo material sutil.

Lacan desenvolve o conceito de letra a partir das considerações de Freud sobre noção de escrita na “Interpretação dos sonhos”. No seminário *A identificação* (1961-1962), ele formula uma teoria da origem da escrita. Esta não é primária, mas produto da linguagem. O significante é primeiro e condiciona o inconsciente e, com isso, a função da letra. A escrita esperava ser fonetizada. Nesse seminário, Lacan diz que a letra e o traço unário seriam sinônimos.

A letra é, então, o que possibilita a distinção entre signo e significante, é “o significante funcionando em sua essência de letra, isto é, não significando nada, o que o torna diferente do signo, que sempre significa algo para alguém” (MORAES REGO, 2006, p. 183). O maior exemplo disso é o nome próprio funcionando como significante, funcionando como letra ou como traço unário.

O conceito de letra possui várias acepções na teoria lacaniana, em determinados momentos há quase uma equivalência entre letra e significante, em outros se afasta dele. Há um conceito de letra em “A instância da letra no inconsciente”, que é reelaborado em “Lituraterra”.

A análise é uma leitura, as produções do inconsciente prestam-se a essa leitura e o psicanalista, como já dissemos, lê nos ditos do analisante uma escrita supostamente do inconsciente. Uma análise consiste em uma leitura desse inconsciente textual e sem sentido (*insensé*), uma leitura que equivoca a ortografia e, pelos cortes que introduz, faz sentido até descobrir o não sentido radical.

Dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem nos faz deduzir que haja nele algo que ocupa o mesmo lugar que a letra e a escrita ocupam na linguagem. A letra e a escrita, assim como o traço, devem ser reconhecidos como estando incorporados ao inconsciente assim como a linguagem também o foi.

Lacan considerou necessário estabelecer uma distinção entre letra e significante. No texto sobre “A instância da letra no inconsciente”, o significante é apenas uma relação: ele representa “para” sendo também aquilo por meio do que isso representa. A letra, por sua vez, também mantém relações com outras letras, mas não apenas isso. Segundo Milner, o significante é sem qualidades, mas a letra é qualificada, possui um referente, um suporte sensível. Ela é transmissível e possui uma transmissibilidade própria: transmite aquilo de que ela é, no meio do discurso, o suporte.

A insistência significante determina que o sujeito do inconsciente é a letra. Insistência essa correlata à repetição, ao automatismo de repetição (É sempre pelo

automatismo de repetição que se chega à letra e à escrita). A que letra se refere Lacan quando faz essa afirmação? Parece referir-se à letra gráfica, visível, pois ela não é do inconsciente, mas faz nele instância. É instância no inconsciente pelo fato de estar ausente na fala, ser áfona, e por não ter sentido.

O que quer dizer “ler a letra no discurso do analisante?” Quer dizer decifrar ou extrair a partir da escuta dos significantes, pela interpretação ou elaboração analítica que a reduzirá a letra, ou, melhor dizendo, a um elemento mínimo que não tem sentido e é só traço. Ela não é escutada, pois não é verbal, não é sonora (MORAES REGO, 2006, p. 181).

A concepção de letra expressa no texto “Lituraterra” coloca um apagamento da imagem e uma teoria sobre a origem da escrita. Nesse momento, o traço, a letra e a escrita são visíveis.

Para Lacan há uma concomitância entre fala e escrita.

Essa função da letra, eu a fiz intervir para vocês de maneira, primeiramente, de alguma forma poética. O seminário sobre “A carta roubada”, em nossos primeiros anos de elaboração, estava ali para indicar que, de uma forma ou de outra, alguma coisa, a tomar no sentido literal do termo *lettre*, já que se tratava de uma missiva, era alguma coisa que nós podíamos considerar como determinante até na estrutura psíquica do sujeito. Fábula, sem dúvida, mas que só fazia encontrar a mais profunda verdade em sua estrutura de ficção. Quando falei da instância da letra no inconsciente, alguns anos mais tarde, pus, ali, através de metáforas e metonímias, um acento bem mais preciso (LACAN, *A identificação*, inédito, lição de 20/12/1961, tradução de Ivan Correa e Marcos Bagno)²⁷.

Para Moraes Rego, são as conjecturas de Lacan acerca da origem da escrita que procuram demonstrar, que a produção dos conceitos de letra e escrita como nomes do inconsciente, permitem a criação do que seria uma primeira teoria sobre o traço, a letra e a escrita.

Gostaria de destacar algumas indicações de Lacan no seminário *A identificação* acerca da letra, do traço e da escrita, importantes para que possamos

²⁷ “Essayons maintenant d'indiquer dans quel sens j'entends vous le faire saisir; dans ce sens où, depuis longtemps, je fais intervenir au niveau de la définition de l'inconscient la fonction de la lettre. Cette fonction de la lettre, je vous l'ai fait intervenir pour vous de façon, d'abord en quelque sorte, poétique. Le séminaire sur la Lettre volée, dans nos toutes premières années d'élaboration, était là pour vous indiquer que bel et bien quelque chose, à prendre au sens littéral du terme de lettre puisqu'il s'agissait d'une missive, était quelque chose que nous pouvions considérer comme déterminant, jusque dans la structure psychique du sujet. Fable, sans doute, mais qui ne faisait que rejoindre la plus profonde vérité dans sa structure de fiction. Quand j'ai parlé de l'instance de la lettre dans l'inconscient quelques années plus tard, j'y ai mis, à travers métaphore et métonymie, un accent beaucoup plus précis.” (LACAN, *A identificação*, inédito, lição de 20/12/1961).

pensar melhor sobre esses conceitos. “A letra é a essência do significante” (lição 4, de 6 de dezembro de 1961), é o que permite distinguir o signo do significante, lembrando que, para Lacan, o signo é o que representa algo para alguém e o significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. É possível deduzir disso que a letra distingue os dois.

Para Lacan, a formalização matemática pode se transmitir integralmente. A formalização matemática é “escrito” (LACAN, 2010, p. 241).

A experiência da psicanálise se passa na *parole*, mas, o que se pode escrever do trabalho do inconsciente? Um dizer que não cessa de não se escrever. É a partir da escrita que podemos questionar as três modalidades de experiência.

É a palavra que trilha a via em direção à escrita. No entanto, a escrita é diferente da *parole* mesmo que a *parole* se apoie nela. A escrita repercute na *parole*. Ela faz falar mas não fala, provoca a leitura.

“a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.”
(LACAN, 1998a, p. 253)

5 Interpretação

Introduzirei agora, neste capítulo, um conceito-chave para a psicanálise: interpretação. Essa noção será examinada exclusivamente sob o ponto de vista psicanalítico, como foi elaborada por Freud, as modificações ocorridas ao longo do tempo na noção de tratamento psicanalítico até chegar às reformulações lacanianas e avanços promovidos por sua teorização.

A interpretação está no centro da doutrina e da técnica em psicanálise e refere-se, principalmente, à intervenção do psicanalista que procura fazer surgir um sentido novo, além daqueles sentidos que podem apresentar um sonho, um ato falho, ou qualquer manifestação no discurso do sujeito.

A palavra alemã utilizada por Freud, “*Deutung*”, ao contrário do que acontece em francês, *interprétation*, e em português, interpretação, que parecem orientar para algo mais subjetivo, arbitrário, consiste em determinar a “*Bedeutung*”, significação desse sentido manifesto.

No início da teorização freudiana, a ideia era evidenciar o sentido latente de um material ao qual a associação livre conduzia, cujo objetivo último seria o desejo inconsciente e o fantasma em que este desejo se sustentava.

Em “Além do princípio do prazer”, no capítulo III, aparece uma referência que nos permite distinguir três momentos na direção do tratamento em Freud. Até o final do caso clínico conhecido como “Caso Dora”, ou “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905[1901]), a psicanálise era, acima de tudo, uma arte de interpretação, ou seja, de reunir, inferir, comunicar, no momento oportuno, o inconsciente oculto para o paciente. O não sabido inconsciente poderia chegar a ser conhecido graças à interpretação do psicanalista. Acreditava-se que o

inconsciente não resistia, mas acolhia a interpretação dada pelo psicanalista. No entanto, a tarefa terapêutica não acontecia, não havia solução. O tornar consciente não resolvia. Como interrogar então esse problema da resistência? O acento deslocou-se então da “*talking cure*” para a resistência de transferência. A proposta de tornar consciente o inconsciente descobrindo as resistências, procurando fazer com que o analisante a abandonasse não resolvia, pois, ainda assim, o amor de transferência não cedia, adiando sempre a resposta sobre a “origem” do fenômeno de resistência. O deslocamento, fundamental do processo de trabalho do sonho, constitui o meio de transformação, deformação, transposição (*Entstellung*) dos pensamentos do sonho e, por isso, estes devem oferecer pouco trabalho à censura. Freud busca obter o máximo de recordação e admitir também o máximo possível de repetição. Ele antecipa, assim, um resto para a direção do tratamento: o que não pode ser dito. “Na luta contra as resistências nos deparamos com a resistência do inconsciente”²⁸ (FREUD, 1992, v. 18, p. 19; COSENTINO, 1987, p. 74-84).

Lacan chama atenção no texto “Variantes do tratamento-padrão” (1953) como, na história das variações do tratamento psicanalítico, a noção de interpretação foi mudando de “análise do material” para “análise das resistências”. Nessas expressões, o princípio que rege a técnica encontra-se nelas explícito. O termo “material” aponta, na técnica psicanalítica, para o conjunto de fenômenos, que até os anos 1920, com “Além do princípio do prazer”, aprendera-se a descobrir o “segredo” do sintoma com uma “semântica psicanalítica: sonhos, atos falhos, lapsos de discurso, desordens de memorização, caprichos de associação mental” (LACAN, 1998a, p. 335). Antes da referida “virada”, é promovendo o deciframento desse material que o sujeito podia rememorar sua história.

Ao restabelecer a ordem e as lacunas dessa história, era possível verificar a redução dos sintomas. Essa diminuição trazia consigo a noção de inconsciente em um “sujeito efetivamente constituído”, que sustenta os sintomas em seu sentido antes de serem revelados.

Ao desvelar para o sujeito a “chave” de seu sintoma recalçado, como acreditava Freud no início, por vezes o analisante continuava a persistir nele, pois resistia em reconhecer esse sentido. Por esse motivo, acredita-se, nessa ocasião,

²⁸ “que en la lucha contra las resistencias uno se enfrenta con la Resistencia de lo ‘inconsciente’” (Freud, 1975, v. 18, p. 19, tradução minha para o português)

que o que deve ser analisado, então, é a resistência e não o sentido. Evidencia-se nessa concepção tratar-se também de um sujeito constituído em seu discurso.

Freud empregou a palavra resistência desde que se deparou com as primeiras dificuldades na prática da hipnose e da sugestão. A passagem para o método psicanalítico fez com que as resistências mudassem de estatuto: tornaram-se passíveis de interpretação. No princípio era reconhecida como um obstáculo no trabalho analítico, sobretudo na forma do desrespeito à regra fundamental. Em um segundo tempo, a resistência foi considerada um dado clínico, sintoma como efeito do recalque. Passou, assim, a participar do processo de recalque e a depender tanto da interpretação quanto da transferência, maneira como se manifesta comumente (ROUDINESCO, 1998[1997], p. 659).

Como já disse, a resistência aparece quando o analista escuta, na associação livre, uma interrupção à regra fundamental da psicanálise à qual o sujeito estava submetido. Nesse momento, o analisante experimenta com angústia aquilo que falta à cadeia de associações e o faz no nível da palavra. Mas logo algo comparece nesse lugar da falta, e a presença do analista ganha consistência. O sujeito começa a falar de detalhes da pessoa do analista ou daquilo que o cerca. Ele realiza essa presença.

Podemos apreender um nó temporal nesse fenômeno da resistência e da transferência como presença excessiva e consistente do analista. Como verificamos, existem alguns tipos de interpretação entre os quais destacamos, além daqueles já mencionados, a interpretação da transferência.

Lembremos que Freud considera resistência tudo aquilo que interrompe a continuidade do trabalho analítico. Ela emana do processo mesmo do discurso, como nos diz Lacan no seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud*. Nesse ponto da resistência, a transferência emerge, precisamente, porque satisfaz a resistência. A transferência é também uma forma de resistência.

A interpretação da resistência revela uma ambiguidade e remete à pergunta: Quem resiste? Na primeira doutrina, a resposta estaria no “eu”. Essa resposta leva a um desvio daquilo que Freud acaba de modificar com sua conhecida “segunda tópica: a resistência não é privilégio do “eu”, mas também do isso e do supereu.

No contexto da segunda tópica, Freud identifica cinco formas de resistência: três possuem sede no eu, uma no isso, e outra no supereu. Aquelas ligadas ao eu podem aparecer sob a forma de recalque, sob a resistência da transferência, ou

como lucro secundário ligado à persistência da neurose, que é vista como perigo para o eu. A resistência que encontramos no isso está vinculada à compulsão à repetição ou, como Lacan prefere se referir, automatismo de repetição, e pode ser superada quando o sujeito integra a interpretação, por uma elaboração (*Durcharbeitung*). Por fim, a resistência cuja sede encontra-se no supereu diz respeito à culpa inconsciente e à necessidade de punição.

O sujeito constituinte do sintoma é tratado como constituído, como material, e o “eu” torna-se o sujeito para quem o analista deve apelar (LACAN, 1998a, p. 337). A interpretação passa, então, a depender do saber do analista e a comunicação desse saber ao paciente age apenas como sugestão à qual o critério de verdade, como entendido por Lacan, fica alheio. (LACAN, 1998a, p. 340).

Freud sempre se recusou a entender a resistência apenas como “defesa do eu”. Nesses desenvolvimentos teóricos realizados a partir da segunda tópica, constatamos que ocorre um desvio da noção de resistência, entre os freudianos e pós-freudianos, de como Freud a entendia desde 1895, com o caso clínico de Elizabeth von R., nos “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1976, v. II, p. 203). Esta seria a partir de então aquilo que faz obstáculo ao trabalho analítico. Corrirei o risco de uma simplificação exagerada, ao dizer que os freudianos faziam surgir símbolos sexuais por toda parte e os kleinianos “adivinham em todo discurso um ódio arcaico à mãe” (ROUDINESCO, 1998[1997], p. 389), distintos, portanto, da noção de resistência presente no discurso. Eles atribuem-lhe invariavelmente um sentido prévio.

Para Lacan, em *L'étourdit* (1972), a interpretação é apofântica, do grego *apophantikós*. Embora esse termo nos remeta, na lógica aristotélica, aos enunciados verbais como sendo possíveis de serem falsos ou verdadeiros, se descrevem ou não corretamente o mundo real, Lacan utiliza-se da noção de *apófansis* trabalhada por Heidegger.

Tanto para Aristóteles como para Heidegger todo discurso é um discurso acerca de algo e a referencialidade é o caráter apofântico do discurso. Isso implica que todo discurso deixa aparecer, mostra (tradução do grego “*apófansis*”), a significatividade do discursado.

O discurso falso, *pseudos*, de Aristóteles é tomado por Heidegger como um ocultamento daquilo que é significado. Essa é então a maneira como Lacan entenderá a interpretação como apofântica.

No contexto da teoria do significante, Lacan procurou repensar a interpretação e enfatizou a necessidade de interrogar, incessantemente, ao longo da análise, o desejo do analisando, sem que se lhe apresentasse verdades prontas.

A interpretação não é um dito esclarecedor nem está aberta a todos os sentidos, por isso ela não constitui uma significação, não importa qual, mas aquela que faz com que o significante tenha por efeito, na linguagem, o significado. Ela deve fazer surgir um significante irreduzível. “O essencial é que o sujeito veja, para além da interpretação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado” (Lacan, 1996a, p. 237). Uma análise intervém nos ditos do analisante fazendo-os vacilar.

As interpretações psicanalíticas não são intervenções verbais como explicações, gratificações, respostas à demanda etc. Nenhum indicador é suficiente para mostrar onde age a interpretação quando não admitimos “um conceito da função do significante que capte onde o sujeito se subordina a ele, a ponto de ser por ele subornado” (Lacan, 1998a, p. 599).

A interpretação, segundo Lacan na “Direção do tratamento e os princípios de seu poder” (1958), acontece apenas quando, ao lidar com o significante, pode advir algo novo, pois ela está fundamentada no fato de o inconsciente ter a estrutura radical da linguagem.

Um exemplo bastante interessante, citado com frequência por Lacan, de “má interpretação” por parte do analista, é o do paciente de Ernest Kris, pois produziu, como nos chama atenção Lacan, um *acting out*. Caso que é pelo próprio Kris relatado. Para este é interessante poder fazer comparações mais precisas, no estudo de um paciente, quando ele passa por um segundo período de análise com outro analista, diferente do anterior. No caso descrito a seguir, Kris atuou como segundo analista e nos informa que o tratamento inicial produziu melhoras consideráveis mas os mesmos problemas reapareceram sob uma nova luz, ou novas relações, quando interpretações diferentes foram inseridas.

Melitta Schmeideberg, citando-se uma frase extraída de um comentário que ela teria feito publicar desse caso: "Um paciente que, durante a puberdade, cometera furtos de vez em quando, [...] conservou, mais tarde, um certo pendor para o plágio [...] A partir daí, para ele a atividade estava ligada ao roubo, o esforço científico ao plágio ... etc."

Ao contrário do avô do paciente, um cientista renomado, o pai não havia conseguido deixar sua marca em seu campo de atuação. Kris interpretou essa questão do plágio como “desejo de incorporar o pênis do pai”, o “desejo por um peixe maior” e concluiu que “apenas as ideias dos outros eram verdadeiramente interessantes, ideias que se quer tomar”. Essa apropriação precisava ser *engineered* (KRIS, 1951, p. 23). Lacan, com certa ironia, chama atenção para

[...] o que o sr. Kris nos apresenta como o troféu de sua vitória. Ele acredita ter atingido o objetivo, e comunica isso a seu paciente: “Só as ideias dos outros é que são interessantes, são as únicas boas de pegar; apossar-se delas é uma questão de saber como proceder” – assim traduzo o *engineering*, pois acho que ele faz eco ao célebre *how to* norte-americano, vejamos se não é isto: uma questão de planejamento.

“Nesse ponto de minha interpretação”, diz-nos Kris, “aguardei a reação de meu paciente. O paciente calou-se, e a própria duração desse silêncio”, afirma ele, pois vai medindo seus efeitos, “tem uma significação especial”. Então, como que tomado por uma súbita luz, ele proferiu estas palavras: ‘Ao meio-dia, quando saio da sessão antes do almoço, e antes de voltar ao escritório, sempre dou uma volta pela rua tal’ (uma rua, explica-nos o autor, muito conhecida por seus restaurantes pequenos, mas onde se é bem servido) “e espio os cardápios atrás das vitrines da entrada. É num desses restaurantes que costumo encontrar meu prato predileto: miolos frescos.” (LACAN, 1998a, p. 399)

Para Lacan, essa declaração, em vez de ser considerada como ratificação da intervenção feita pelo analista no material que o analisante traz, parece “antes, ter o valor corretivo do *acting out*, no próprio relato que é feito dele.” (LACAN, 1998a, p. 606). Com isso, Kris passou “ao largo” do que teria sido “uma intervenção bem-sucedida”, como ele próprio comenta em seu relato do caso. O analista não interpreta com seus próprios significantes, mas recolhe um enunciado na trama do discurso do analisante que, por ser recortado, torna-se enigma (LACAN, 1998b, p. 40).

“A interpretação concerne à causa do desejo” é uma fórmula que podemos situar em relação à outra: “a estrutura da interpretação é a do saber no lugar de verdade” que Lacan propõe no seminário 17, *O avesso da psicanálise*. Ao pensar que tipo de enunciado responde a esse modelo, ele o coloca entre o enigma e a citação. (LACAN, 1998b, p. 40)

O que é a verdade como saber? Um enigma. A verdade nunca pode ser “toda dita” a não ser pela metade: um semi-dizer. O enigma é uma enunciação, que não é de ninguém, e que não corresponde a nenhum enunciado de saber, é um

semi-dizer pronto a desaparecer completamente quando se dá a solução. No enigma, o que falta é o que representa esse enigma para o sujeito.

A citação, por sua vez, tirada do mesmo texto, do analisante nesse caso, constitui uma exposição do enunciado. Não se tem a enunciação (o referente) do que ele, o analisante, quer dizer. Ela possui sentido diferente se atribuída a este ou aquele autor e só é válida na medida em que o analista participa do discurso.

Como vimos, a interpretação é um semi-dizer e quem completa esse semi-dizer sofre as consequências, como exemplifica o caso de Édipo diante da Esfinge.

Lacan em “*L’étourdit*” abandona a citação e escreve que a interpretação joga com “os equívocos pelos quais se inscreve o lateral, o debrum, (*l’à-côté*), da enunciação” que são de três tipos: os da homofonia, os da gramática e os da lógica. Em se tratando da homofonia, o equívoco está na ambiguidade homofônica, o que a ortografia fixa a homofonia deriva. Longe de ser um acaso, ela depende da lógica. Ele dá dois exemplos: *deux* (dois) e *d’eux* (deles); paraître, aparecer, *par être, parêtre* (“pareser”); *sembler* (semear, semelhar) *s’embler* (leva ao verbo *embler*, assenhorar-se etc). São exemplos com os quais ele joga com o que chama de “cristal linguístico” (*Niederschlag*), pois a homofonia difrata as significações e introduz, com isso, uma dimensão interrogativa. Em relação à gramática, pode-se dizer que o equívoco ocorre no âmbito da frase, de uma intervenção interpretativa mínima: “Não te faço dizer.” Esse é um equívoco entre “Você o disse” e “eu não assumo isso”. Não há escolha entre um ou outro sentido, ambos comparecem. Por fim, no plano lógico permanece o equívoco do paradoxo lógico, e surge no contexto, sendo o mais difícil de exemplificar.

Assim, a gramática se impõe à homofonia para distinguir os dois ou mais sentidos; a lógica demonstra o impossível, categoria da lógica modal aristotélica, da gramática; e a homofonia depende da lógica. Ainda no *L’étourdit*, todas as homofonias estão diretamente relacionadas à estrutura e sua lógica.

Nos três tipos de equívoco mencionados acima, este faz vacilar o indecído que se precipita apenas com a resposta do sujeito, que é quem decidirá sobre o dito da interpretação, pois esta não opera sem o saber suposto no psicanalista. Vale ressaltar que como estamos fazendo para este trabalho o estudo de relatos de caso e suas interpretações, é possível acontecer que, ao levar a interpretação para um campo onde não há saber suposto, isso acarrete o ridículo.

É crucial destacar que não existe interpretação sem saber suposto, pois ela não é nunca um enunciado de um saber. “A interpretação não opera sem um saber suposto” (SOLER, 1991, p. 98)

Pergunta-se então: onde convém, quando convém se servir do equívoco significante?

A psicanálise não opera como uma ciência, um saber sobre o objeto, embora o objeto esteja presente na interpretação. Quando o sujeito se reconhece naquilo que o analista diz suspeitamos de que não se trata de interpretação, pois esta não ratifica identificações, mas faz com que o sujeito vacile, se divida. A interpretação é uma resposta cujo efeito é mais de suspender a resposta. Opera, portanto, como suspensão da solução, da própria resposta. Lacan nos diz, no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais* (1964), como Freud, que a interpretação é correlativa da resistência (SOLER, 1991, p. 102). É um dizer que captura a causa do desejo e relança o inconsciente ao trabalho. A resistência assinala no discurso a falha na cadeia significante, o ponto de fuga do discurso. No limite da palavra há o silêncio e algo que é possível cifrar.

Lacan, no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais*, quando aborda os efeitos no inconsciente da transferência relaciona a presença do analista no movimento de fechamento e de abertura do inconsciente. Mostra-nos essa vertente da transferência como resistência ao dizer que ela é que “fecha a porta, ou a janela, ou o postigo, como quiserem – e que a bela com quem queremos falar está lá detrás, que só pede para reabri-los, os postigos” (LACAN, 1996a, p. 126). Nesse momento a interpretação é decisiva, pois devemos nos dirigir à bela. O discurso inconsciente que se trata de realizar não está do lado do fechamento mas do lado de fora. Ele apela, pela boca do analista, à reabertura do postigo.

Costuma-se falar, como o próprio Freud nos conta em “Construções em análise” (1937), de uma crítica, depreciativa e injusta feita à psicanálise, de que ao fornecer interpretações esta o faz à maneira “*Heads I win, tails you lose*”, o que equivale a dizer que se o paciente concorda conosco, então a interpretação está certa, mas se nos contradiz é sinal de resistência (FREUD, 1976, v. XXIIIb, p. 291) e, por isso, não deveria ser levada a sério, pois não importa o que o paciente diga demonstra sempre que o analista tem razão. No entanto, como ele indica em uma nota de rodapé nesse texto, existem outras formas de confirmação vindas do inconsciente, vindas do paciente, como por exemplo: “Foi nisso que pensei”, “Eu

não tinha pensado nisso” etc. E considera que as únicas formas de ratificação da exatidão da interpretação sejam um novo material (sonho, associação, recordação) ou ainda as famosas “denegações” (*Verneinungen*) como “Não, não é a minha mãe”, citada por ele no artigo “A negação” (1925).

Para mostrar o caráter de uma interpretação, Freud jamais se refere à verdade (*Wahrheit*), mas à exatidão (*Richtigkeit*) ao qualificar uma interpretação do psicanalista.

Existem, além das interpretações, o que chamamos de “construções em análise” e Freud inclui, sobretudo, o trabalho do analista quando, a partir do material trazido pelo paciente, que consiste em fragmentos, e por isso incompleto, o psicanalista deve fabricar um quadro mais “completo”. Ali onde falta material, o analista deve fabricar, reconstruir, construir com seu saber sobre a estrutura. Freud entende que a incompletude está no cerne da construção. O que é então uma construção para Freud e em que se diferencia da interpretação? Para ele, uma interpretação recai sobre elementos isolados enquanto a construção possui uma dimensão mais ampla.

O que assegura que o analista não se extravie em suas construções e assim não ponha em risco o tratamento? Segundo Freud, com uma construção não justa “nenhum dano é causado” (FREUD, 1976, v. XXIIIb, p. 295) é uma perda de tempo, sem dúvida, mas o paciente permanece intocado. E o analista pode “confessá-lo” quando houver ocasião, permitindo uma melhor construção.

Freud havia designado ao analista a tarefa de não tratar senão do texto do paciente: “A falsa construção cai de tal maneira que poderíamos pensar que ela nunca foi feita”. (FREUD, 1976, v. XXIIIb, p. 295). Assim é que uma falsa construção de certa forma cai do texto do paciente, porque não faz parte desse texto.

Segundo Freud: “Se a construção é falsa, isso não muda nada no paciente; mas se ela é justa ou se aproxima-se da verdade, é possível que ele reaja a ela por um agravamento claro de seus sintomas e de seu estado geral.” (FREUD, 1976, v. XXIIIb, p. 300).

Freud nos adverte de que devemos tomar as construções como suposições e esperar a confirmação ou rejeição delas.

Lacan, por sua vez, promove um deslocamento a partir do texto “Construções em análise” para a construção do fantasma. Isso faz com que seja a

interpretação do analista que aponte para o ponto de enigma que o analisante terá que construir. O analisante precisará produzir um saber sobre esse ponto de enigma.

Com muita frequência pergunta-se, também: Como interpretar os sonhos em análise, por exemplo? Freud, em “O manejo da interpretação do sonho” (1911), via régia do inconsciente, nos adverte para não querer obter a interpretação mais completa possível, pois se o primeiro sonho parecer muito proveitoso, logo aparecerão outros. Há momentos em que a produção onírica é intensa e isso pode indicar até certa resistência, por parte do analisante. O tratamento não pode, segundo ele, dominar o material que lhe é oferecido e precisa manter-se orientado pelos complexos e resistências que no momento possam estar acontecendo. Do contrário, o tratamento poderá se perder excessivamente nas interpretações dos sonhos. Não se deve, portanto, quebrar o movimento da análise preocupando-se demais com os sonhos. Determinados sonhos também podem ser a confirmação de uma interpretação ou de uma construção (FREUD, 1976, v. XXIIIb, p. 88).

Na análise não pensamos não importa o quê mas nos atemos à associação livre. Lacan também se pergunta em “*Moment de conclure*” (lição de 11/04/1978) como saber em que ponto parar na interpretação do sonho.

A intervenção do analista, de repente, promove uma mudança de rumo decisiva mesmo quando há tempos ele vinha tentando imprimir um movimento, na análise em questão. A partir de um ponto-nodal (*Knotenpunk*) faz com que o analisante se desloque .

A interpretação pode apresentar-se na forma de um enunciado breve, uma palavra, algumas palavras ou até uma única palavra, uma interjeição, uma observação, um silêncio... ou ainda aparecer na lembrança de sessões não pagas, na indicação de passagem ao divã, na repetição da regra fundamental²⁹, pode encerrar a sessão, acontecer no momento do pagamento, ou até mesmo na soleira da porta. Ela retira sua formulação de um dito do analisante na associação livre, de um sonho, de um ato sintomático, de um pesadelo, de um *acting-out*, de uma conduta, a qualquer momento do tratamento, embora Freud nos tenha dado a

²⁹ Que se solicite a um sujeito “que abandone qualquer referência que não seja a das quatro paredes que o envolvem, e que produza significantes que constituam a associação livre soberana, em suma, do campo [da experiência psicanalítica]” (LACAN, 1998b, p. 32).

indicação de que podemos interpretar apenas quando a transferência³⁰ já está estabelecida, pois a emergência da transferência significa que há processo inconsciente.

A recepção do analisante pode ser uma surpresa, uma incompreensão, perplexidade, ou silêncio, que promoverá, a partir da equivocação um novo saber, como nos indica Lacan:

En aucun cas une intervention psychanalytique ne doit être théorique, suggestive, c'est-à-dire impérative; elle doit être équivoque.
L'interprétation analytique n'est pas faite pour être comprise; elle est faite pour produire des vagues. (LACAN, 1976, p. 35)

Não é possível deixar de mencionar a dimensão poética da interpretação psicanalítica, tomada por Lacan da concepção de linguagem em Jakobson (poética), como explicita Lacan:

Que vocês sejam inspirados eventualmente por alguma coisa da ordem da poesia para intervir, é bem em que, eu diria, é bem em direção a quê vocês devem se voltar, porque a linguística é de qualquer forma, eu diria, uma ciência muito mal orientada. Se, se a linguística se soergue, é na medida em que Roman Jakobson aborda francamente as questões de poética. A metáfora e a metonímia não têm peso para a interpretação senão enquanto capazes de exercer a função de outra coisa. E essa outra coisa da qual ela [a coisa] faz função é bem aquilo pelo que se une estreitamente som e sentido; é na medida em que uma interpretação justa extingue um sintoma que a verdade se especifica como sendo poética. Não é do lado da lógica articulada, – apesar de que ocasionalmente eu aí deslize, – não é do lado da lógica articulada que devemos avaliar o alcance de nosso dizer (LACAN, *l'insu qui sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, inédito, lição de 19/04/1977).

Cabe retornar a algumas das noções expressas neste capítulo visando destacar aspectos importantes para conduzir a leitura dos casos clínicos e entender a “interpretação” em discussão no Capítulo VII. Começo por lembrar que as intervenções psicanalíticas não são intervenções que procuram explicar ou responder à demanda do analisante, mas sim intervir nos ditos do analisante fazendo-os vacilar. Quando o paciente se reconhece naquilo que o analista diz, suspeita-se que não seja, então, uma interpretação, pois esta não deve ratificar identificações imaginárias, mas fazer vacilar as certezas que essas identificações

³⁰ A “transferência” é um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise sem a qual não existem condições para que o tratamento aconteça. “O conceito de transferência, sem dúvida está determinado pela função que tem na práxis” (LACAN, 1996, p. 76).

produzem. Lacan ressalta a necessidade de interrogar o desejo do analisante durante a análise sem expor-lhe verdades prontas.

O psicanalista recolhe, nos ditos do analisante, um enunciado e não interpreta com seus próprios significantes. Esse recorte, destacado dos próprios significantes do analisante, lhe será devolvido como enigma.

Nenhum indicador é suficiente para mostrar em que ponto age uma interpretação se não pensarmos na função de um significante que aponte para o lugar onde o sujeito está a ele está subordinado, na sua neurose, ou seja, é crucial que o sujeito veja, para além da interpretação, a qual significante irreduzível ele está, como sujeito, assujeitado. Desse modo, entendemos como as interpretações fornecem elementos ao sujeito para que possa construir seu fantasma em análise.

6

Fragmentos de casos clínicos

Neste capítulo faço um pequeno apanhado do que se entende por um “caso clínico”, um fragmento de caso clínico. Os primeiros casos são de Freud, Lacan, Jean Allouch, François Léguil e os últimos casos foram extraídos de comunicações feitas no que chamamos de “Seção clínica”.³¹ São ocasiões em que se transmite a psicanálise pelo relato e discussão de casos, principalmente entre psicanalistas e sujeitos em formação.

Além disso, fiz questão de apresentar tão somente o relato dos casos para que neste ponto do trabalho fosse possível fazer uma leitura ainda direcionada apenas pelas indicações aqui fornecidas. No capítulo seguinte, entretanto, trouxe a leitura que me foi possível fazer.

Ao fundar a psicanálise, Freud vincula sua transmissão a certo tipo de relato: as histórias dos doentes, “escritas como se fossem pequenas novelas prontas para demonstrar a técnica psicanalítica”, como destaca na citação a seguir em relação ao “sério da cientificidade”, e as mudanças no percurso da construção da teoria (GÓES, 2009, p. 294). Ao escrever um caso clínico, ele está escrevendo, determinando o campo da psicanálise.

Eu mesmo me surpreendo com o fato de histórias de doentes que escrevo serem legíveis como romances (*Novellen*³²) e de a elas faltar, por assim dizer, o carimbo de sério da cientificidade. Devo consolar-me disso pelo fato de esse resultado dever ser imputado à natureza do objeto, mais do que à minha preferência (ASSOUN, 1995, p. 228 e FREUD, 1978, v. I, p. 227).

“A escrita do caso [...] é a garantia da ligação intrínseca, constitutiva da psicanálise, entre método terapêutico, método de investigação e teoria” (CHIANTARETTO *apud* Góes, 2009, p. 295).

Para Freud, a escrita de um caso consistia na afirmação do trabalho do inconsciente, que, na sua época era crucial dar a conhecer, apesar das dificuldades e impasses. Com Lacan, a questão não estava mais em provar a existência do

³¹ Na Escola Letra Freudiana, escrevemos “seção” em referência ao corte promovido pelo psicanalista, na Escola, e não à sessão propriamente dita.

³² *Novelle*, que na literatura alemã refere-se ao estilo “quadro realista” e não ao romance como o entendemos.

inconsciente, mas em interrogar como cada análise faz parte do conceito de inconsciente. Ocorre uma importante torção de Freud a Lacan na transmissão da psicanálise.

Podemos dizer que o caso clínico opera na dobradiça entre psicanálise em intensão, a própria experiência analítica, e em extensão, a Escola ou qualquer outro dizer que não seja a psicanálise em intensão, da qual depende fundamentalmente. O caso clínico está exatamente nessa dobradiça pois possibilita ouvir fora do “*setting* psicanalítico” alguns significantes que já não pertencem ao sujeito, que se constituiu na transferência de sua análise, mas significantes privilegiados da emergência do inconsciente, restos em que o sujeito, representado pela cadeia significante, se apaga (afânise do sujeito).

“É importante dizer que o caso clínico se tornou uma exigência da formação do analista na instituição psicanalítica.” (VIDAL, 2015, p. 317).

O discurso do analista³³ é um discurso de superfície, a atenção do psicanalista está voltada para a parcialidade da cadeia de associações, onde flutua na escuta do que se tece do sintoma. Os discursos são constituídos por fragmentos e a particularidade do discurso analítico é reconhecê-los e acolhê-los, e produzir com eles sua escrita (VIDAL, 2015, p. 318).

“É então indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista para ter efeitos e o analista que esses efeitos teorizam” (LACAN, *R.S.I.* [1974-1975], inédito, lição de 10/12/1974).

Vale ressaltar que o “caso clínico, no discurso em que se escreve, não se propõe como síntese de uma análise” (VIDAL, 2015, p. 318). Assim, os dados da vida do analisante, as indicações de seu laço social com as pessoas à sua volta, sua inscrição social fazem parte do que chamaríamos de moral cotidiana e, que, no próprio trabalho de análise é posta em questão. (VIDAL, 2015, p. 320). Não faz,

³³ Lacan postulou a teoria dos quatro discursos que diz respeito aos funcionamentos que mostram as estruturas em que cada um deles se baseia. A psicanálise enfatiza aqui não a singularidade mas o assujeitamento, no caso, o que pode determinar um sujeito, produzi-lo, causá-lo. O que produz o sujeito é sua dependência em relação à linguagem, que um significante venha a representá-lo em meio a todos os outros e, por isso mesmo, determiná-lo. Lacan formulou, assim, o que chamamos “matemas” (estruturas) dos quatro discursos, a saber: o discurso do universitário, o do mestre, o da histórica e o do analista. Basta um quarto de volta para aceder ao discurso seguinte. Esta representação reúne uma estrutura permanente e elementos cuja situação varia no interior da estrutura. As quatro posições constitutivas da estrutura permanente são: verdade, agente, outro, produção; e os elementos S_1 (significante mestre), S_2 (saber), $\$$ (sujeito dividido) e objeto a .

portanto, um conto, uma história, mas testemunha um ato. Quanto mais se procura ordenar o texto em direção a uma trama, mas se afastará da clínica.

O caso clínico não existe fora de sua escrita, é impossível escrever ou descrever uma sessão de análise, e nos perguntamos então: O que se escreve desse encontro? (GÓES, 2009, p. 296).

O que se escreve é fragmentado. “É um texto de fragmentos que permanecem assim, fragmentos” (GÓES, 2009, p. 296), e não são costurados em uma história. Que critérios recaem sobre a escolha dos fragmentos que compõem um caso clínico? São significantes que dão suporte aos pontos da trama ordenada pelo ‘desejo do psicanalista’.

Na verdade, “fragmentos” é o termo que mais convém ao caso clínico dito e escrito por um psicanalista, pois esses fragmentos falam da posição do sujeito em sua relação com o Outro na neurose.

Os casos que escolhi, com bastante cuidado, trazer para análise neste trabalho são paradigmáticos, apresentam, em sua maioria, relações de homofonia que podemos ler-escutar na fala do analisante, formações do inconsciente como sonhos, chistes, lapsos e sintoma. Procurei exemplos entre os casos relatados por Freud – nos tão famosos textos “canônicos” como “Interpretação dos sonhos” (1900), “Os chistes e suas relações com o inconsciente” (1905), “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901) – Lacan e alguns psicanalistas como Jean Allouch ou François Leguil, bastante conhecidos, além de outros colegas psicanalistas. Infelizmente nem sempre se pode apresentar casos da própria clínica, principalmente em um trabalho como esse, pois, como nos lembra Freud ao relatar o caso como este encontra-se prejudicado por sua impossibilidade de relatar alguns detalhes que facilitariam sua leitura. Isso pode ser mais fácil se nos encontramos em um ambiente fora daquele em que está nossa clínica ou que seja possível apresentar o fragmento de tal forma que fosse irreconhecível pelo analisante caso o lesse.

O primeiro caso está no artigo sobre o fetichismo, 1927, no qual Freud relata o caso de um jovem analisante cujo fetiche havia aparecido como um “brilho no nariz”, “*glance*”, escutado-lido por Freud em “*Glanz auf der Nase*”.

Fragmento Um

Die Einzelheiten dieser Fälle entziehen sich aus naheliegenden Gründen der Veröffentlichung. Ich kann darum auch nicht zeigen, in welcher Weise zufällige Umstände zur Auswahl des Fetisch beigetragen haben. Am merkwürdigsten erschien ein Fall, in dem ein junger Mann einen gewissen »Glanz auf der Nase« zur fetischistischen Bedingung erhoben hatte. Das fand seine überraschende Aufklärung durch die Tatsache, dass der Patient eine englische Kinderstube gehabt hatte, dann aber nach Deutschland gekommen war, wo er seine Muttersprache fast vollkommen vergass. Der aus den ersten Kinderzeiten stammende Fetisch war nicht deutsch, sondern englisch zu lesen, der »Glanz auf der Nase« war eigentlich ein »Blick auf die Nase« (*glance* = Blick), die Nase war also der Fetisch, dem er übrigens nach seinem Belieben jenes besondere Glanzlicht verlieh, das andere nicht wahrnehmen konnten (FREUD, 1970, v. IIIb, p. 379).

Em português:

Por razões evidentes os detalhes desses casos não devem ser publicados. Por isso não posso mostrar de que maneira as circunstâncias ocasionais contribuíram para a escolha do fetiche. O caso mais curioso foi o de um jovem que tinha elevado certo “brilho no nariz” [*Glanz auf der Nase*] à condição de fetiche. A explicação surpreendente para isso era que o paciente havia sido criado na Inglaterra, mudando-se depois para a Alemanha, onde esqueceu quase completamente sua língua materna. O fetiche, originário de sua infância mais recuada (?), devia ser lido em inglês, não em alemão; “o brilho no nariz” era na verdade um “olhar para o nariz” (*glance* = olhar), o nariz era então o fetiche, ao qual ele emprestava esse brilho peculiar que os outros não viam (FREUD, 2014, p. 303).

Outros fragmentos de casos clínicos interessantes trazidos por Freud, que lhe foram relatados por colegas, amigos etc., como o da analisante de Otto Rank que ele narra na parte F da “Interpretação dos sonhos”, “Alguns exemplos – Cálculos e falas nos sonhos”, acrescentado nas últimas edições, em 1911:

Fragmento Dois

Não ficaremos surpresos em constatar que, para fins de representação nos sonhos, a grafia das palavras é muito menos importante do que seu som, especialmente se tivermos em mente que a mesma regra é válida ao se rimarem versos. Rank (1910, 482) registrou com pormenores e analisou de maneira integral o sonho de uma moça, no qual ela descrevia como estava andando pelos campos e cortando ricas espigas [“Ähren”] de cevada e trigo. Um amigo de sua juventude veio em sua direção, mas ela tentou evitar o encontro com ele. A análise mostrou que o sonho dizia respeito a um beijo— um “beijo respeitoso” [“Kuss in Ehren”, pronunciado da mesma forma que “Ähren”, com o significado literal de “beijo em sinal de honra”. No próprio sonho, as “Ähren”, que tinham de ser cortadas, e não arrancadas, figuravam como espigas de milho, enquanto, condensadas com “Ehren”, representavam um grande número de outros pensamentos [latentes]. [1911]” (FREUD, 1976, v. V, p. 433-434)

Ou ainda, na mesma seção:

Fragmento Três

Por outro lado, em outros casos, o curso da evolução linguística facilitou muito as coisas para os sonhos, pois a linguagem tem sob seu comando toda uma gama de palavras que originalmente possuíam um significado pictórico e concreto, mas são hoje empregadas num sentido descolorido e abstrato. Tudo o que o sonho precisa fazer é imprimir a essas palavras seu significado anterior e pleno, ou recuar um pouco até uma fase anterior de seu desenvolvimento. Um homem sonhou, por exemplo, que seu irmão estava numa Kasten [“caixa”]. No decorrer da interpretação, a Kasten foi substituída por um Schrank [“armário” — também utilizado em sentido abstrato para significar “barreira”, “restrição”]. O pensamento do sonho fora no sentido de que seu irmão deveria restringir-se [“sich einschränken”] — em vez de o próprio sonhador fazê-lo [1909].

Fragmento Quatro

Hoje cedo, entre o sonhar e o despertar, experimentei um belo exemplo de condensação verbal. No curso de uma massa de fragmentos oníricos de que mal podia lembrar-me, fui detido, por assim dizer, por uma palavra que vi diante de mim como se estivesse meio manuscrita e meio impressa. A palavra era “erzefilisch” e fazia parte de uma frase que se insinuou em minha memória consciente, independente de qualquer contexto e em completo isolamento: ‘Isso tem uma influência erzefilisch nas emoções sexuais.’ Soube imediatamente que a palavra deveria na verdade ter sido “erzieherisch” [“educacional”]. E fiquei em dúvida, por algum tempo, se o segundo “e” de “erzefilisch” não teria sido um “i”. Com respeito a isso, ocorreu-me a palavra “sífilis” e, começando a analisar o sonho enquanto estava ainda meio adormecido, quebrei a cabeça num esforço para descobrir como aquela palavra podia ter entrado em meu sonho, já que eu nada tinha a ver com essa doença, quer pessoalmente, quer profissionalmente. Pensei então em “erzehlerisch” [outra palavra sem sentido], e isso explicou o “e” da segunda sílaba de “erzefilisch”, fazendo-me lembrar que, na noite anterior, eu fora solicitado por nossa governanta [Erzieherin] a lhe dizer alguma coisa a respeito do problema da prostituição, e lhe dera o livro de Hesse sobre a prostituição para influenciar sua vida emocional — que não se desenvolvera com inteira normalidade; depois disso, eu tinha conversado [erzählt] muito com ela sobre o problema. Vi então, de uma só vez, que a palavra “sífilis” não devia ser tomada literalmente, mas representava “veneno” — naturalmente, em relação à vida sexual. Quando traduzida, portanto, a frase do sonho tinha bastante lógica: “Minha conversa [Erzählung] pretendia ter uma influência educacional [erzieherisch] sobre a vida emocional de nossa governanta [Erzieherin]; mas temo que talvez tenha tido, ao mesmo tempo, um efeito venenoso.” “Erzefilisch” compunha-se de “erzäh-” e “erzieh-” (Freud, 1976, v. IV, p. 323).

Neste fragmento de caso, considere especialmente interessante apresentar também o texto em alemão, pela riqueza de detalhes da análise de Freud que, em alemão, permitem entender melhor as passagens que ele fez.

Marcinowski [1911]: „Heute früh erlebte ich zwischen Traum und Wachen eine sehr hübsche Wortverdichtung. Im Ablauf einer Fülle von kaum erinnerbaren Traumbruchstücken stutzte ich gewissermassen über ein Wort, das ich halb wie

geschrieben, halb wie gedruckt vor mir sehe. Es lautet: ‘erzefilisch’ und gehört zu einem Satz, der ausserhalb jedes Zusammenhanges völlig isoliert in mein bewusstes Erinnern hinüberglitt; er lautete: „Das wirkt erzefilisch auf die Geschlechtsempfindung.“ Ich wusste sofort, dass es eigentlich „erzieherisch“ heissen solle, schwankte auch einigemal hin und her, ob es nicht richtiger „erzifilisch“ heisse. Dabei fiel mir das Wort Syphilis ein, und ich zerbrach mir, noch im Halbschlaf zu analysieren beginnend, den Kopf, wie das wohl in meinen Traum hineinkäme, da ich weder persönlich noch von Berufs wegen irgendwelche Berührungspunkte mit dieser Krankheit habe. Dann fiel mir ein „erzehlerisch“, das e erklärend und zu gleicher Zeit erklärend, dass ich gestern abend von unserer ‘Erzieherin’ veranlasst wurde, über das Problem der Prostitution zu sprechen, und ich hatte ihr dabei tatsächlich, um ‘erzieherisch’ auf ihr nicht ganz normal entwickeltes Empfindungsleben einzuwirken, das Buch von Hesse Über die Prostitution gegeben, nachdem ich ihr mancherlei über das Problem erzählt hatte. Und nun wurde mir auf einmal klar, dass das Wort „Syphilis“ nicht im wörtlichen Sinne zu nehmen sei, sondern für Gift stand, in Beziehung natürlich zum Geschlechtsleben. Der Satz lautet also in der Übersetzung ganz logisch: ‚Durch meine Erzählung habe ich auf meine Erzieherin erzieherisch auf deren Empfindungsleben einwirken wollen, aber habe die Befürchtung, dass es zu gleicher Zeit vergiftend wirken könne. „Erzefilisch = erzäh - (erzieh -) (erzefilisch)“ (FREUD, 1970, v. II, p. 303).

Gostaria de trazer um caso famoso da clínica de Lacan, relatado por Suzanne Hommel, sua analisante, em 1974. Este fragmento encontra-se no filme de Gérard Miller “Rendez-vous chez Lacan”:

Fragmento Cinco

Certo dia, em uma sessão, falei a Lacan de um sonho. Todos os dias acordo às 5 horas da manhã. Essa era a hora que os soldados da Gestapo (falado com pronúncia francesa) vinham buscar os judeus em suas casas. Nesse momento Lacan levantou-se bruscamente e veio, como um raio, de sua poltrona em minha direção, me fez um carinho extremamente doce na pele (*peau*). Naquele dia eu compreendi “*Geste à peau*” como um gesto. Gérard Miller, que a entrevista no filme, intervém e lhe pergunta: “Ele transformou “Gestapo” em “*Geste à peau*” e ela responde: “um gesto muito terno, um gesto extraordinariamente suave e essa surpresa não diminuiu a dor mas fez algo diferente. A prova é que agora, 40 anos depois, quando me lembro desse gesto ainda posso senti-lo no meu rosto. Foi um gesto assim como um apelo à humanidade, algo assim (MILLER, “Rendez-vous chez Lacan”, 2011)³⁴.

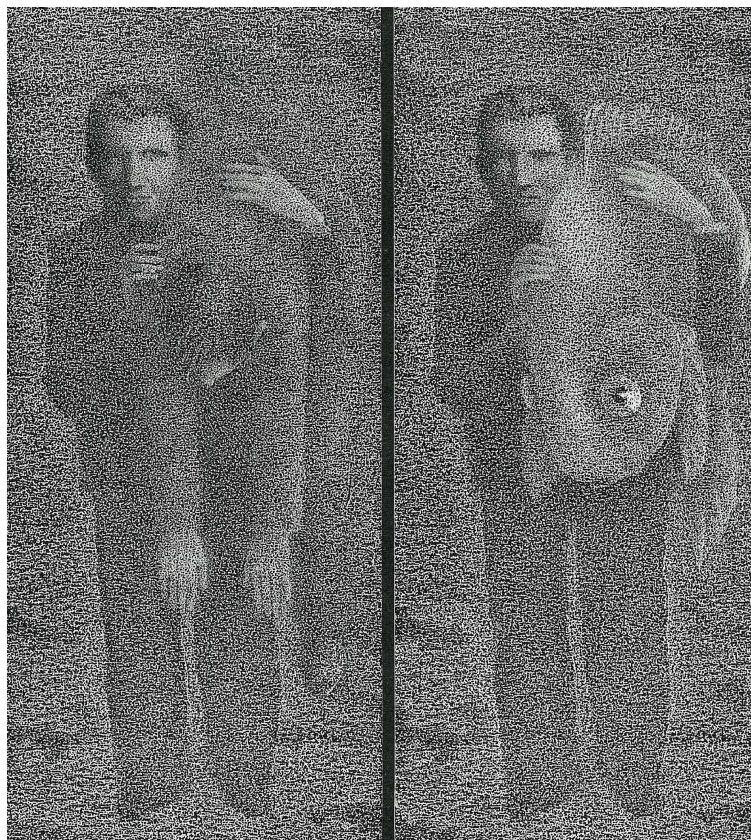
O *Fragmento seis* nos fala de um analisante de Jean Allouch que conta uma conversa à mesa com a mulher. Na noite anterior, ele havia sonhado que um homem carregava no ombro um corpo humano dobrado em dois e “de repente, esse corpo tinha a aparência de um peixe. Ele conta o sonho à mulher naquele momento porque lhe ocorre, na hora da refeição, um chiste que o fez contá-lo. O

³⁴ Tradução minha.

dizer do chiste implica determinadas condições no nível do ouvinte que deve ter conhecimento sobre o assunto. Sua mulher sabia, pois ela havia feito um comentário na noite anterior que dera origem ao sonho. Vendo-o nu, observou que ele havia engordado ao que ele respondera falando de sua intenção de começar um regime na segunda-feira (era domingo). O peixe do sonho (*poisson*) queria dizer “*son poids/seu peso*” e que assim ele carregava seu peso, de acordo com o sonho. Respondia assim à sua ouvinte sem ofendê-la. Ao relatar-lhe o sonho, comunicava-lhe que carregava seu peso!

Fragmento Seis

Voici deux images d'un de mes rêves, qu'un dessinateur ami a produites après avoir entendu la description que je lui en proposais. Chacune correspond à un moment du rêve, car il y a, dans ce rêve, le sentiment d'un passage de l'une à l'autre de ces deux images, d'une transformation de l'une en l'autre, d'une métamorphose (Ovide).



Le récit du rêve dit ceci : je porte sur l'épaule un corps d'homme plié en deux et, tout à coup, ce corps devient celui d'un poisson. Inquiétude. La veille au soir, me voyant nu, ma femme avait eu une de ces remarques assassines qui font les délices des couples, elle m'avait dit, l'air de rien, sans appuyer, mais tout de même : « Tiens... tu as grossi ! » Une autre étrangeté fut qu'au réveil je lui racontais ce rêve. Il est d'ailleurs curieux que les gens se racontent les rêves, quand bien même ils n'ont, explicitement, aucun sens. Pourquoi? Que se passe-t-il entre eux dans cet échange où, fait rarissime, l'on parle pour autre chose que pour transmettre un sens? La seconde image va nous permettre de répondre. Un jeu purement littéral, en effet, transforme «porter poisson» en «porter son poids». Je me porte dans la première image et la seconde se présente comme une victoire supplémentaire sur la censure par la transformation de ce corps que je porte en poisson: je porte poisson, autrement dit son poids - à savoir le mien. C'est ainsi que le rêve vient fournir une réponse au désagrément causé par la pénible remarque de ma femme, une réponse que, sans même le savoir dans l'instant où nous parlions, j'avais gardé par devers moi, et c'est la raison pour laquelle je le lui raconte, même si elle n'en a pas saisi le sens - car je le lui raconte brut, de manière chiffée, la mettant au défi d'en saisir le sens (ce n'est qu'après ce récit qu'une fois seul j'ai pu attraper le mot d'esprit qui en donnait la clef). Le rêve vient dire, vient revendiquer que oui, je porte mon

poids, et qu'il n'y a pas, pour le dire poliment, à me créer un problème avec ça. Le rêve rétorque à sa remarque quelque chose comme un « Fiche-moi donc la paix avec ça ». Il réalise mon désir d'envoyer aux pelotes la remarque désobligeante et, sans doute, l'auteur de cette remarque par la même occasion. Tel était son sens (Deutung) le plus immédiat.

(JEAN ALLOUCH / Historicité du rêve, hypnophilie de l'histoire / Centre Pompidou / le 16 mars 2005 / p. 4).

“O sonho não traduz e não é traduzível. Ele escreve invertido: aqui, o ‘*son poids*’ com a imagem do ‘*poisson*’” (ALLOUCH, 2007, p. 68).

François Leguil, em um seminário na Bahia, em abril de 1993, intitulado “A entrada em análise e sua articulação com a saída”, apresenta um caso clínico bastante interessante, cujo sintoma, no corpo, aparece como significante no sonho relatado ao analista, como segue:

Fragmento Sete

[T]ive um sujeito em análise cuja vida tinha sido sempre uma vida de justiça. Havia resistido com armas contra os alemães e, a seguir, dedicou toda a sua vida à justiça. Chegada a aposentadoria, consagrou seu tempo a todas as obras caridosas internacionais que lhe foram possíveis. Veio ver-me por causa de uma síndrome psicossomática, um sintoma dermatológico. Após quatro anos de análise esse sujeito se encontrou surpreendido por um sonho em que participava de um fato que foi um drama e uma vergonha para o meu país – a guerra da Argélia. Em seu sonho, matava um árabe, e um colega lhe dizia: “Tu fizeste a pele de um árabe (*tu a fait la peau d'un arabe*)”. “Fazer a pele de alguém (*faire la peau de quelqu'un*), em francês, quer dizer “matá-lo”. Pouco depois, seu sintoma desapareceu. Vocês veem que este homem de justiça (e ninguém poderia ousar rir da vida que ele teve, este homem, que passou sua vida lutando contra os carrascos, em seu fantasma era um carrasco (LEGUIL, 1993, p. 28).

No *Fragmento Oito*, outro analista, cujo nome não posso revelar em função do sigilo profissional, em uma comunicação pessoal, relata o caso de um analisante, de língua inglesa mas residente no Brasil:

Morava com os pais em uma casa na qual sempre ouvia o vendedor de vassouras (vassoureiro) passar pela rua anunciando: “vassoureiro, vassoureiro!”. Estava em um intenso trabalho de análise e, ele, ao relatar essa passagem, em seu *Durcharbeitung/Working-through* leu “*vesselrei*” ou “*vassalorêi*”, o que revela a questão de sua divisão entre vassalo e rei (“vassoureiro”).

Podemos dizer que se trata de um semantema que tem o mesmo sentido em inglês e português, com as devidas transformações.

Infelizmente, também não é possível revelar a fonte deste fragmento. Trata-se de uma comunicação na Escola de psicanálise e o sigilo do caso não permite.

Fragmento Nove

Outra analisante falava repetidamente em suas sessões de análise como se sentia uma fraude em diversas áreas de sua vida: na faculdade, no laboratório em que trabalhava (estagiava), no campo amoroso e assim por diante. Esse significante “fraude” aparecia constantemente em suas sessões. Nos poucos relacionamentos que elegia, com frequência, alguém pronto a abandoná-la. Descendente de pai alemão, certo dia, queixando-se de sua vida amorosa, voltou a dizer como se sentia uma “fraude”, ao que o analista interveio perguntando-lhe: “Qual a dificuldade em ser “Frau de” alguém? Com isso produz a queda da significação à qual a analisante estava fixada.

Neste capítulo, a principal preocupação estava em narrar os casos de maneira a produzir um mínimo de interferência e deixar que cada analista fizesse seu próprio relato. As análises e considerações acerca desses fragmentos de casos clínicos estarão no próximo capítulo.

“o dizer é justamente aquilo que fica esquecido por trás do que se ouve”

(LACAN, 2010, p. 69).

7

Sobre os casos clínicos

Depois de relatar os fragmentos de caso clínico no capítulo anterior, pretendo agora discuti-los considerando os conceitos que temos tratado até o momento, sem ser conclusiva e mantendo certo limite nesses comentários de modo que outra leitura seja sempre possível.

Embora os casos refiram-se, em grande parte, a momentos cruciais do tratamento e tenham produzido mudanças subjetivas importantes, isso escreve e por estar estruturado como uma escrita de traços, não cessa de não se ler.

Como se inicia esse processo? Pedir uma análise é fazer uma demanda a partir de um sofrimento. Essa entrada em análise é uma demanda específica, é ter o real como causa sob a forma de alguma coisa que não vai bem e, por isso, o sujeito sofre. O real que leva à análise é aquele que toma forma de sofrimento.

O tratamento analítico visa a uma realização subjetiva. Como há, desde o início, uma falta-a-ser, essa realização que a psicanálise busca é uma ascensão ao ser. São três os tipos de realização subjetiva: uma realização pela vertente significativa, da qual o sonho é a “via régia”, uma realização no fantasma, que Lacan chama de “travessia do fantasma” e, por fim, o terceiro tipo, que é a realização do lado do sujeito, na qual encontra-se o grande paradoxo da psicanálise: para que essa realização ocorra e o sujeito mude, é necessário fazê-lo ascender à castração (ser castrado). O que ocorre nessa travessia, na reelaboração da direção do tratamento de Freud a Lacan, é a destituição do sujeito.

Em suas reformulações da direção do tratamento, Lacan termina por marcar o final de análise pelo que ele chama de identificação ao sintoma, isto é, fazer calar a queixa ou fazer mudar a causa da queixa, e fazer desaparecer o sintoma. Levar o sujeito a suportá-lo sem que ele desapareça.

Para que a análise aconteça, pede-se ao paciente que abandone as censuras, fale livremente e siga a regra fundamental: a associação livre. Esta permite a construção do fantasma em análise que será sempre da ordem da ficção.

No início de uma análise, o sujeito crê no seu sintoma. Ele crê pois acredita que isso diz alguma coisa. E, em sua análise, ele tenta dizer o que isso diz.

À medida que ele procura dar mais conta do real do que do simbólico, desliza da palavra repleta de significação para o não-senso.

A cada novo dito, novas significações se decantam, este jogo, pela via dos significantes, é infinito. Acossar os pontos de significação fechados, petrificados, faz vacilar o saber constituído em significação, e suspende as certezas do eu que se apoiam, justamente, nessas significações para não permitir que o saber opere como verdade.

O além do princípio do prazer, o gozo, veicula um sentido graças ao qual é decifrado. Decifrar implica levar em conta cada um dos significantes. O que significa essa operação? Fazer passar de uma palavra a outra, de uma representação a outra, em uma elaboração, *Durcharbeitung*, que é uma redução ao sem sentido. O sem sentido do gozo faz passar em parte o sentido.

Os ditos esclarecedores, as escanções, a suspensão do sentido e demais operações que se produzem em uma análise, visam preparar este ponto crucial e muito difícil de se alcançar que é a interpretação. (ARREGUY, 1996, p. 126). Operam, desse modo, desfazendo essa cifragem sintomática que o cruzamento das cadeias significantes fez.

O problema é que o sintoma neurótico não é totalmente real. Na entrada, ele funcionou como real, no sentido de que ele se apresenta através do real. No entanto, em função do recalque, também é possível dizer que o sintoma, como dizia Freud, é uma mentira. Por que Freud diz que o sintoma é uma mentira? Porque como buscava entender o sintoma, considerava-o verdadeiro.

Um novo arranjo de letras, uma nova amarração sintomática, distinta da primeira, é esperada, pois todo o processo produz uma perda desse excesso de prazer, gozo, que o fantasma concentra. O resultado, diz Freud, é um pouco banal, consiste em suportar a vida sem o excesso de sofrimento neurótico. O que a interpretação produz de novo é um saber no lugar de verdade.

Lacan nos expõe, segundo sua leitura, o método freudiano de análise, sobretudo dos sonhos, e destaca como é sempre possível encontrar “uma sucessão de homônimas ou de metonímias, de formações onomásticas que são *absolutamente essenciais à compreensão do sonho*, e sem as quais este se dissipa, se esvaece.” (LACAN, 1997, p. 270).

Existem inúmeras possibilidades expressivas da língua que Lacan destaca em Freud dentre as quais estão condensação (*Verdichtung*) ou metáfora, deslocamento (*Verschiebung*) ou metonímia, transposição (*Entstellung*), sentido antitético (*Gegensinn*), metátesis (*Lautumdrehung*), anagrama, alusão, alítote, homonímia etc. Estas figuras podem ser encontrados em profusão, principalmente, nos textos de Freud “A interpretação dos sonhos” (1900), “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “Os chistes e suas relações com o inconsciente” (1905).

Com Lacan, e mesmo já em Freud, o caso clínico não é uma história da vida do analisante, com suas relações familiares, de trabalho e com o mundo que o cerca. Isso, como mencionamos no Capítulo VI, refere-se ao que poderíamos chamar de uma moral cotidiana que é posta em questão durante a análise.

É interessante constatar como o sonho acabou por estar presente na maioria dos fragmentos de casos clínicos trazidos, de uma maneira ou de outra. Afinal, Freud sempre nos afirmou que o sonho era a via régia para o inconsciente. Ele menciona as possibilidades que a língua do sonho oferece para a apresentação, composição do texto do sonho [*Darstellung, Darstellbarkeit*]. As instâncias que a “tradução onírica” percorre excedem o campo do signo linguístico e se situam na operação do significante psicanalítico. Isso se inclui no âmbito de *lalangue*, que é o domínio da linguística.

“*Ein Traum ist in der Regel unübersetzbar in andere Sprachen und ein Buch wie das vorliegende, meinte ich, darum auch*”³⁵ (FREUD, 1970, v. II, p. 118-119).

Um sonho, portanto, não é redutível ao passo de sentido nem “traduzível”, de certa maneira, de um idioma para o outro, de uma margem para a outra. O inconsciente fala muitos dialetos. Com ele nos deparamos com um real da língua com o qual é necessário saber lidar. É preciso poder escutar o dito! Depois dessa escuta abre-se a oportunidade de uma tradução possível.

Freud enfatiza que o valor simbólico dos sonhos, mesmo que apresentado como imagens, não pode ser interpretado apenas como composição pictórica. Ele coloca a palavra em jogo em inúmeras possibilidades combinatórias que nomeia: palavras combinadas (*Wortkombination*), compostas (*Mischwort*), jogos de palavras (*Witze* ou *Wortspiel*), palavras ponte (*Wortbrücke*). (KOOP, 1988).

³⁵ “É impossível, em geral, traduzir um sonho numa língua estrangeira e isso se aplica igualmente, imagino eu, a um livro como este” (FREUD, 1976, v. IV, p. 107).

Como se lê um sonho? O significante psicanalítico supõe uma letra que estabelece relações muito distintas do que se suporia, por exemplo, a uma simples representação fônica. Lacan enuncia: a letra, isso se lê! Que espécie de leitura a letra põe em jogo? Como se lê esta letra? A terminologia que se constrói para dar conta do fenômeno do sonho é eminentemente figurativa, representacional, de imagens. O sonho parece ocorrer em “outra cena”, diante dos olhos. Um dos mecanismos que permitem a construção de um sonho é o cuidado com a representabilidade (*Darstellbarkeit*), algo muito próximo à encenação.

O conteúdo do sonho é dado, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos signos devem ser transferidos, um a um, para a linguagem dos pensamentos dos sonhos. Se procurássemos ler esses signos segundo seu valor pictórico, e não de acordo com seu valor significante, seríamos claramente induzidos ao erro (SÁ, 2013, v. 17, p. 15).

Mas Lacan nos indica a direção correta da escuta e leitura do relato do sonho:

Eu lhes digo o que Freud fez. Digo-lhes como procede seu método. E, na verdade, basta abrir em qualquer página o volume da *Traumdeutung* para encontrar o equivalente. Eu teria podido tomar qualquer outro sonho, aquele por exemplo em que ele fala das gracinhas que lhe fizeram a respeito de seu nome, ou aquele em que figura uma bexiga natatória. Vocês acharão sempre uma sucessão de homônimas ou de metonímias, de formações onomásticas que são absolutamente essenciais à compreensão do sonho, e sem as quais este se dissipa, se esvaece. (LACAN, 1997[1985], p. 270).

Como a direção do tratamento, com Lacan, passa a ser, como já mencionamos, o que conhecemos como “construção do fantasma” até realizar sua travessia, em análise, ocorre uma mudança radical na questão do tempo. Não há nenhuma cronologia necessária, uma rememoração do que houve desde os tempos mais remotos até o momento da psicanálise, mas, como nos diz Freud, “um trabalho semelhante ao de um arqueólogo, no lugar de um objeto, que ‘teria existido’, emprego aqui o futuro anterior por ser o tempo verbal apto a significar o estatuto do sujeito do inconsciente, este deve ser de alguma forma ‘inventado’.” (KOOP, 1988, p. 27)

Lacan, em “La psychanalyse dans ses rapports avec la réalité” (1967), nos diz que “[A] realidade é comandada pelo fantasma de tal modo que o sujeito nele

se realiza em sua própria divisão” (LACAN, 1970, p. 58)³⁶. A construção do fantasma depende do ato psicanalítico. Implica fazer com que o sujeito tome consciência disso permitindo identificar a travessia do fantasma com a assunção da castração. (LEGUIL, 1993, p. 22-25)

Existem inúmeras possibilidades expressivas da língua que Lacan destaca, em Freud, a presença de condensação (*Verdichtung*) ou metáfora, deslocamento (*Verschiebung*) ou metonímia, transposição (*Entstellung*), sentido antitético (*Gegensinn*), metátesis (*Lautumdrehung*), anagrama, alusão, alíote, homonímia etc. em textos já citados como “A interpretação dos sonhos” (1900), “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “Os chistes e suas relações com o inconsciente” (1905) nos quais encontra-se, com mais frequência, exemplos de casos em que a linguagem destaca-se de maneira predominante.

No texto “O interesse científico da psicanálise” (1913), Freud esclarece que excede (*überschreite*) sem dúvida o significado usual da palavra (*gebrauchliche Wortbedeutung*), ao postular o interesse da psicanálise para o investigador da língua (*Sprachforcher*), (FREUD, 1976, v. XIII, p. 211), e prossegue enumerando as formas de expressão que ele considera como linguagem. Define não apenas “a expressão das ideias em palavras”, assim como toda forma de “expressão da atividade anímica como a escrita”. (FREUD, 1976, v. XIII, p. 211). Ele explicita o que entende como “exceder” o uso comum:

Estarei sem dúvida infringindo o uso linguístico comum ao postular um interesse na psicanálise por parte dos filólogos, isto é, dos peritos na *fala*, porque, no que se segue, a expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, como por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa (FREUD, 1976, v. XIII, p. 211).

Lacan se distancia dos analistas que lhe antecedem e que consideravam o eu como instância unificadora da personalidade à qual o analista deveria se aliar e tentar fortalecer no tratamento (DUQUE ESTRADA, 1989, p. 46). Ele distinguia o sujeito do inconsciente da dimensão imaginária do eu e começava a subordiná-la à ordem simbólica. Estava claro: “A análise não é essa reconstituição da imagem narcísica a que é reduzida bem frequentemente” (LACAN, 1986, p. 309).

³⁶ “La réalité, de ce fait, est commandée par le fantasme en tant que le sujet s’y réalise dans sa division même.” (LACAN, 1970, p. 58)

Vimos como Freud, em “Construções em análise” (1937), reconhece, para além do significante, o direito e a necessidade de “adivinhar³⁷ o que foi esquecido a partir dos indícios deixados ou, expresso de modo mais exato, de *construir*” (FREUD, 1970, v. XXIIIb, p. 293). “Was ist also seine Aufgabe? Er hat das Vergessen aus den Auszeichen, die es hinterlassen, zu erraten oder, richtiger ausgedrückt, zu *Konstruieren*” (FREUD, 1970, v. XXIIIb, p. 396).

Ao utilizar a palavra “*erraten*”, adivinhar, *colegir* (espanhol), *guess*, *divine*, temos o direito de reconhecer o trabalho do fantasiar (*Phantasieren*). Desse modo, a construção é uma forma de “fantasiar” necessária ao trabalho analítico e podemos considerar a construção (*Konstruktion*) como a forma adequada de *Fiktion*, ficção. Nessa época, o analista como “construtor” é entendido como polo ativo da relação nessa construção.

Lacan, no entanto, promove uma virada, nesse ponto, da direção do tratamento. Ao analisante caberá a tarefa (*Aufgabe*) de construção do fantasma, e a interpretação do lado do psicanalista incidirá sobre pontos de enigma, pontos desabitados, pontos de não saber do sujeito.

Para realizar este trabalho de discussão de fragmentos de casos clínicos, busquei em Freud alguns termos que nos indicam seu trabalho com a linguagem, a interpretação e as construções em análise. Dentre essas palavras, duas parecem falar de pontos importantes no discurso/fala do analisante: *Wortfuge*, e suas derivações *Wortfügung*, *Wortfugen* e *Knotenpunkt*. *Wortfugen* (sem tradução para o português) que consiste na possibilidade, em alemão, de unir umas palavras a outras formando um aglomerado de palavras, que passa a constituir uma nova palavra capaz ou não de modificar o sentido das palavras constituintes e/ou apresentar outra possibilidade de significação. Encontramos, em português, como sua tradução, “formações sintáticas”, também usado em espanhol, e em inglês “*arrangement of words*”. Percebe-se como esses arranjos ou formações podem ter resultados variados, embora possuam uma maneira específica de se constituírem, como bem explica Freud na citação da “Interpretação dos sonhos”. Ele utiliza *Wortfugen* em sua obra por duas vezes: na “Interpretação dos sonhos”, parte VI,

³⁷ “Adivinhar”, *erraten* no original em alemão, e não “completar”, como está na tradução da Imago para o português. “Completar” é uma palavra cujo sentido distorce a questão de que se trata nas construções em análise.

quando fala do trabalho do sonho, “A elaboração onírica”, e em “Análise terminável e interminável”, como segue:

as formações verbais defeituosas³⁸ dos sonhos se assemelham grandemente com as familiares na paranoia, mas que também estão presentes na histeria e obsessões. Os truques linguísticos³⁹ executados por crianças⁴⁰, que, às vezes, na realidade tratam palavras como se fossem objetos e além disso inventam novas linguagens, formas sintáticas [*Wortfügungen*] artificiais, constituem a fonte comum dessas coisas igualmente em sonhos e psiconeuroses (FREUD, 1976, v. IV, p. 323).

A outra ocorrência, em “Análise terminável e interminável” refere-se à frase [tradução de *Wortfügung*] “livrar-se permanentemente de uma demanda instintual” (FREUD, 1976, v. XXIIIa, p. 256).

Die Formel wäre dann abzuändern: derzeitige Triebstärke anstatt der konstitutionellen. Die erste unserer Fragen [S. 364] hat gelautet: »Ist es möglich, einen Konflikt des Triebs mit dem Ich oder einen pathogenen Triebanspruch an das Ich durch analytische Therapie dauernd und endgültig zu erledigen?« Es ist wahrscheinlich zur Vermeidung von Mißverständnis nicht unnötig, näher auszuführen, was mit der Wortfügung: dauernde Erledigung eines Triebanspruchs gemeint ist. Gewiß nicht, daß man ihn zum Verschwinden bringt, so daß er nie wieder etwas von sich hören läßt. (FREUD, 1970, Ergänzungs Band, p. 365).

Se assim for, teremos de modificar nossa fórmula e dizer “a força das pulsões *na ocasião*, em vez de “a força *constitucional* dos instintos”. A primeira de nossas questões foi: “É possível, mediante a terapia analítica, livrar-se de um conflito da pulsão com o eu, ou uma demanda pulsional patogênica dirigida ao eu, de modo permanente e definitivo? Para evitar a má compreensão é necessário, talvez, explicar com mais precisão o que se quer dizer [com a frase] por “livrar-se permanentemente de uma exigência pulsional”. Com certeza, não é “fazer com que a exigência desapareça, de modo que mais nada se ouça dela novamente.”⁴¹

É interessante observar as dificuldades que esta palavra *Wortfugen* apresenta em sua tradução. Pode constituir desde a união de duas palavras até corresponder a uma frase inteira como no caso do exemplo acima, em “Análise terminável e interminável”.

No livro dos chistes encontramos:

³⁸ Em espanhol encontramos “deformaciones léxicas” para *Wortverbildungen*.

³⁹ *Sprachkunste*, ou seja, melhor seria como em espanhol “artifícios verbais”, pois trata-se de uma palavra que reúne *Sprache*, língua, linguagem, e *Kunst*, arte. Juntas seriam mais bem traduzidas por “artifícios verbais”.

⁴⁰ Refere-se aqui ao Capítulo IV do livro sobre os chistes no qual Freud explicitará esse tipo de formação lexical.

⁴¹ Tradução minha.

Em um grupo desses chistes (jogos de palavras, chistes inocentes [*harmlos Witze*]), a técnica consistia em focalizar nossa atitude psíquica em relação ao som [*Wortklang*] da palavra em vez de seu sentido – em fazer com que a apresentação (acústica) [(*acustische*) *Wortvorstellung*] da palavra tomasse o lugar de sua significação, tal como determinada por suas relações com as representações das coisas [*Dingvorstellungen*]. (FREUD, 1976, v. VIII, p. 141-142).

Freud nos indica ainda, na “Interpretação dos sonhos” como em muitos casos a “grafia das palavras é muito menos importante do que seu som, especialmente quando temos em mente que a mesma regra é válida no verso rimado” (Freud, 1976, v. V, p. 433)⁴²:

Em alguns casos, uma mudança de expressão dessa espécie ajuda a condensação onírica ainda mais diretamente, encontrando uma forma de palavras [*Wortfügung*] que, devido à sua ambiguidade, é capaz de dar expressão a mais de um dos pensamentos oníricos. Dessa forma, toda a capacidade para o chiste verbal [*Wortwitzes*] é colocada à disposição da elaboração onírica. Não é preciso ficar surpreendido com o papel desempenhado pelas palavras na formação onírica. As palavras, visto serem os pontos nodais [*Knotenpunkten*] de numerosas ideias, podem ser consideradas como predestinadas à ambiguidade; e as neuroses (por exemplo, o formar obsessões e fobias), não menos que os sonhos, se utilizam francamente das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce. (FREUD, 1976, v. 5, p. 362)

Depois de expor a fundamentação teórica encontrada em Freud e Lacan para proceder à discussão dos fragmentos clínicos, será possível refletir acerca do que apresentam. Cabe tomá-los um a um procurando indicar os pontos em que comparecem as matérias que foram sendo elaboradas ao longo desta dissertação.

Em primeiro lugar, constatamos a presença de significantes privilegiados que dirão sobre a posição do sujeito no fantasma, posição esta que é um enigma para o sujeito e sobre a qual precisará inventar, construir, fantasiar e representam o sujeito. Com isso, o sujeito entra em novas associações. Nos casos relatados encontramos *lalangue*.

Temos, assim, a passagem da “fixação” em determinado significado à possibilidade de que haja uma elaboração de uma ficção, à liberdade de contar a própria história, de poder contá-la de outra maneira, de falar de um outro lugar.

⁴² “Dass zu Zwecken der Darstellung im Traume die Orthographie weit hinter dem Wortklang zurücktritt, wird uns nicht gerade wundernehmen, wenn sich z.B. der Reim ähnliche Freiheiten gestatten darf.” (FREUD, 1970, v. II, p. 396)

O primeiro fragmento é um relato da análise de Freud, ao teorizar sobre o conceito de fetiche, em que pode escutar em “*Glanz auf der Nase*”, um *glance*, em inglês, referindo-se a certo “brilho no nariz”, o lugar em que o sujeito se constitui. Verifica-se a importância do som, *Wortklang*, e da homonímia, nessa escuta. Este significante revela o objeto do fetiche que emergiu no discurso do paciente a partir da *lalangue*, o que há de mais íntimo. Essa construção é tão reveladora porque traz na fala do paciente a língua que o constitui: a língua materna. Ela mostra como a organização fantasmática do sujeito se ordena em tão tenra idade.

Os fragmentos dois, três e quatro, que lhe sucedem, são também relatos de fragmentos de casos de Freud, seja dele próprio, autoanálise, seja de um paciente, cuja importância capital Lacan resgata. Creio que nada mais rico do que poder ler em Freud a forma como realiza as análises de sonho suscitadas pelos mecanismos que ele mesmo descreve tão bem e de maneira detalhada. Verifica-se a presença de homonímias, neologismos, metáforas e outros, que se presentificam por meio de condensação e deslocamento etc. Estes operam permitindo, com o relato do sonho, o surgimento da verdade do sujeito.

Os efeitos de significado surgem de jogos significantes, da substituição de um significante por outro, ou por poder quebrá-los, parti-los ou escandi-los em diversos fragmentos, cada um permitindo novas significações como o que ocorreu no *fragmento nove*, aqui “fraude/Frau de”, ou do *fragmento seis* “*poisson/son poids*”, dentro da sobredeterminação da cadeia. A verdade surgiu a partir da equivocação.

No *fragmento oito*, caso clínico do “vassalorei/vassalorrei”, quando este significante é destacado, fruto de um trabalho de elaboração do próprio analisante, em análise, a partir de “vassoureiro”, isso lhe retorna questionando qual é sua posição no fantasma: vassalo ou rei? Ele estava dividido nessas duas posições e, aprisionado-fixado-congelado nesse lugar, não conseguia se “movimentar”.

No *fragmento sete*, caso apresentado do analisante de Leguil, um homem da lei, que lida com o Direito, em quem comparece no sintoma o que era do fantasma: ele apresenta uma doença na pele, um sintoma dermatológico, e traz à análise os significantes que apontam para o que estava recalcado no fantasma, seu prazer sádico. “*Faire la peau*”, literalmente “fazer a pele”, é uma expressão em francês que, como relatamos no caso, possui o sentido de matar, colocando-o no lugar de carrasco. Aparece na pele a culpa inconsciente por ser carrasco.

A verdade é da ordem da ficção, pois se trata de uma história que o sujeito constrói para dar conta desse lugar, do horror que o habita. Esse não saber sobre esse significante que falta aparece para o sujeito como angústia.

Esses pontos falam de como o sujeito é indeterminado: quem sou eu? O sujeito não consegue se localizar antes de saber o que foi no desejo do Outro.

Ao longo de uma análise, são significantes que começam a se repetir, aparecem nas homofonias, nas *Worfulgen* e a atenção flutuante do analista pode escutar-ler nos movimentos de abertura e fechamento do inconsciente. Não se deve ler nas entrelinhas mas sim nas linhas!

Os significantes que emergem na fala do analisante a partir da escuta do analista são significantes que se destacam, significantes privilegiados; como estão no discurso do sujeito estarão certamente referidos a um ponto nodal (*Knotenpunkt*) em uma análise (em trabalho de análise).

Allouch, no *fragmento seis* insiste em destacar a questão da *Bilderschrift* no sonho mostrando como estas duas imagens se sucedem, primeiro um homem é carregado e depois o corpo carregado é de um peixe. Não admite que o sonho transcreva, no sentido utilizado por ele em *A clínica do escrito* ou *Traduzir, transcrever, transliterar*⁴³. Nesse caso emprega uma noção de transcrever que seria uma maneira de ver o escrito que se apoia não mais no sentido mas no som. É o que chamamos de escrita fonética. Um som por letra e uma letra por som. Essa constitui a regra de transcrição formulada entre outras na gramática de Port-Royal. Para ele alguma coisa na escrita resiste à sua redução a um redobramento na fala e a escrita não é uma fala para os olhos. “*Poisson*” é homófono de “*poids son*”. Esse encontro só pode acontecer no francês falado.

“Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando.” (LACAN, 1998a, p. 301).

⁴³ Esse livro possui duas edições no Brasil, pela Companhia de Freud, tendo a primeira, de 1995, utilizado como título *Traduzir, transcrever, transliterar* e a de 2007 *A clínica do escrito*. O título original, no entanto, é *Lettre pour lettre: traduire, transcrire, translittérer*, de 1994.

Considerações finais

Como disse, na introdução, esta dissertação começou com os estudos da tradução, em 2000, curso para o qual escrevi, como conclusão, uma monografia intitulada “Lugar do ideal & Lugar da falta”.

Embora não seja explícita a presença da tradução pode ser percebida ao longo deste trabalho. Seja nos trechos que não traduzi, naqueles que traduzi, seja ao apresentar os casos clínicos, seja na elaboração e discussão dos casos, nos significantes que trouxe em alemão, utilizados por Freud, como *Wortfuge-Worfugen-Wortfügung*, *Wortklang*, *Entstellung*, *Konstruktion*, *Phantasieren*, dentre outros; em francês, *langue* e *parole* assim como os exemplos de linguistas como Damourette e Pichon. Enfim, sempre que os achei necessários para compreender e desenvolver as ideias apresentadas.

No encadeamento desta dissertação, a questão do significante esteve presente desde a primeira linha, quando se discutiu, no primeiro capítulo, a linguística saussureana e a leitura que Lacan fez, com ajuda de Jakobson, promovendo uma diferença importante entre signo saussureano e signo linguístico, *langue* e *lalangue*, linguística e linguisteria.

Para entender a incidência dessas elaborações teóricas sobre o sujeito, prossegui procurando entender como Lacan havia chegado à sua concepção de sujeito do inconsciente, *fala/parole*, escrita psíquica e a relação fundamental e intrínseca entre sujeito e significante.

Os fragmentos de casos clínicos foram escolhidos pensando na importância de determinados significantes, que aparecem e insistem, no percurso de uma psicanálise, trazendo como a intervenção do analista permitiu que o analisante abandonasse a fixidez de sentido e empreendesse o caminho de construção de seu fantasma até a sua travessia.

Desde o início desta dissertação que falo, de maneira insistente, sobre a falta do significante no campo do Outro. Estabeleci um paralelo entre a tradução e a psicanálise ao pensar que a tradução assim, como as construções em análise, procuram dar conta, fazendo borda, inventando, criando, construindo essa falta de

significante no campo do Outro da linguagem, produzindo algo em seu lugar, nesse impossível de *traduzir*.

Ao ocupar o lugar de analista, este estudo, que começou com os estudos da tradução, teve efeitos em meu trabalho, de diversas maneiras, ao longo desse tempo. Seja no lugar de analista, ocupando um lugar na direção da escola, na Seção de Escrita e Publicação, enfim, na Escola, de modo geral, e no consultório, com a escuta dos analisantes. A psicanálise fez com que eu tivesse que lidar com um impossível de traduzir.

Desde aquela época deparava-me com a inexistência desse significante que o tradutor busca. Ele busca um significante que não existe: aquele que recubra, perfeitamente, o campo semântico do significante da língua de partida.

Os fragmentos de casos clínicos, por sua vez, expressam de que maneira o sujeito, em uma análise, pode fazer a construção de seu fantasma e, com isso, realizar uma mudança subjetiva importante, podendo abrir mão de sua queixa, seu sofrimento neurótico e aprender a *savoir y faire* com seu sintoma.

Penso que há uma pretensão de equivalência significante em outra língua na tradução e na psicanálise. Assim como o sujeito constrói um fantasma para poder saber lidar com seu sintoma ou, como diz Lacan, *savoir y faire* com o sintoma.

Ao longo desse percurso em que comecei falando como tema do lugar ideal, a possibilidade dessa equivalência ao lugar da falta. Nesse momento, coloca-se de fato a impossibilidade de que essa falta seja suprimida, tamponada, e que resta deixar emergir um significante novo que surpreenda o sujeito relançando-o no seu desejo. Isso será efeito da mudança subjetiva que aí se operou.

Mas a psicanálise me permitiu perceber, e evidenciou, essa impossibilidade de equivalência de significantes em outra língua. Esse impossível está marcado no impossível de cada língua de poder ser totalmente transmitida.

Desse ponto, o olhar sobre o título da monografia mudou. Foi através desse tempo que se produziu, em vez de lugar de ideal, lugar de falta, portanto, um deslocamento, pois o lugar do ideal seria um lugar imaginário, encobridor.

Para a psicanálise, o lugar da falta que deverá ser privilegiado e que vai permitir que o sujeito se liberte do seu engessamento neurótico só será possível a partir de uma operação sobre a linguagem.

Para concluir, a contribuição deste estudo está em ter me permitido trabalhar com a linguagem certas dificuldades e interrogações suscitadas pela clínica psicanalítica e poder ampliar, com isso, meu trabalho como psicanalista, assim como a psicanálise me colocou, mais uma vez, frente a tarefa da tradução. Ao estabelecer os fundamentos para executar o estudo, muitos caminhos surgiram, me possibilitando/permitindo a teorização acerca da importância dos efeitos da linguagem na práxis psicanalítica, que pretendo continuar a desenvolver estendendo este trabalho às análises de sonhos e chistes em Freud e Lacan, em um futuro próximo.

Referências bibliográficas

ARREGUY MAIA, Elisa. Interpretação. **1º Fórum Mineiro de Psicanálise**, 1996. Belo Horizonte: Editora Santa Edwiges, 1996, pp. 124-126.

_____. A escrita – Lógica – do Fantasma $\$ \langle \rangle a$. In: **Transfinitos: Limites do Saber**. Belo Horizonte: Aleph – Escola de Psicanálise, 2011, pp. 36-40.

ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. Lacan gramático. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 9-40, Dez. 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982000000200001&lng=en&nrm=iso. Acessado em 30 de outubro de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982000000200001>.

ARRIVÉ, Michel. (1986/1994) **Lingüística y psicanálisis**. México: Siglo XXI editores, 2001.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. **Os poderes da palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ASSOCIATION MONDIALE DE PSYCHANALYSE. **Les pouvoirs de la parole**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

ASSOUN, Paul Laurent. **A metapsicologia freudiana**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BADIOU, Alain. **Para uma nova teoria do sujeito**. Tradução: Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BENVENISTE, Émile. “O aparelho formal da enuncia o”. In: **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 1989, artigo pp. 81-96.

_____. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 1995.

CARVALHO, Frederico Z. F. Letra, linguística, linguisteria. In: **Transfinitos: percurso de letra**. Belo Horizonte: Aleph – Escola de Psicanálise, 2005, pp. 101-110.

CHEMAMA, Roland. **Dictionnaire de la psychanalyse**. Paris: Larrousse, 1993.

- COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Tradução: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- COSENTINO, Juan Carlos. **Las resistencias en la pratica freudiana**. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1987.
- COUTINHO JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vol 1: As bases conceituais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DAMOURETTE, Jacques e PICHON, Édouard. **Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française**. Paris: Collection des linguistes contemporain, 1911-1927.
- _____. “Sur La signification psychologique de la négation en français”. In: **Grammaire et inconscient. L’Unebévue**, no. 2, Mercuès: Impression France Quercy, 1993, pp. 29-53.
- DUCARD, Dominique. **Les theories de l’énonciation: Benveniste après demi-siècle**. Disponível em <http://aas.revues.org/454>, 2012, acessado em 03 de abril de 2016.
- DUQUE ESTRADA, Dulce. “RSI e o seminário 1”. In: **Dizer** no. 8. Rio de Janeiro: Escola Lacaniana de Psicanálise, 1994/1995, pp. 44-48.
- ÉCOLE FREUDIENNE DE PARIS. “Radiophonie”. In: **Scilicet**. vol. 2/3. Paris: Éditions du Seuil, 1970, pp. 55-99.
- ELIA, Silvio Edmundo. **As unidades lexemáticas**. Disponível em www.filologia.org.br/anais/anais_003.html, acessado em 10/01/2017.
- FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano entre a linguagem e o gozo**. Tradução: Maria de Lourdes Sette Câmara. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- FRANCO FERRARI, Ilka. “Psicanálise e linguagem”. In: **Revista de Psicologia clínica**, vol. 16, PUC-RIO. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004, pp. 59-70.
- FREIRE, Ana Beatriz Freire; FERNANDES, Francisco Leonel e SANTOS SOUZA, Neusa. **A ciência e a verdade: um comentário**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 1996.
- FREUD, Sigmund. “El uso de la interpretación de los sueños en el psicoanálisis” (1911). In: **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986, v. 12, pp. 83-84.

_____. “Más alla del principio de placer” (1920-1922). In: **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986, v. 18, pp. 1-62

_____. “Sobre a concepção das afasias”. In: **Afasias**. Tradução: Renata Dias Mundt. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

_____. “Estudos sobre a histeria” (1893-1895). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “Fragmento da análise de um caso de Histeria” (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1916-1917[1915-1917]). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “Conferência XVIII – Fixação em traumas – o inconsciente” (1916-1917). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “A negativa” (1925) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “O fetichismo” (1927). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXIa. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “O mal-estar na civilização” (1930). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXIb. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “Análise terminável e interminável” (1937). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXIIIa. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “Construções em análise” (1927). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXIIIb. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “O interesse científico da psicanálise” (1913). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “A interpretação dos sonhos” (1900). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. “*Konstruktionen in der Analyse*” (1937). In: **Studienausgabe, Ergänzungsband**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1970.

_____. “*Die Zerlegung der psychische Persönlichkeit*” (1933[1932]). In: **Studienausgabe**, B. I. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1970.

_____. “*Das Unbewusste*” (1915). In: **Studienausgabe**, B. IIIa. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1970.

_____. “*Fetischismus*” (1927). In: **Studienausgabe**, B. IIIb. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1970.

_____. “*Das Interesse der Psychoanalyse für die nicht psychologischen Wissenschaften*” (1933[1932]). In: **Gesammelte Werke**, B. VIII. 4^a. ed. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 1972.

GAY, Peter. **Freud. Uma vida para o nosso tempo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, Clara. “Das agruras de escrever um caso clínico”. In: **Do real, o que se escreve?** Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana: 7Letras Editora, n. 40, 2009, pp. 293-299.

GOLDEMBERG, Isabel. “Linguagem e saber”. In: **Experiência de saber**. Revista da Escola Letra Freudiana, no. 43. Rio de Janeiro: 7Letras Editora, 2011, pp. 101-108.

GONDIM, Sérgio. A língua materna... *lalangue*. In: **Transfinitos: Limites do Saber**. Belo Horizonte: Aleph – Escola de Psicanálise, 2011, pp. 147-156.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 10^a ed., 1989.

KOOP, Guillermo. **El psicoanálisis y las teorías del lenguaje**. Buenos Aires: Catálogos Editora, 1988.

KRIS, Ernst. “*Ego psychology and interpretation in psychoanalytical therapy*” (1951). In: **The psychoanalytical Quarterly**, v. XX, 1951, pp. 15-30.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Tradução: Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1974.

LACAN, Jacques. **Lacan in Italia 1953-1978**. Milão: La Salamandra, 1978, pp. 104-147.

_____. “Radiofonia” (1970). In: **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003 e em *Scilicet* 2/3, 1970, pp. 55-99.

_____. “Conférences et entretiens – Yale University”. In: **Scilicet** 6/7. Paris: Éditions du Seuil, 1976, pp. 6-63.

_____. **Conferência: Lacan in Italia 1953-1978**. Milão : La Salamandra, 1978.

_____. **O seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud**. Tradução: Betty Millan. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

_____. **O seminário, livro 3, As psicoses**. Tradução: Aluisio Menezes. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

_____. **O seminário, livro 8, A transferência**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992.

_____. **Televisão**. Tradução: Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. **O seminário, livro 4, A relação de objeto**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996.

_____. **O seminário, livro 20, mais, ainda**. Tradução: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O seminário, livro 17, O avesso da psicanálise**. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

_____. **O seminário, livro 5, As formações do inconsciente**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Nomes-do-pai**. Tradução: André Telles. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. 2006 **Meu ensino**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **O seminário, livro 7, A ética da psicanálise**. Tradução: Antonio Quinet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **O seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.

_____. **Encore**, Escola Letra Freudiana, Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola. Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Estou falando com as paredes**. Tradução: Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011. Título original: Je parle aux murs.

_____. **O seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação**. Tradução: Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

_____. **Écrits**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

_____. **Le séminaire, livre XX, Encore (1971-1973)**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

_____. **Le séminaire, livre II, Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique de la Psychanalyse. (1954-1955)**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

LACAN, Jacques. B1981 **Le séminaire, livre III, Les Psychoses. (1955-1956)**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

_____. **Le séminaire, livre VII, L'Étique de la psychanalyse. (1959-1960)**. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

_____. **Le séminaire, livre XVII, L'envers de la psychanalyse. (1969-1970)**. Paris: Éditions du Seuil, 1991.

_____. **Autres écrits**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

_____. **Le séminaire, livre XVI, D'un Autre à l'autre**. Paris: Éditions du Seuil, 2006.

_____. **L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (1976-1977)**. Seminário inédito.

_____. **Moment de Conclure (1977-1978)**. Seminário inédito.

_____. **O saber do psicanalista**. Seminário inédito.

_____. **R.S.I. (1974-1975)**, seminário inédito.

LEGUIL, François. **A entrada em análise e sua articulação com a saída, seminário**. Salvador, Bahia, 1993.

LIMA VAZ, Nestor. “Lacan e a subversão do sujeito” In: **Sujeito e linguagem**. Letra Freudiana Escola, Psicanálise e Transmissão. Colóquio psicanálise e filosofia. Rio de Janeiro: Revinter, n. 22, 1997, pp. 127-135.

MACHADO, Bruno F. V. A gramática de Damourette e Pichon com Lacan: uma problemática da enunciação. In: **Alpha**. São Paulo, 56 (1), 2012, pp. 309-324.

MARIANI, Bethania. **Silêncio e metáfora, algo para se pensar**. Apresentado no II Congresso da Metáfora na linguagem e no pensamento. Niteroi, 2004.

_____. Nome próprio e constituição do sujeito. In: **Letras**. Santa Maria, 2014, pp. 131-141.

MATTHEWS, P.H. **The Concise Oxford Dictionary of linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1981.

MILLER, Jacques-Alain; SOLER, Colette et al. **Acto e interpretacion**. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1984.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Tradução: Angela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Introduction à une science du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

_____. **A obra clara**. Tradução: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. **Le périple structural, figures et paradigmes**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

_____. **Linguística e Psicanálise**. Rev. Estud. Lacan., Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. p-pp, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso>, acessado em 30 de outubro de 2016.

MORAES REGO, Claudia. **Traço, letra, escrita**. Freud Derrida, Lacan. Rio de Janeiro: 7Letras Editora, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Tradução: Eni Puccineli Orlandi et al. 4ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SÁ, Patricia Noronha de. “Tradução e interpretação dos sonhos”. **Revista escrita** (PUCRJ. Online), v. 17, 2013, p. 1-17. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=input0 Acessado em 20 de janeiro de 2017.

SAFOUAN, Moustapha. Lacaniana, **Les séminaires de Jacques Lacan**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2005.

SAMSON, Françoise. “Construções em análise”. In: **Transfinitos: Limites do saber**, v. 10. Belo Horizonte: Aleph - Escola de Psicanálise, 2011, pp. 105-124.

_____. “A interpretação”. In: **O que é uma psicanálise?** Revista da Escola Letra Freudiana no. 46. Rio de Janeiro: 7Letras Editora, 2014, pp. 107-113.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bailly e Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Rio de Janeiro: Editora Cultrix, 2000.

SOLER, Colette. A clínica do real. In: **Folha 30**, Revista da clínica freudiana. Salvador: Editora Fator, s.d., pp. 17-31.

_____. As regras da interpretação. In: **Artigos Clínicos**. Tradução: Elena Lopes Colb. Salvador: Editora Fator, 1991, pp. 74-81.

SOLER, Colette. Identificação e interpretação. In: **Artigos Clínicos**. Tradução: Elena Lopes Colb. Salvador: Editora Fator, 1991, pp. 89-95.

VICENZI, Eduardo. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. **Ágora** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 27-40, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000100002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 05 de janeiro de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000100002>.

VIDAL, Eduardo. “Cogito, sujeito da ciência e objeto da psicanálise”. In: **Sujeito e linguagem**. Letra Freudiana Escola, Psicanálise e Transmissão. Colóquio psicanálise e filosofia. Rio de Janeiro: Revinter, n. 22, 1997, pp.137-145.

_____. “Acerca do caso clínico”. In: **Formações do inconsciente, Transfinitos**, v. 14, pp. 313-325. Belo Horizonte: Aleph – Escola de Psicanálise, 2015, pp. 313-325.

Bibliografia consultada

COIMBRA, Maria Lucia. Ato analítico. **1º Fórum Mineiro de Psicanálise**, 1996. Belo Horizonte: Editora Santa Edwiges, 1996, pp. 119-121.

GARCIA, Célio. Psicanálise em extensão. **1º Fórum Mineiro de Psicanálise**, 1996. Belo Horizonte: Editora Santa Edwiges, 1996, pp. 129-153.

LAPLANCHE, J. E PONTALIS, J-B. (Jean Baptiste). **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1967.

MARTINHO, Maria Helena. A interpretação psicanalítica: "um dizer nada". **Stylus** (Rio J.), Rio de Janeiro , n. 24, p. 77-84, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 jan. 2017.

MEYER, Alan Victor. **O Discurso de Roma: ponto de inflexão da psicanálise**. Ide (São Paulo), São Paulo , v. 32, n. 49, p. 170-176, dez. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062009000200018&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 03 de janeiro de 2017.

SIMONNEY, Dominique. “La naissance de lalangue”. Cairn, **Lalangue en questions**. Paris: Érès, 2012, no. 29, pp. 7-16.